

**GONZAGA**  
OU  
A CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES  
**ROMANCE**  
POR  
*Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.*

---

PRIMEIRO VOLUME.

---

\*

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA DE TEIXEIRA & Ca.  
RUA DOS OURIVES N. 21.  
1848.

\*Escrito a mão: “Offerecido a Bibliotheca Nal. e Publica pelo  
autor”.

### **Introdução.**

Poucos brasileiros haverá talvez que não conheçam os nomes de Gonzaga, do Tira-dentes, de Alvarenga, de Claudio Manoel, de José Maciel, etc.; e poucos existirão que saibam ao certo de suas desgraças, e ainda um seculo se não deitou sobre este acontecimento, que chamamos – Conjuração do Tira-dentes! - Sabemos porém que Tira-dentes com outros conspirou contra o governo de seu tempo, que nessa conspiração se-involveram os personagens mais notaveis da capitania de Minas; sabemos que Gonzaga pelo mesmo tempo amava, e era amado, e que comprometteu-se na mesma conjuração; sabemos que estes homens foram delatados, mettidos em processo, e sentenciados a varias penas: dos pormenores porém que occorreram antes, durante, e depois da conjuração, desses não temos a menor certeza: mas tambem o romancista não carece de mais: sua tarefa não é por sem dúvida a do historiador, á este a verdade; áquelle a verdade e a ficção, ou ainda só esta.

Quando o romancista toma por fundo de sua obra um facto já consignado na historia, e de todos sabido, com quanto esse facto occorresse revestido de taes, ou taes circunstancias, nem por isso o romancista está obrigado a dal-o pela mesma conta,

peso, e medida, missão esta que só ao historiador compete. A Historia é a representação dos factos taes, e quaes occorreram, é o retracto da natureza tal, e qual ella é; e seu fim é, no presente, a lição do passado para prevenção do futuro, isto é, instruir; embóra os factos alli consignados deleitem, ou não. O fim porém do romancista é (si o fundo de sua obra é fabuloso) apresentar quasi sempre o bello da natureza, deleitar e moralisar. Si nesse fundo ha alguma cousa, ou muito de historico, então melhorar as scenas desagradaveis da natureza, corrigir em parte os defeitos da especie humana: adoçar os mais terriveis traços de horrorosos quadros, tendo sempre por fim deleitar, e moralisar, ainda que instrua pouco, ou nada. Assim a historia é para o romancista, como a poesia para o musico; a historia offerece o assumpto sobre o qual pôde o romancista descorrer á seu livre arbitrio, sem que imponha lhe o menor freio; da mesma sorte a poezia offerece ao musico os versos sobre os quaes compõe elle sua musica a seu bel-prazer, conservando apenas nella o timbre, ou gosto da poezia, segundo fôr mais alegre, ou mais melancolico.

Eis o como penso a respeito do romancista; e creio que muita gente. Não se-esquecendo o leitor deste principio vá certo de achar aqui um romance, e não uma historia, ou apontamentos de factos ha algum tempo occorridos.

**GONZAGA**  
**OU**  
**A CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES.**

**I.**

**NADA É MAIS E NADA MENOS QUE UM POETA.**

Um homem, cujo fundo é cheio de virtudes, amigo do bem, dado á piedade, e que apesar destas bellas qualidades é um composto de contradicções, leitor, sabeis vós quem seja? Talvez que não. Nesse caso vede si o-conheceis pelos signaes de seu moral.

Amigo até o entusiasmo, exige de seu amigo uma amizade suprema, porque sua amizade é pura e fina, como a amizade de um anjo! Amante até a loucura, pertende (*sic*) de sua amada um amor sacrosanto, porque seu amor é bello, e divino, como o amor de um Deos! Zeloso até o crime, no fogo de seu ciume seria capaz de beber o sangue de seu rival, para com esse sangue apagar em seu coração as chammass ateadas pelo seu ciume! Desconfiado até

a desconfiança dos proprios meritos, suppõe que seu amor, e sua amizade sempre são empregados debalde! Orgulhoso até o egoismo, não soffre a menor idéa de superioridade em seu detrimento! Enthusiasta da liberdade até a admiração pela vida dos nomades, elle se acredita seu apostolo sobre a terra! Entretanto escravo de suas affeições, uma mulher o-domina, como sua senhora; um amigo o-governa, como seu tutor! Capaz de odiar com um odio do inferno, elle ama com um amor do ceo! As vezes estoico, seu coração é inhabalavel ao prazer, sua alma é insensivel á dor! As vezes epicureo, é creança em seus prazeres, é mulher em sua dores! Dotado de um fundo de rectidão, e de justiça, a piedade lhe-faria entretanto perdoar os maiores crimes, com tanto que o criminoso chorasse e pedisse piedade!

Eis uma lueta continua da natureza divina com a natureza humana, porque ha neste ser o que quer que seja de divino, sem ser essa scentelha vivificante, partida do seio de Deus! É sim uma scentelha vinda da Divindade, que se communica á aquella, que se-chama nossa alma, e tornando-a mais divina, a-relaciona immediatamente com os espiritos mais puros da criação! Tal é o que este ser tem de mais divino que os outros seres.

E pois este homem, tão cheio de contradicções nada é mais, e nada menos que um poeta.

O personagem, que offereço aos meus leitores, como heróe deste pequeno romance, é deste numero. Thomás Antonio Gonzaga!

Este nome está tão intimamente ligado á um dos mais notaveis episodios da historia do Brasil, que não ha brasileiro algum, que o não conheça, e não saiba de suas canções eroticas, como os francezes das canções populares de Beranger, e os portuguezes do Poema patriotico do seu Camões.

Tudo neste mundo são compensações! e o povo, seja que povo fôr, é tão vil no soffrer de sua escravidão, como altivo no quebrar de suas cadêas, como cruel no estrondar de sua vingança!

Aproveitando-se da cegueira dos povos os padres, e os reis tinham feito tudo. O throno descansava suas bases de ferro sobre as cabeças dos povos, e o altar firmava as suas tambem de ferro sobre o cume dos thronos!

Os homens, que abraçavam o estado sacerdotal des do (*sic*) momento em que o professavam tornavam-se estranhos aos interesses de sua patria, e muito mais aos de seu rei: cegos escravos dos caprichos de Roma, elles eram seus instrumentos activos, e passivos! A missão de paz, de amor, de tolerancia, e de verdade legada ao primeiro dos pontifices se-havia metamorphoseado em missão de interesse, ambição, e predominio!

A liberdade foi publicamente assassinada

no patibulo do interesse dos padres, e dos reis; e o direito levado de rojo, atado ao carro funesto dos vencedores da moral, e da honra!

Mas todos estes attentados eram pequenos, era preciso que os crimes subissem de ponto, e que o escandalo excedesse a todas as comprehensões!

Assim foi. Á pretexto de religião accenderam-se as fogueiras inquisitoriaes!

Então o codigo da razão, da justiça, da natureza e da humanidade foi horriavelmente despedaçado, e de seus destroços formolou-se o codigo do Santo Officio! Assim pois, na patria, os fogos da Inquisição assolavam os pòvos, fóra della, o alfange sarraceno decimava os christãos nos campos d'Asia! A liberdade de consciencia foi suffocada, e o pensamento abafado! Bem depressa Portugal, Hespanha, e Italia foram cobertas de fogueiras, onde continuamente se-offereciam em holocausto á ambição dos reis, e ao ciume dos padres tanto o christão sem mancha, como o herege; e ora o judeu e ora o mouro! Tal foi o flagello, que durante alguns seculos affligiu o genero humano!... Mas respeitemos o açoute de Deos, porque ha sempre nelle o que quer que seja de divino!

A revolução já se-fazia muito esperar; os homens generosos, os patriotas distinctos gemiam em segredo, e em silencio esperavam o momento da redempção; e elle estava imminente. A fabrica da am-

-bição dos padres, e do despotismo dos reis não tardava a gemer, e aluida, devia tombar em estilhaços: encyclopedistas os francezes lhe haviam mettido as primeiras alavancas; o Casamento de Figaro deu o primeiro impulso, e ao povo tocava o resto: assim foi. A revolução da França com as luzes que de si lançou esclareceu á aquelles que se achavam deslumbrados pelos lugubres clarões das fogueiras do phanatismo, e d'ambição, e pouco depois as consequencias dessa revolução destruíram e aniquilaram a obra de tantos seculos!

Apagaram-se as chammias inquisitoriaes, e as paredes dos carceres do Santo-Officio desabaram sob os golpes do ariete da liberdade, para deixarem ver em suas enxovias o de quanto é capaz a malicia dos homens! Uma regeneração se-operou em quasi toda Europa, e as verdadeiras relações se-estabeleceram entre Deos, e os homens, e entre os homens, e os reis! Escampava-se a tempestade do depotismo monarchico, e das ambições sagradas: a aurora da liberdade começava de dourar as nações, bella, como a ha muito esperada; e consoladora, como uma aurora, que segue a um dia de borrasca!

Tal foi a consequencia do despostismo dos reis, e do phanatismo, e d'ambição dos padres!

Antes porém deste movimento liberal dous espectaculos grandiosos, e sublimes temos que encarar, e ambos n'America. Um, é uma nação princi-

-piante na aurora de sua existencia depedacando os ferros de sua escravidão colonial, e offerecendo ao mundo o maravilhoso espectaculo de ver-se um novo David combatendo, e prostrando a um novo Goliath! Fallo dos Estados-Unidos d'America e da Inglaterra! Os mares, que abraçam aquelle continente foram cobertos de navios britanicos; os rios d'America do Norte rolaram com ondas de sangue em vez de com suas agoas; e as salgadas ondas do golpho do Mexico recuaram, como horrorisadas, diante do novo tributo, que lhe-pagavam o Mississipe, o Appalachicola, o Mobil, e outros; os horrores excedem com effeito a comprehensão humana; mas em fim a nova bandeira tremulou ovante, e os hymnos de liberdade foram heroicamente entoados ao som dos discursos das sessões de Gante!

Que scena para um cotinente (*sic*) composto só de nações escravas! Os Elotes despertaram, e viram o sol da liberdade, que começava de aquecel-os; elles viram, e diceram: “Sejam cidadãos de Sparta.”

O segundo espectaculo é o vermos meia duzia de homens abrasados no fogo sagrado da liberdade, querendo verificar no Brasil um seu pensamento augusto, isto é, o pensamento que elles acabavam de ver realizado nos Estados-Unidos!

Entre suas provincias centraes possui o Brasil a provincia de Minas-Geraes, cujo montanhoso sólo offerece o variado espectaculo de batalhões de mon-

-tes correndo em varias direcções; enormes serras, cujos elevados topos parecem sustentar o peso dos ceos; deliciosos valles perfumados pelos cheiros das flores, e mais engraçados ainda pela variedade, que em suas bellas plumas, e variados cantos offerecem aos olhos, e aos ouvidos os enamorados habitantes dos ares; pela multidão de orgulhosos rios, que soberbos rolam com ennegrecidas ondas da tempestade; e pela immensidade de pacificos ribeiros que suaves escorregam com suas limpidas, e risonhas agoas, que depoem no meio dessas turbulentas ondas, que em borbutões se-despregam das coroas dos rochedos das umbrosas montanhas.

Não é tambem caprichoso o nome de Minas-Geraes, que n'outro tempo foi dado a esse terreno favorecido da natureza pelas suas bellas producções; não, que o viandante ahi nota por quasi todas as partes cavernas profundissimas; extensissimos vallados; morros subcavados, que a mão ardua do homem cobiçoso varou, minando de uma á outra parte; logares aonde existiram vastas collinas, e elevados montes, que o mineiro fez desaparecer catando riquezas; torrentes deslocadas de seu alveo, que tomaram um gyro marcado pela mão ávida do homem emprehendedor; e tudo isto para arrancar do coração da terra essas riquezas, que correram (*sic*) e depravaram tantas nações do velho mundo!

Entre os homens mais distinctos, pelo seu talento,

e moral sobressahia entre os filhos da capitania de Minas-Geraes o celebre Joaquim José da Silva Xavier, por antonomasia o Tira-dentes. Um motivo para isso havia: Xavier tirava dentes perfeitamente, não por dinheiro, que em feliz mediania passava elle sua vida, mas por obsequio a seus amigos, e algumas pessoas pobres, que para isso lhe-rogavam; é d'aqui pois que vem o appellido de Tira-dentes, e como é este nome pelo qual mais conhecido elle é, será tambem este o nome pelo qual o-tractaremos em nosso romance.

Tempos havia passado sobre a regeneração dos Estados-Unidos, e Tira-dentes viajava em França, quando os despostismos dos reis, e ambição dos padres começavam de perigar, pelas doutrinas constantemente lidas, vulgarisadas quasi de bocca em bocca. Tira-dentes dotado de talento, cheio de mocidade, e de esperanças, encarando um futuro brilhante; ardente, e cheio de imaginação, não podia ser estranho as doutrinas, que ouvia, e tão queridas lhe-pareciam de um grande povo. Da França veio aos Estados-Unidos, cujo maravilhoso espectaculo arrebotou sua ardente imaginação de homem grande! Tira-dentes viu um povo n'aurora da vida phanatico de seu patriotismo, orgulhoso de sua liberdade, a qual com tantos sacrificios, e a custa de tanto sangue acabava de firmar sobre innumerados cadaveres de seus bravos! Um povo la-

-borioso, ardente, cheio de vigor, de vida, e de esperanças, nada duvidando emprender, fossem quaes fossem os sacrificios; e, o que era mais, fazendo cessar tudo ante a patria, e por conseguinte já para elle traçando o mais brilhante, e o mais lisonjeiro futuro!

Não tinha porem Tira-dentes nem a longa experiencia dos homens, e das cousas, e nem o serio estudo dos povos, que fazem conhecer que forma de governo melhor se-adopta (*sic*) a este ou á aquelle povo: elle era ainda joven, talentoso, é verdade; mas sem estudos. Tira-dentes pois pensou de si para si que o governo republicano convinha ao Brasil melhor que outro. E se-enganava!

Elle se havia esquecido, si o-sabia, que a educação dos inglezes americanos era uma educação laboriosa, e que a prosperidade de seu paiz se-baseava em seu commercio, em sua lavoura, em sua industria, e em suas artes; não assim a educação do Brasil aonde continuamente exploravam minas, por que tudo consistia em trabalhar pouco, e lucrar muito, o que so podia acontecer desenterando (*sic*) ouro, e pedras preciosas, e as primeiras virtudes da republica são o amor do trabalho, a banimento do luxo, e o premio das verdadeiras virtudes! E pois, si Tira-dentes vivesse hoje reconheceria sem custo que seu plano fora prematuro. Sigamos.

Assim cheio destas grandiosas ideas, que não deviam passar de um bello ideal, ou de uma brilhante theoria, recolheu-se Tiradentes ao seu paiz.

Logo nos primeiros dias de sua chegada foi Tira-dentes visitado, não so por todos os seus parentes, e amigos, como até pelas pessoas mais gradas de Villa-Rica, cabeça da capitania de Minas-Geraes.

Quinze dias depois de sua chegada admirou-se de que nem uma irmã, que tinha o-tivesse visitado, nem seu cunhado, marido della, e nem ao menos tivessem mandado saber de sua saude. Accrescia que nem-um de seus parentes e amigos lhe-tinha fallado de sua irmã, nem de seu cunhado! Era isso extraordinario, e sua admiração justa. Não obstante Tira-dentes calou sua admiração, e quis ver até que ponto se-estendia o segredo, que lhe-guardavam sobre esses seus parentes, ou esse mysterio que os-involvia, si por ventura nisso algum mysterio, havia.

Alguns dias depois um de seus parentes baptisava uma filha, cujo padrinho deveria ser o Visconde de Barbacena, então governador da capitania de Minas. Tira-dentes foi tambem convidado, e ahi se-achavam todas as illustrações, que havia em Minas tanto filhos do Brasil, como de Portugal.

Entre os homens mais notaveis desta reunião um delles era Thomás Antonio Gonzaga, ouvidor da Comarca.

Era Gonzaga filho de paes brasileiros, mas nas-

-cido na cidade do Porto quando alli era seu pae ouvidor; e sua infancia foi passada na Bahia, de cuja Relação creada em 1609 por Philippe II, fora tambem desembargador. Gonzaga formou-se em jurisprudencia na Universidade de Coimbra, aonde adquerio uma importante reputação de não vulgar talento. Formado, exerceu o lugar de juiz de fora em termos pouco notaveis, de Portugal, até que conseguiu ser despachado ouvidor para Villa-Rica.

Si a reunião em que se-achava Gonzaga era respeitavel pelos varões, que a-illustravam, brilhante era ella pelas bellezas, que a-animavam! destas era mais notavel a formossissima Maria Joaquina Dorotheia Seixas Brandão, a qual entrára no meio de sua familia, que por honrada passava, e alguma abastança de bens possuia. Esta familia entrou acompanhada do Sr. Dos Reis, homem abastado, mas cruel para inimigo, de um genio impetuoso, de um character irascivel, e por demais vingativo. Elle era pretendente á mão da joven belleza. Gonzaga apenas viu esta formosa donzella sentiu-se abrasar de um fogo de amor desconhecido por elle até este momento. A joven não deixou de o-perceber.

Estava ainda elle na flor da idade, e bem que na figura não fosse muito elegante; era seu rosto, sem ser muito formoso, em demasia engraçado. Além do extraordinario talento de que era dotado,

e dom da poesia era uma das bellas partes de seus dous (*sic*), e genero erotico o que mais predomino (*sic*) tinha em suas inspirações. Além disto Gonzaga era jovial, espirituoso, dotado de todas as partes, que constituem um bello genio de altas sociedades.

Quanto á Maria, era ella formosa o quanto podia ser uma mulher de estatura regular, fina de corpo, ou de cintura, bem feita, de largas cadeiras, clara, e bastante corada; ella tinha longos, e bellos cabellos negros, olhos grandes, vivos, e brilhantes, bocca pequena, e rubicunda, bem ordenados, e alvos dentes; emfim, Maria era uma belleza nascida para amar, e ser amada; propria e muito propria para ser o motivo de amorosas inspirações de um apaixonado poeta.

O Ouvidor da comarca de Villa-Rica era tão sobremaneira de todos conhecido, que sua presença se-fez logo notavel a espirituosa belleza, que dotada era tambem de algum talento.

O terno Gonzaga, que apenas viu a bella Maria logo por ella se-apaixonou, teve o cuidado de indagar quem ella era, e filha de quem, &c. Soube tudo quanto desejava, e mais que o Sr. Dos Reis a-pretendia para esposa, no que convinha o pae, mas não ella, que lhe não era inclinada. É preciso notar que com quanto os paes de Maria fossem ricos, todavia ella era pretendida mas pelos seus feiticeiros encantos, do que pela sua fortuna.

Nesta agradável reunião quasi todos os obsequios do apaixonado poeta foram dirigidos a gentil belleza, que o-enamorava, e bem viu elle que a linda Maria não lhe-era insensível.

Poucos dias antes da chegada de Tira-dentes a Minas, chegou egualmente a S. João d’el-Rei, José Alves Maciel, vindo tambem da Europa, d’aonde trouxera exaltadas idéas republicanas. Foi nesta reunião o logar, em que Tira-dentes, e Maciel se-encontraram depois de sua volta de Europa. No fim da funcção, quando Tira-dentes se-quiz retirar, despedindo-se de seu parente, dice-lhe:

- Ora, não quero retirar-me sem significar-vos a admiração, que me tem causado certo procedimento dos nossos parentes.

- Então o que?

- Sabeis que minha irmã não me visitou?...

- E então?..

- E então é que ninguem me tem fallado della e nem do marido.

- Pois de nada sabeis?

- De nada.

- Não morais com vossa tia?

- Sim, moro.

- Pois perguntae-lhe.

- Mas dissei-me o que sabeis.

- Não; ella vos-contará melhor.

- Ao menos dissei; vive minha irmã?

- Francisca é morta.
- E Claudio Nunes!
- Morto.
- Tão moços, e já mortos ambos!
- Ante o poder, que deu motivo a suas desgraças, não ha mocidade, nem honra, nem reputação, nem virtudes; emfim, nada vale perante elle!
- O poder do rei!
- Maior.
- Só o de Deos!
- Nem tanto.
- Pois qual?
- Adivinhae.
- Não sei.
- Então eu vos-digo...
- Dizei-me.
- A Inquisição!

## II.

### **... O SEMBRANTE DE MARILIA É TODO SEMBLANTE TEU.**

Apixonado, como estava Gonzaga pela gentil Maria, logo que chegou a sua casa escreveu uns mimosos versos, e tanto que teve ocasião, mandou-lh'os: eram elles assim:

Junto a uma clara fonte  
A Mãi de Amor se sentou;  
Encostou na mão o rosto,  
No leve somno pegou.

Cupido, que a viu de longe,  
Contente ao logar correu;  
Cuidando que era Marilia,  
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada:  
Amor a conhece; e então  
Da ousadia, que teve,  
Assim lhe pede perdão:

“Foi facil, ó Mãi formosa,  
Foi facil o engano meu;  
Que o semblante de Marilia  
É todo o semblante teu!”

Si Maria respondeu a estes versos é o que se não sabe, mas o que parece certo é, que os-recebeu. Não tardou muito porém que o apaixonado vate não voltasse a carga com outra nova remessa. Elle pois enviou á moça este (*sic*) versos pela segunda vez:

Não sei, Marilia, que tenho,  
Depois que vi o teu rosto;  
Pois quanto não é Marilia,  
Já não posso ver com gosto.  
N’outra idade me alegrava,  
Até quando conversava  
Com o mais rude vaqueiro:  
Hoje, ó Bella, me aborrece  
Inda o trato lisonjeiro  
Do mais discreto pastor.  
Que effeitos são os que sinto?  
Serão effeitos de Amor?

Saio da minha cabana  
Sem reparar no que faço;  
Busco o sitio aonde moras,  
Suspendo defronte o passo;  
Fito os olhos na janella,  
Aonde, Marilia bella,

Tu chegas ao fim do dia:  
Si alguém passa, e te saúda,  
Bem que seja cortezia,  
Se accende na face a côr.  
Que effeitos são os que sinto?  
Serão effeitos de Amor?

Si estou, Marília, contigo,  
Não tenho um leve cuidado;  
Nem me lembra si são horas  
De levar á fonte o gado.  
Si vivo de ti distante  
Ou minuto, ou breve instante,  
Finge um dia o meu desgosto:  
Jamais, Pastora, te vejo,  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior.  
Que effeitos são os que sinto?  
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juízo,  
Marília, tão perturbado,  
Que no mesmo aberto sulco  
Metto de novo o arado.  
Aqui no centeio pégo,  
N'outra parte em vão o sego:  
Si alguém comigo conversa,  
Ou não respondo, ou respondo

N'outra cousa tão diversa,  
Que o nexo não tem menor.  
Que effeitos são os que sinto?  
Serão effeitos de amor?

Si geme o bufo agourerio (*sic*),  
Só Marilia me disvela,  
Enche-se o peito de magoa,  
E não sei a causa della.  
Mal durmo, Marilia, sonho  
Que fero leão medonho  
Te devora nos meus braços;  
Gela-se o sangue nas veias,  
E sólto do somno os laços  
Á força do (*sic*) immensa dor!  
Ah! que os effeitos, que sinto,  
Só são effeitos de Amor!

É desta segunda remessa de versos que datam os amores de Gonzaga com a formosa Maria, a qual elle em seus versos chamava de Marilia, e por esta razão permittirão os leitores que no descurso deste breve romance a-chame tambem eu Marilia, como a-chamava seu terno, e infeliz amante.

Não se-passou muito tempo sem que se-soubesse da ardente paixão que abrasava o coração do Ouvidor Gonzaga pela bella Marilia: baldas de terras pequenas; e bem que o pae da bela joven tarde o-soubesse, com tudo elle o-soube; mas sua filha era

por demais virtuosa, e Gonzaga em extremo tão honrado, que elle se não receava de seu nascente amor.

Tambem não foi o Sr. dos Reis o ultimo que o-soube, mas quando soube já muito adiantada estava a paixão de Gonzaga, e o amor de Marilia, porque esta não foi insensivel aos amorosos versos do inspirado cantor de seus encantos. Quando isto pelo Sr. dos Reis sabido foi ja uma boa porção de ternas, e amorosas lyras, mandadas pelo poeta a sua amada, archivadas se achavam por ella aonde facilmente não poderiam ser descubertas. Gonzaga ja era amado, e muito amado, e o mais é que elle o-sabia mais que muito. O Sr. dos Reis nutria por Marilia uma paixão vehemente, e tinha de pedra, e cal assentado que ella seria sua mulher. Não é que este homem tivesse altas qualidades para ser amado de uma mulher bella, e virtuosa; mas homem de alguma representação, possuindo muitos escravos, senhor de muitas terras, opouleno mineiro, e blasonando-se de descendente de alta linhagem, julgava-se com direito a possuir tudo quanto com dinheiro possuir-se póde, e no numero destas cousas elle contava tambem qualquer coração de mulher.

Não serei eu quem affiance que um coração de mulher seja uma droga vendivel; os de muitas são, mas os de todas duvido. Não obstante, si um cora-

-ção de mulher se-vende, o Sr. dos Reis ignorava o meio pelo qual se-negocia sobre essa droga.

Notemos aqui que mezes antes o Sr. dos Reis tinha dado a entender ao pae de Marilia que a-tinha eleito para sua mulher, e que so esperava que seus negocios tomassem um certo destino que elle lhes queria dar para effectuar-se tal negocio: e o pae da bella joven apenas lhe-tornou que em taes arranjos se não compromettia, pois que sua filha era livre na escolha do marido. Desde então contou o Sr. dos Reis de certo com a mão de Marilia, assentando de si para si que era impossivel que ella o-regeitasse sendo elle tão rico como era. Quando soube da paixão de Gonzaga, bem que fosse elle um ouvidor, todavia nemum peso lhe deu, tanto se-fiava nos seus teres, e na sua boa fortuna.

Dias depois houve alguém, que affiançasse ao Sr. dos Reis que o Ouvidor Gonzaga era amado, e correspondido por Marilia. Não posso asseverar que o soberbo potentato dêsse credito á tal noticia, mas dêsse, ou não, o que é certo é que elle botou-se para a casa do pae de Marilia para pedil-a em casamento.

Logo que chegou, fez a Seixas Brandão sabedor do seu intento; este repetindo-lhe o mesmo que antes lhe-tinha dito accrescentou que ia chamar sua filha, de cuja boca elle mesmo ouviria a resposta á sua pertença. O velho pois chamou-a; e pouco de-

-pois Marília era diante de seu pae, e de seu pertende (*sic*). Seu pae em poucas palavras lhe fez saber o desejo do Sr. dos Reis, e terminou dizendo que a ella, unicamente a ella cumpria responder. A joven Marília, dando mil desculpas, e pedindo muitos perdões ao Sr. dos Reis, e rogando-lhe até que lhe não levasse a mal a sua escuza, respondeu que se não queria casar.

- E por que, Senhora? por que?

(Perguntou com voz rapida e interrompida o Sr. dos Reis.)

- Por que desejo ser solteira por mais tempo.

- Vós!

- Sim, senhor; desejo ser solteira por mais tempo...

- É isso bem extraordinario! Quando todas as moças se-desejam casar vós fugis ao consorcio?

- Cada um, Sr. Coronel, nasce com seu destino.

- A mais nobre, a mais rica moça de Minas teria por grande honra ser minha mulher.

- E como não sou eu a principal moça de Minas, por isso não ambiciono essa honra.

- Tinha eu vontade de ver-vos feliz.

- E nem eu desejo outra cousa, Sr. Coronel.

- Então como regeitais minha mão?

- Porque essa mão que honrará, e fará feliz a principal moça de Minas, com quanto me-honre, me não póde fazer feliz.

- Sim, senhora, sereis mais feliz com o Ouvidor Gonzaga...  
- Cada um, Sr. Coronel, nasce com seu destino.  
- Sois ainda moça, e vos-illudis.  
- Paciencia; é meu destino.  
- Amae a Gonzaga? bem: e já pensastes no que elle é?  
- Não, senhor, nem o-tenho perguntado a pessoa alguma.  
- Sem dúvida, porque si o-soubesseis não o-quererieis para esposo.

Um homem pobre, que aqui appareceu, como Ouvidor, que não tem de seu mais do que dia, e a noute; que vive de seu parco salario, que mal chega, si chega, para suas precisões; um mercenario, que anda sempre de Herodes para Pilatos, e que ha de ir para onde o-mandarem; um homem cujos costumes se-ignoram: tal o homem que vós me-preferis! á mim que sou o mais rico de Minas, e o mais nobre. Bem vedes que a preferencia me-vinga.

- Cada um, Sr. Coronel, nasce com seu destino.  
- Tenho pena de vós.  
- O Céu vos pague.  
- Pensae bem no que fazeis...  
- Só tenho pensado em não ser vossa esposa.  
- Fazeis bem, fazeis bem: mas lembrai-vos de

que quando tiverdes fome não comereis versos; e de que quando quizerdes um vestido não vestireis poesia.

- Comerei, e vestirei a graça de Deos.

- Sempre seria bom que pensasseis mais maduramente no que fazeis.

- Só tenho pensado em não casar-me presentemente.

- Bem. Não vos-quero mais importunar. Casae com o vosso Gonzaga.

- Não estou pedida por elle, Sr. Coronel.

- Elle vos-virá pedir.

- Casar-me-hei então.

- E sêde então feliz.

- Deos o-permitta. As vossas ordens.

- As vossas ordens, senhora. -

Marilia, muito senhora de si, mais bella pelo rubor que brilhava em seu rosto, airoso, como uma mulher que acabava de abater um coração orgulhoso, retirou-se, deixando o coronel mais apaixonado por ella, e iracundo contra Gonzaga. O coronel, voltando-se para o pai, dice-lhe:

- E vós que dizeis a isto, meu amigo?

- Que não constranjo minha filha na escolha de marido.

- Com tudo devieis aconselhal-a para sua felicidade.

- Não quero que minha filha me-fique de-

-vendo sua ventura, ou sua desgraça. Deos a-inspire, e a-fade bem.

- Bem. Vós vos-arrependeréis, e ella.

- Eu não: ella não sei.

- Creio que até vós serieis feliz casando-se ella comigo.

- Mas se ella o não quer...

- E vós lhe-fazeis a vontade...

- Querieis que a-constrangesse?

- Não, não. Adeos, passae bem.

- Fico as vossas ordens, senhor Coronel.

Tendo assim fallado, retirou-se o Sr. dos Reis ardendo n'um inferno de ciumes, e retalhado pelas furias da inveja!

Já um pouco longe da casa de Marilia voltou-se para ella, e com um olhar, que, de tão sinistro que era, bem revelava seu rancor, bradou o implacavel coronel dos Reis:

“Não... elle não será teu esposo!..”

### **III.**

#### **E QUEM SE NÃO VÓS?**

Parece que dias antes deste acontecimento, Gonzaga, e Marilia se tinham arrufado por um ligeiro ciúme, que Marilia delle houve; mas como os estremecimentos entre amantes são vespas de mais estremecimentos, e extremosos amores, estes arrufos foram de um dia. No mesmo dia em que o Coronel dos Reis foi ter com Marilia, e seu pai, Gonzaga, durante a conferencia dita passou pela rua, e por uma janella, d'onde Marilia o viu, viu tambem elle o coronel. Nesse mesmo dia Marilia lhe deu conta de tudo quanto se havia passado. E este acontecimento produziu a seguinte lyra.

Contente promette  
Alcino Pastor  
(A dar-lhe Marilia)  
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia  
Amor lhe promette,  
Alcino gostoso  
Os votos repete.

Marilia adorava  
O seu Pescador;  
Sem elle um momento  
Não tinha calor.

Dirceo desvelado  
Por ella morria;  
As trutas mais frescas  
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece  
Ser cousa odiosa  
Roubar a Dirceo  
Marilia formosa.

Mas tinha d'Alcino  
Mil votos Amor;  
Pois era na Aldêa  
Mas rico Pastor.

Entrou o vendado  
Na dura batalha;  
E sobre os amantes  
Ciumes espalha.

Mas eram tão firmes  
Os seus corações,  
Que o zelo não pôde  
Quebrar-lhe as prisões.

Amor caviloso,  
Que vive em receio,  
Si vão a abraçar-se,  
Se mette no meio.

Os braços abrindo  
Os quer separar:  
Mas fez nos amantes  
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede  
Que cumpra a promessa:  
Amor as ciladas  
De novo começa.

No braço lhe pega,  
A ella o apresenta,  
E as faces rosadas  
A elle lhe aumenta.

Marilia engraçada,  
Sem ter turbação,  
Põe logo raivosa  
Os olhos no chão.

A elles voando  
Lh'os quer levantar;  
E ella constante  
Os chega a fechar.

Do caro Dirceo  
A voz escutando,  
Para onde elle vinha  
Os foi levantando.

Acode-me, acode,  
Oh meu Pescador!  
Marilia tu vinga  
D'Alcino, e d'Amor.

A's vozes acode  
O Amante ligeiro  
E toma nos braços  
O bravo frecheiro.

De sorte o aperta,  
Qu'Amor sossobrado  
Lhe diz: "Não me mates  
Estou emendado;

“Já sei quanto póde  
A firme constancia;  
Ou sendo em presença,  
Ou quando em distancia.”

Alcino raivoso  
Entrou a bradar:  
“De ti, Amor cego,  
Me quero vingar.

Já forças não tens,  
Estupido Amor;  
Enganas a gente  
Não tendo valor.”

Amor indignado  
O busca ferir;  
Alcino de medo  
Deitou a fugir.

Voltou-se aos amantes,  
Disse-lhes assim:  
“Busquei separal-os.  
Prendel-os mais vim.

Quiz dar-te, Dirceo,  
Um fero rival:  
Se é firme a belleza,  
Astucia não val (*sic*).”

Dirceo a Marilia  
Os braços lançou:  
Amor de invejoso  
Raivando vôou.

O leitor está lembrado de que Tira-dentes na casa de seu parente que baptizou um filho, aonde com as mais notaveis pessoas de Minas esteve reunido, soube desse mesmo parente que sua irmã, e seu cunhado já não viviam, e victimas da Inquisição haviam acabado na flor dos annos. Apenas o moço isto soube, despedido de seu parente, tomou seu cavallo, e dirijiu-se para sua casa com a maior pressa possivel.

Eu dei mais atraz um ligeiro esboço do character generoso, e ardente deste bello moço, que em melhor época deveria ter vivido. O leitor bem poderá imaginar que turbilhão de idéas ora grandes, e ora funestas não deveriam agitar a cabeça escandecida do primeiro republicano do Brasil! e assim era.

Tira-dentes por todo o caminho, des da casa de seu parente até a sua, veiu entregue as mais arrebatadas idéas. Ora ideava para seu paiz o mais brilhante, e o mais lisonjeiro futuro! em sua imaginação via elle sua querida patria vencedora de seus oppressores, tendo quebrado as algemas da escravidão, e fazendo fluctuar nas auras americanas a gôrra da liberdade! Umas vezes, era elle quem prostrava a

hydra da Inquisição, quem lhe arrancara os dentes; e no Hercules involto na pelle do leão nemêo, era quem ostentava os trophéos arrancados a um poder superior ao dos reis, tendo desta sorte vingado a primatura morte de sua terna irmã, e de seu querido cunhado. O futuro, a felicidade de sua patria estavam em seu coração indelevelmente gravados com letras de fogo, e esse fogo com tanto calor ardia, com tanta luz o allumiava, que para apagal-o não menos era mister que todas as gottas de seu sengue (*sic*) derramadas de um jacto, e em grossos borbutões!

Atormentado desta multidão de idéas, o homem chegou a sua casa, e na occasião de apear-se, do alto da collina em que assente era sua habitação, deixou passear seus olhos por todo o horizonte que limitava suas desejosas vistas, e antolhando-se-lhe que nesse mysterioso olhar via todo paiz, que lhe dera o berço, pejado do santo entusiasmo que lhe corria nas veias e animava seu coração, exclamou: “Ó Minas... ó minha patria... um dia... Sim um dia... Liberdade, ou morte!” Dice, e entrou.

Eram bem proprias estas sensações de um coração ardente, joven, e generoso, que não palpitava senão pelo bem, e pela gloria de sua patria! Eram bem proprias estas sensações do coração puro, e quem sabe si ainda virgem de um mancebo since-

-ro! Tira-dentes nada queria para si, e tudo para a patria! nada fazia por si, e tudo por ella! Sim, por que acreditava que seus bens, seus braços, seu sangue, seu coração, sua vida, sua alma, tudo pertencia a patria, e não se-lhe dava de morrer, contanto que fosse sacrificado, no altar da patria, pela mesma patria!

Inda que joven, era homem de tempera antiga! republicano de coração, elle não aceitaria os dões da realeza, para não ter de que lhe ficar obrigado. Bem differente da mór parte dos republicanos de hoje, que o são em quanto não obtêm as honras dos palacios dos reis, e que apenas ganhadas, ou antes cambiadas por bem tristes transacções, e deploraveis trocas, se-tornam mais realistas do que os mesmos filhos dos reis, elle não ambicionava honras, que lhe não viessem da patria. Junio no coração, só um grande talento, e dessimulação lhe faltavam para ser o Bruto de Roma!

Logo que Tira-dentes entrou em sua casa, dice a sua tia:

- Senhora não tendes feito reparo em que nem minha irmã, nem meu cunhado me-vieram, ou mandaram dar as boas vindas? -

Justina, que assim se-chamava a tia, estremeceu á esta pergunta; ella corou, e de um modo vacillante respondeu-lhe:

- É verdade.

- E vós não sabeis a razão de um tal procedimento?

- Eu o-ignoro.

- Porque não dizeis antes que o não quereis dizer? -

Justina, tornando-se pallida, e um tanto desconcertada, dice:

- Pois vós sabeis de alguma cousa?

- Sim, minha tia; que minha irmã já não vive, e nem meu cunhado! Para que encobrir-me aquillo, que mais cedo, ou mais tarde eu deveria saber? Com que fim?

- Com o fim de não amargurar os primeiros dias de vossa chegada (*sic*).

- E quando mais tarde o soubesse, não seria eu victima dessa mesma amargura, que me-querieis poupar?

- Então já tinheis saboreado o prazer de abraçar a vossos parentes, e amigos, sem terdes um tão grande dissabor.

- Mas estou ancioso por saber o que aconteceu á minha irmã e a meu cunhado?

- E serei eu que deva fazer uma tão triste narração?

- E quem se não vós? vós que sabeis tudo, vós que a-amastes tanto, como eu a amava! vós que vos-deveis doer por ella, como eu.

- Ah, meu filho! (dice a velha com os olhos ar-

-rasados de lagrima) é arduo, é duro, e até insupportavel o que exigis de mim...

- Não, minha tia, eu não vos-exijo, apenas vos rogo, e, si isto vos-incommoda sobre maneira, desisto do meu pedido.

- Pois bem. Vamos para um um logar mais retirado, e sabereis de tudo como se-passou.

- Eu vos-acompanho, senhora.

#### **IV.**

#### **SE HÁ CUPIDO É SÓ TEU ROSTO QUE ELLE FOI QUEM ME PRENDEU.**

Gonzaga conhecia o pai de Marilia, e o velho Brandão tambem conhecia o ouvidor, o que é bem trivial em terras pequenas, e até se-saudavam quando se-viam. Brandão tambem fazia seus versos, e era extremosamente amigo da poesia. Na festa do baptisado a que assistiram elles, Brandão por uma simpathia bem natural de quem faz versos para um poeta, a pessoa para quem mais se-chegou foi Gonzaga, obsequio com que o poeta assás se-pagou, fazendo muito por familiarisar-se com Brandão, que era homem de seus sessenta annos, mas de humor alegre, jovial, e muito divertido em sociedade.

Com estas bellas disposições os dous se-fizeram amigos, e Gonzaga d'alli por diante começou a frequentar a casa, e a amizade de Brandão.

Neste ponto estavam as cousas, quando houve a conferencia entre o Coronel dos Reis, Brandão e Marilia. Depois que ella recebeu a lyra, que, ha pouco o leitor viu, dirijiu-lhe uma pequena carta, constante de amorosos protestos. Em um dos logares dessa carta dizia ella:

“Hoje sou eu vossa querida! Mas quem sabe si o mesmo Cupido que vos-feriu por Marilia, vos não ferirá por outra?! O céo permitta que não.”

Este pensamento da terna Marilia fez o amante poeta produzir uma de suas mais bellas lyras, e talvez singular no seu genero. Gonzaga apenas leu esta carta tomou a penna, escreveu, e enviou a sua linda Marilia esta bellissima lyra:

Pintão, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de settas,  
Arco empunhado na mão:  
Ligeiras azas nos hombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor, ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão,

Porèm eu, Marilia nego,  
Que assim seja Amor; pois elle  
Nem é moço, nem é cego,  
Nem settas, nem azas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Um retrato mais perfeito,  
Que elle já ferio meu peito  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,  
Que sobre as costas ondeam,  
São que os de Apollo mais bellos;  
Mas de loura côr não são.  
Tem a côr da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marilia, um composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda, e lisa a testa,  
Arqueadas sombrancelhas;  
A voz meiga, a vista honesta,  
E seus olhos são uns sóes.  
Aqui venceo Amor ao Céu,  
Que no dia luminoso  
O Céu tem um Sol formoso,  
E o travêssu Amor tem dois.

Na sua face mimosa,  
Marília, estão misturadas  
Purpureas folhas de rosa,  
Branças folhas de jasmim.  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beijos são formados;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito  
Dei logo um suspiro, e elle  
Conheceo haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava:  
Vendo que o via, baixava  
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;  
Elle, ouvido os seus louvores,  
Com um gesto desdenhoso  
Se sorriu, e não fallou.  
Pintei-lhe outra vez o estado,  
Em que estava esta alma posta;  
Não me deu tambem resposta,  
Constrangeo-se, e suspirou.

Conheço os signaes, e logo  
Animado da esperança,  
Busco dar um desafogo  
Ao cansado coração.  
Pégo em seus dedos nevados,  
E querendo dar-lhe um beijo,  
Cobrio-se todo de pejo,  
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,  
Comtigo estarás dizendo,  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marilia, a copia é tua,  
Que Cupido é deos supposto;  
Se ha Cupido, é só teu rosto,  
Que elle foi quem me venceo!

Tres dias depois disto, dirijiu Gonzaga a Brandão a seguinte carta:

“Amigo.

Amo vossa filha de modo que o não posso exprimir! Amo-a até deseja-la por esposa! Quereis me-acceitar por genro? Eu não sou rico, deveis sabel-o. Si vos não desgosta a minha mediania, respondi ao vosso fiel amigo.

GONZAGA.”

Depois desta carta seguia-se a seguinte lyra, tambem mandada a Brandão.

O tyrano Amor risonho  
Me apparece, e me convida  
Para que seu jogo acceite;  
E quer que eu passe em deleite  
O resto da triste vida.

“O sonoro Anacreonte  
(Astuto o moço dizia)  
Já perto da morte estava,  
Inda de amores cantava;  
Por isso alegre vivia.

Aos negros, duros pezares  
Não resiste um peito fraco,  
Se amor o não fortalece:  
O mesmo Jove carece  
De Cupido, e mais de Baccho.”

Eu lhe respondo: “Perjuro,  
Nada creio do que dizes:  
Porque já te fui sujeito,  
Inda conservo no peito  
Estas frescas cicatrizes”.

“Se o mundo conhece males,  
Tu os maiores fizeste;  
Sim, tua a Troya queimaste,  
Tua a Carthago abrazaste,  
E tu a Antonio perdeste.”

Amor, vendo que da offerta  
Algum apreço não faço,  
Me diz affouto que trate  
De ir com elle ao combate,  
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;  
Cinjo primeiro que tudo  
O brilhante arnez, e á pressa  
Ponho um elmo na cabeça,  
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,  
Marilia (oh Céos!) me aparece:  
Logo que os olhos me fita,  
O meu coração palpita,  
A minha mão desfalece.

Então me diz o tyranno:  
“Confessa, louco, o teu erro;  
Contra as armas da belleza  
Não vale a externa defeza  
Dessa armadura de ferro.”

Brandão respondeu assim a Gonzaga:

“Amigo, e Sr.

Sois tão lacônico em prosa, como bello em versos! Vós bem sabeis que amando-vos minha filha, não vos-posso eu negar sua mão. Oxalá que ella seja digna de vós.

Podeis quando quizerdes passar a nossa casa para tractarmos deste negocio.

Os versos com que me-brindastes são famosos; a minha lyra não é tão afinada, como a vossa, para dignamente responder em um canto igual ao vosso; além disto velho como Anacreonte, não tenho bellas que me-inspirem, nem o mesmo Baccho o-faz!

Fica vos-esperando vosso amigo fiel

BRANDÃO.”

Gonzaga depois desta resposta escreveu a Marilia contando-lhe tudo o que se-havia passado, e esta participação foi terminada por estes lindos versos.

Tu não verás, Marilia, cem captivos  
Tirarem o cascalho, e a rica terra,  
Ou dos cercos dos rios caudalosos,  
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro  
Do pesado esmieril a grossa area,  
E já brilharem os granetes de ouro  
No fundo da batêa.

Não verás derrubar os virgens mattos;  
Queimar as capoeiras ainda novas;  
Servir de adubo á terra a fertil cinza;  
Lançar os grãos nas cóvas.

Não verás enrolar negros pacotes  
De seccas folhas do cheiroso fumo;  
Nem espremer entre as dentadas rodas  
Da doce canna o summo.

Verás em cima de espaçosa mesa  
Altos volumes de enredados feitos;  
Ver-me-has folhear os grande livros,  
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos,  
Tu me farás gostosa companhia,  
Lendo os factos da sabia mestra historia,  
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;  
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,  
Gostoso tornarei a ler de novo  
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,  
Marilia, não lhe invejes a ventura,  
Que tens quem leve á mais remota idade  
A tua formosura!

Na tarde deste mesmo dia foi Gonzaga a casa de

Brandão. Ahi o pae de Marilia, e seu apaixonado amante contractaram o casamente della que devia ter logar d'ahi ha quatro ou seis mezes. A razão da demora era por que o ouvidor esperava melhorar de emprego, e por isso contava ser em breve despachado.

Tres dias depois em Villa-Rica sabiam todos que Marilia havia sido pedida a seu pae em casamento pelo Ouvidor Gonzaga, e que o casamento estava contractado.

O Senhor dos Reis o-soube por bocca de um seu primo, e sorriu-se desdenhosa, e ironicamente; depois, em tom ameaçador, e infernal dice:

“Nós o-veremos!..”

V.

**O MELHOR DE TODOS OS GOVERNOS É O GOVENO DE UM HOMEM JUSTO, IMPARCIAL, E VIGILANTE.**

Voltemos a Tira-dentes, e a sua tia.

Logo que esta se-viu em particular com seu sobrinho começou assim a sua historia:

- De todos os homens do mundo os mais perversos, mais sem consciencia, mais malvados, e despidos de sentimento são, sem a menor dúvida os rendeiros, os cobradores dos impostos, direitos, e extorsões da fazenda real; e de todas as entidades com quem se negocia a mais immoral e a mais infame é, sem menor contradicção, o erário, ou fazenda real: todos os mineiros, e creio que todo o mundo, estão convencidos disto. Firmes neste principio, sigámos.

Vós sabeis que todos os povos do mundo, ou antes de Portugal, e seus dominios, o povo mineiro é o que geme oppresso por mais direitos, ou tributos. Tudo em Minas paga tributo! Pagamos a terra, que pisamos, a agoa, que bebemos, o fogo, que nos-aquece, e o ar que respiramos; pagamos em fim tudo, tudo quanto absolutamente é necessario a vida. E todos estes impostos nos-são cobrados sem misericordia, por cobradores, ou rendeiros sem alma, sem honra, e sem consciencia, que cobram o que devem, o que não devem, levando-nos sempre mais do que o que devem levar. Isto sabemos todos os mineiros, e só o não sabe quem não quer saber. Accresce a tudo isto o funesto imposto da derrama para acabar de desgraças aos infelizes Mineiros.

O rendeiro, ou cobrador destes impostos costumava, quando sahia as suas cobranças, a pernoutar em casa de Claudio Nunes, onde Francisca, por seu genio chocarreiro gracejava muito com elle.

Ha dous annos, pouco mais ou menos, que sahindo a cobranças la pernoutou; eu la estava, e minha sobrinha, segundo seu costume, começou a gracejar com elle.

“Já vindes buscar o nosso dinheiro, não?” (dizia ella.)

“Sim, senhora.” (tornou o rendeiro com toda a sua pachorra.)

“Com effeito (dizia Francisca) os nossos gover-

-nantes não querem ver um real em nossas mãos. Isto é muito! Para que é tanto dinheiro que pagamos?

“É para as despesas do estado” (dizia o rendeiro.)

“Quaes despesas do estado, nem meias despesas do Estado (tornava Francisca) é para os comedores, é para os fidalgos, os juizes, os rendeiros, e todos esses vadios que vivem a custa dos outros.”

“Não, senhora (dizia o rendeiro) é para as despesas da casa real, do exercito, da armada; para pagar os funcionarios regios, &c., &c.”

“Oh! pois não! (tornava ella) os funcionarios regios servem muito ao estado! Vae-se a casa do governador, uns estão aparando pennas, outros lendo historias, outros contando seus namoros, outros passeando; e nós trabalhando para sustental-os!..”

Nisto bateram a porta, e Claudio foi ver quem era: era um padre, que de Lisboa viera despachado para vigario de uma das nossas freguezias, e que era familiar do Santo-Officio. Elle pediu pousado, e Claudio concedeu-lhe o que nunca pessoa alguma negou.

Mandou-o entrar, e sendo elle amigo ou conhecido do rendeiro, ambos se apertaram as mãos. Eu então notei que o padre olhava para Francisca com alguma curiosidade misturada de admiração.

Vós sabeis o como Francisca era formosa, bem

feita, espirituosa e engraçada. Era uma completa belleza! Aos seus encantos, pois, attribui a admiração do padre familiar do Santo-Officio.

O rendeiro, que gostava de ouvir a Francisca continuou a puchar por ella.

“E acreditaes (continuou elle) que não ha governo como este.”

“Este qual? (perguntou Francisca com vivacidade.) Este qual?”

“O governo absoluto.” (dice o rendeiro.)

“É muito bom (tornou Francisca) mas os inglezes-americanos não quizeram saber delle.”

“Agora (dice o rendeiro) logo elles o quererão.”

“Não, não quererão (tornou Francisca) Cão, que uma vez cahe em um mondéo não vae outra. Só as despezas do governo absoluto bastam para metterem medo! Olhae. Nasce uma pessoa real, salvas e mais salvas; baptisa-se, o mesmo; em todos os annos em seu anniversario, o mesmo; casa-se, o mesmo; tem filhos, o mesmo; morre, o mesmo. Vede só que de polvora se não gasta, e outras cousas mais! Por outra parte, os comedores comem sem vergonha nem uma.”

“Estaes enganada, senhora Francisca (disse o rendeiro) no governo republicano ha as mesmas despezas, e mais abusos. Tambem se paga ao presidente e aos funcionarios publicos; paga-se aos represen-

-tantes do povo: ahi, os comedores comem com mais escândalo, em fim o governo absoluto é o governo de Deos.”

“Com effeito (atalhou Francisca) e entretanto Deos se-offendeu quando seu povo lhe pediu um rei...”

A estas palavras o padre soltou uma grande risada; o que vendo Francisca corando lhe-perguntou:

“Dice eu alguma asneira, Senhor padre?”

“Não, minha Senhora, (respondeu elle) ri-me, por que entendo que agora apertastes muito ao vosso contendor.”

O rendeiro, o padre, Claudio Nunes, e Francisca, começaram depois disto a conversar mais seriamente, e concordaram entre si que o melhor de todos os governos é o governo de um homem justo, imparcial, e vigilante...

- E aonde existe esse homem? (exclamou Tira-dentes.)

- Não sei. No outro dia retirou-se o rendeiro, e o padre, e este em sua despedida lançou sobre Francisca um olhar, Deos me perdoe, porém bem peccaminoso! Dous dias depois o padre escreveu a Francisca uma carta amorosa, que não sei por que fatalidade caiu em mãos de Claudio Nunes. É verdade que o portador tão mal se-soube haver, que logo que entrou em casa de Claudio, sendo visto por elle, e perguntando-lhe o que buscava, não soube

apparentar sua commissão com alguma mentira, e dice redondamente que vinha fallar a Francisca. Claudio Nunes instou por saber o que queria, e vendo-lhe a carta, tirou-a, e leu. Vós sabeis que Claudio Nunes era homem de muito espírito, e de um genio impetuoso; elle industriou o portador, que era um escravo, e ensinou-lhe que dicesse ao padre que havia entregue a carta a senhora Francisca mesmo, e que ella depois mandaria a resposta. Não-se sabe o que se-passou entre o padre, e o portador da carta; o que sei é que o padre tres dias depois, á entrada da noite appareceu a porta de Claudio pedindo pousada! Para me não demorar, Claudio cobriu-o de insultos, e o poz pela porta fóra.

No outro dia de manhã estava Claudio areando um crucifixo de latão, posto á beira do regato, que corre por diante da casa em que elle morou, quando passa pela estrada um frade franciscano, que andava as esmolas, e já conhecido delle. O frade o saudou, ao que correspondeu elle com sua costumada affabilidade. Depois perguntou-lhe o frade:

“Que fazeis ahi, Sr. Claudio Nunes?”

“Estou areando este machacaz.”(respondeu Cláudio).

Como Claudio Nunes era da ilha do Faial donde, como seu pae, veio muito pequeno, assim respondeu alludindo ao dito de sua terra.

Oito dias depois, sendo quasi noite, estando Clau-

-dio conversando com sua mulher e comigo, ouvimos fortes pancadas na porta. Perguntou Claudio:

“Quem é?”

“Abri a porta da parte do Santo-Officio” (responderam de fora). Eu trimi, Francisca turbou-se; mas Claudio, sem desconcertar-se abriu a porta. Immediatamente entrou o padre, acompanhado de homens armados, e lhe-dice:

“Estaes preso da parte do Santo-Officio.” E os homens armados lançaram mão delle!...

Francisca estava no outavo mez de sua gravidez (*sic*); erguendo-se, como fóra de si do banco em que estava exclamou: “Meu marido!..” E querendo ir para elle não pôde, porque cahiu sem sentidos sobre a terra.

“Deixai-me soccorrel-a (gritava Cláudio) deixa-me soccorrel-a... em nome de Deos vos-peço...”

“Levae-o (bradava o padre) levae-o.”

“Monstro!... traidor!... malvado!...”

Assim gritava Nunes furioso; mas não pôde dizer mais, por que os homens armados levando-o quasi de rastos, lhe-taparam a bocca, o padre tomou conta da casa, e de todos os papeis, que achou; fez um rol de todos os bens, e retirou-se, lançando furiosas vistas sobre Francisca, que em meus braços estava sem sentidos.

Francisca tornou a si, mas não a razão: no meio de uma febre intensa, e horrivel, e de desesperados

delirios, ella deu á luz um menino, porém morto. Nesse mesmo dia de tarde, que era seguinte ao dia da prisão de Claudio Nunes, ella expirou, chamando sempre por seu marido, e cortando o coração de quantos assistiram os seus ultimos momentos!

Assim acabou na flor dos annos a mais encantadora, e a mais bella das filhas de Minas!

No dia seguinte ao de sua prisão, que foi o em que morreu sua mulher, Claudio Nunes seguiu para o Rio-de-Janeiro, sem saber das desgraças de sua casa. No Rio-de-Janeiro, segundo consta, embarcou para Lisboa. O que lá se-passou, o que lhe-aconteceu, não se sabe elle o não dice, e nem tempo teve.

Claudio Nunes voltou de Lisboa, e chegou a Villa-Rica anno e meio de pois de sua ida, mas voltou cego inteiramente.

Parece que quando Claudio veio do Rio-de-Janeiro para cá, no caminho, si encontrou algum conhecido, suas desgraças causaram tanto dó que ninguem lhe-quiz fallar da morte de sua mulher. Chegando a Villa-Rica, a primeira casa onde entrou foi nesta; infelizmente eu estava em casa de uma visinha, e Theresa, a nossa escrava, foi quem o-recebeu. A preta apenas o-viu desatou-sea chorar. Elle perguntou-lhe duas,ou tres vezes porque chorava, e a preta não respondeu se não com lagrymas. Depois perguntou-lhe pela mulher, e Thereza lhe-dice que era morta!

“Morta! (dice elle, como horrorizado, e tapando o rosto com as mãos.) Morta?... Morta a minha Francisca?!...”

Elle ficou por alguns minutos mudo, e quedo, como uma estatua, depois proseguiu:

“É impossivel! tu me-conheces?”

“Conheço: é meu Sr. Claudio Nunes...” (Disse a preta.)

“Minha mulher morreu?” (Perguntou elle).

“Morreu, sim, senhor.” (Tornou a preta).

“Como? quando? aonde?”

A preta contou-lhe tudo quanto se-havia passado. Elle no fim desta narração quiz fallar, quiz, mas não pôde, e cahio sem sentidos. Foi quando eu cheguei.

Apenas tornou a si, por minhas diligencias, eu o abracei dizendo-lhe: “Meu filho, é preciso ter animo!...”

Elle, estendo-me (*sic*) a mão, e apertando a minha dice:

“É preciso morrer.” E desatando a chorar em ternas exclamações, lamentava-se assim pouco mais, ou menos:

“Francisca, ó minha Francisca, minha esposa, minha alma, e minha vida... por que me-fugiste? por que me-deixaste, tão bella, e na flor da tua idade?..

Ah! que a não ser a esperança de tornar a ver-te eu teria acabado meus dias nos funestos, e hor-

-rorosos carcerees da Inquiſiçãoo! Tudo ſoffri, reſiſtindo a tudo! perdi a luz de meus olhos, e a tudo reſiſti eſperançado de que um dia me ſeria reſtituida a luz de minha alma!..

As frias noutes de Janeiro dormidas ſobre o chão da maſmorra; as ardentes noutes de Junho paſſadas entre quatro apertadas paredes; a vida de quaſi um anno, e meio levada entre anguſtias, e martyrios, e ſobre as immundicias, e vermes do carcere; a fome, a cede, a calumnia, o eſcarneo, e a zombaria; interrogatorios alleivoſos, e falſarios; miniſtros de ſangue, ſacerdotes de fogo, apoſtolos do erro, da mentira e da infamia, tudo ſoffri com o coração de um eſtoico, com paciencia de um chriſtãoo! tudo ſofri ſem deſanimar, por que a eſperança de abraçar um dia a minha terna eſpoſa me dava valor... mas a dôr de perdel-a, perdel-a para ſempre... ah! não poſſo... não poſſo... é muito!

Ó minha Francisca!... ó anjo de innocencia, e de candura!...

E como não vinha eu tão contente por meio deſſes mares a compensar-me em ſeus braços de meus trabalhos, minhas dores, e deſgraças!

Ó minha querida Francisca!.. E por que não acabei uma vida, que tão peſada me-era, que tão abominavel me-ſeria, nos profundos horrores das cavernas da Inquiſiçãoo!

E eu acreditava achar a minha Francisca morta

de saudades por mim, cheia de esperança, e de amor!.. eu acreditava vir passar em seus braços os restos de meus dias, gozando com ella das ternas, e innocentes caricias do fructo mimoso dos nossos ternos, e puros amores! Eu acreditava que a luz de seu amor, de seus affagos, e ternuras, e os brincos innocentes de meu filho, ou minha filha me-compensariam da vista que perdi nas masmorras da Inquisição, e ella, a minha Francisca, o amor de meu coração, a luz de minha alma já não vivia!..

E eu a-vi estendida sobre a terra, sem forças, sem luz, sem vida, e coberta da pallidez extrema! Ah! meu coração bem-adevinhava que era da morte aquella pallidez e aquelle roco grito, que tão triste ella soltou de si chamando em vão o desgraçado marido, que a não podia valer...Oh, minha Francisca!.. Meu coração bem me-tinha adivinhado!.. e eu... pobre de mim! que não acreditei que o Céu fosse tão duro!.. Oh minha Francisca! eu bem te vejo, tu me-estás chamando da eternidade, e eu quero seguir-te!... que... ro...”

Elle não pôde continuar, por que cahiu sem sentidos. Tornando a si, regeitou todos os soccorros, que se-lhe-deram; e voltando-se para a parede não comeu mais, nem fallou. Ao cabo de tres dias tornou a voltar o rosto para o outro lado, e com voz sumida, ou moribunda dice:

“Padre Nogueira.. eu vou apparecer diante de

Deos... (e com esforço maior bradou.) Vou apparecer diante de Deos! lá ser-me-hão restituidas a luz, e a esposa... Vou apparecer diante de Deos neste momento... Padre, eu te-emprazo para seu tribunal... vem amigo...”

A penas Claudio Nunes dice estas palavras expirou.-

A tia de Tira-dentes fez esta narração soffucada (*sic*) em lagrimas, e elle a ouvia quase suffocado em soluços.

Finda esta historia tão trágica, e tão triste Tira-dentes perguntou-lhe onde estava enterrada sua irmã; e ella lhe-dice que na Matriz da Conceição de Antonio Dias, accrescentando que Claudio Nunes repousava na mesma sepultura em que dormia sua mulher o somno da morte.

- E o padre Nogueira aonde está? (perguntou Tira-dentes).

- Ha muito que já deu contas a Deos...

- Oh! e por que morreu sem que eu nelle vingasse a morte de minha irmã? E é morto o malvado!...

- Na mesma hora em que Claudio Nunes expirou, foi o padre Nogueira assassinado por um seu escravo!!!

## **VI.**

### **EU, MARILIA, NÃO SOU ALGUM VAQUEIRO, QUE VIVA DE GUARDAR ALHEIO GADO.**

Em quanto esta dolorosa scena se passava em casa de Tiradentes, outra bem diversa tinha logar entre a formosa Marilia, e algumas de suas amigas.

Em uma tarde, em que algumas moças amigas de Marilia a foram visitar, não poderam estas eximir-se de increpal-a de se-querer casar com um homem, que tão mal conhecia, que ha tão pouco tempo estava em Minas, e de cujo character, e costumes nem ella, nem seu pae e nem pessoa alguma de Minas estava muito segura.

Entretanto não era o zelo, nem a amizade quem as-fazia assim fallar, era a inveja. Gonzaga bem co-

-nhecido era de todos, todos sabiam que elle tinha um caracter firme, e independente, costumes puros e que era honrado, além de que não havia tão pouco tempo de sua estada em Minas, que tão pouco conhecido elle fosse. Era assim a inveja que nellas obrava, dice eu; e devo dar a razão deste dito.

Os mineiros, geralmente fallando, são mui talentosos, e o talento da musica, e da poesia é nelles por assim dizer innato. Quasi todos os mineiros são músicos, ou dados a musica; muitos são poetas, ou em extremo amantes da poesia.

Póde dizer-se que quasi todos os musicos notaveis d'aquelle tempo, e os que se-seguiram até completar-se cerca de um seculo depois, eram mineiros: outro tanto dizer-se póde em poesia.

Nesse mesmo tempo os mais notaveis poetas, como os dous Alvarengas, Claudio Manoel da Costa, etc. eram Mineiros. E pois, tendo Gonzaga por seus deliciosos versos conquistado uma posição mui respeitável, de poeta, quasi todos os corações dados a poesia lheram inclinados, e a mór parte das bellas mineiras não podiam ver uma sua patricia amada pelo eximio cantor, com preferencia a ellas, e até com detrimento seu, sem um bem pronunciado sentimento de inveja.

Eram pois levadas por este sentimento que ellas arguiam a Marilia de se querer desposar com Gonzaga. E a esperta moça, longe de lhes-dar muitas

satisfações, só se contentava em lhes-dizer: “Que hei-de eu fazer? São destinos; gosto delle, e hei de seguir a minha estrella.”

No dia seguinte, Gonzaga foi ver a sua adorada Marilia, o que fazia constantemente de dous em dous dias, pois que tres se não podiam passar, sem que o apaixonado poeta fosse ver aquella por quem vivia, e por quem morria de amores. Assim é o amor de um poeta!

É uma chamma ateadada pelos peregrinos encantos de uma mulher, que se não apaga se não depois de ter completamente devorado o objecto em que arde!

É um amor quasi divino, que desdenhando gozos materiaes, funda todo o seu prazer em ver constantemente, e em cantar em suas apaixonadas trovas o objecto de seu amor; como o verdadeiro philosopho que acredita, e apregoa a existencia de um principio eternal, que crê que a anima, mas que nunca viu, e nem lida por ver!

É que o amor do poeta é um amor puro, santo, e espirital! como os hymnos, que a Deos elle faz voar de sua lyra!

E pois, Gonzaga foi ver a sua querida Marilia, e esta, que para elle não tinha o menor segredo, contou-lhe toda a conversação que com as amigas tivera na vespera. O poeta riu-se apenas, e voltando para sua casa, compoz, e lhe-mandou a bem conhecida, seguinte lyra.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado,  
De tosco trato, d'expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.  
Tenho proprio casal, e nelle assisto:  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs de que me visto:  
Graças, Marília bella,  
Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,  
Dos annos inda não está cortado:  
Os Pastores, que habitam este monte,  
Respeitam o poder do meu cajado:  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o proprio Alceste:  
Ao som della concérto a voz celeste;  
Não canto letra que não seja minha.  
Graças, Marília bella,  
Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que o teu affecto me segura,  
Que queres do que tenho ser senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte, e prado;  
Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.  
Graças, Marília bella,  
Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina,  
A quem a luz do Sol vem vão se atreve:  
Papoula, ou rosa delicada, e fina,  
Te cobre as faces, que são côr de neve.  
Os teus cabellos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo balsamos vapóra,  
Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora.  
Para gloria de amor igual thesouro,  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Leve-me a samenteira muito embóra  
O rio sobre os campos levantado;  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar uma rez, o nedio gado.  
Já destes bens, Marilia, não preciso:  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marilia, basta,  
Que os olhos movas, me dês um riso.  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Irás a divertir-te na floresta,  
Sustentada, Marilia, no meu braço;  
Ali descançarei a quente sésta,  
Dormindo um leve somno em teu regaço:  
Em quanto a luta jogão os Pastores,  
E emparelhados correm nas campinas,  
Toucarei teus cabellos de boninas,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da Morte.  
Ou seja neste monte, ou n'outra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dous a mesma terra.  
Na campa, rodeada de cyprestes,  
Lerão estas palavras os Pastores:  
“Quem quizer ser feliz nos seus amores,  
Siga os exemplos, que nos derão estes!”  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella.

A bella Marilia gostou tanto desta lyra, bem que não seja do numero das melhores do poeta, que respondendo-lhe, depois de muitas cousas, lhe-dizia:

“Vossos ternissimos versos são excellentes, elles derramando em minha alma um balsamo consolador me-extasiaram!

“Muito orgulho deve ter uma mulher que chega a ser amada por um poeta como vós!...

“Mas ah! vós sois cruel! Eu vivia em paz, livre, e tranquilla antes de requestardes meu coração, e agora... Agora eu sinto quanto não sei dizer, nem posso explicar, e entretanto vós demoraes isso que chamaes nossa felicidade. E entretanto vós mesmo assim viveis alegre, e eu não.”

A bella Marilia continuava ainda outras muitas queixas tão ternas, como seu amor.

O sensível poeta recebeu esta interessante carta, e a-leu uma e muitas vezes apaixonadamente. Elle disfructava um celeste gozo em receber lettras de Marilia, em lêl-as muitas vezes, e em chegal-as ao coração, &c.

Aquella cabeça tão cheia de comprehensão, aquelle coração tão cheio de sentimento, eram sempre cabeça, e coração de poeta!

Laborando em continuas ideias de amor, e de poesia, sua cabeça tinha sempre ternas inspirações, e seu coração ternos, sentimentos com que coloria seus ternos e apaixonados canticos de amor! Seus amores fizeram o gênio produzir milagres! e a poesia adornar-se de, até então, não vistos trophéos!

Em resposta a esta carta de Marilia, Gonzaga mandou-lhe a seguinte lyra:

Marilia, de que te queixas?  
De que te roube Dirceo  
O sincero coração?  
Não te deu tambem o seu?  
E tu, Marilia, primeiro  
Não lhe lançaste o grilhão?  
Todos amão: só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas  
Não rulam ternos pombinhos?  
E rulam, Marília, em vão?  
Não se affagão c'os biquinhos?  
E a provas (*sic*) de mais ternura  
Não os arrasta a paixão?  
Todos amão: só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Já vistes, minha Marília,  
Avesinhas, que não fazem  
Os seus ninhos no verão?  
Aquellas, com quem se enlaçam  
Não vão cantar-lhes defronte  
Do molle pouso, em que estão?  
Todos amão: só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marília, gerão  
Nos bravos mares, e rios,  
Tudo effeitos de Amor são.  
Amão os brutos impios,  
A serpente venenosa,  
A onça, o tigre, o leão!  
Todos amão: só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

As grandes Deosas do Céu  
Sentem a setta tyranna  
Da amorosa inclinação.  
Diana, com ser Diana,  
Não se abrasa, não suspira  
Pelo amor de Endymião?  
Todos amão: só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Desiste, Marilia bella,  
De uma queixa sustentada  
Só na altiva opinião.  
Esta chamma é inspirada  
Pelo Céu; pois nella assenta  
A nossa conservação.  
Todos amão: só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

É-me absolutamente preciso acompanhar os amores de Gonzaga com a revolução de Tira-dentes, ou a revolução de Tira-dentes com os amores de Gonzaga, até reunil-os no mesmo plano, tanta conexão tem estes dous objectos entre si. Deixemos pois o apaixonado poeta compondo, e enviando a sua querida, ternas lyras eroticas, e voltemos a Tira-dentes.

## VII.

### **MEDONHO ERA O LUGAR! TREMENDA A HORA! E SOLEMNE O MOTIVO!**

Eu já dei a bitola do character de Tira-dentes, e de suas opiniões politicas; si acertadas, ou erroneas, não é isso sem duvida do dominio de um simples romancista; aos publicistas o-competete: dê-se á Deos o que de Deos é, e á Cesar o que é de Cesar.

O capricho póde muitas vezes milagres, que nem a razão, nem a justiça intentariam.

Si depois que Tira-dentes soube da tragica historia de seu cunhado, e sua irmã, pensasse mais calmo, certo não intentaria uma empreza inexequivel em todos os sentidos. Tudo era prematuro no Brasil para passar n'um repente do mais opressivo

Estado, a uma completa liberdade, convém saber, do estado colonial ao estado republicano: mas sua ardente phantasia extasiada no brilhante futuro, que a sua patria figurava, suppria a carencia de todos os meios. Até aqui seu plano podia ser socegradamente ruminado, por que em seu coração podia haver uma tal ou qual calma; mas de agora em diante, quando elle junto ao futuro da patria meditava na vingança de sua irmã, o estado de sua alma era outro.

Por este mesmo tempo tinha Tira-dentes de vir ao Rio-de-Janeiro a certos negocios, e como em sua alma meditava o immenso de seu plano de conjuração, aligeirou sua viagem, e partiu com animo de ahi apalpar algumas pessoas a respeito d'elle. Logo que chegou soube que no Rio-de-Janeiro achava-se o Dr. José Alves Maciel.

Tira-dentes logo que o soube foi a ter-se com elle.

Maciel recebeu-o, como uma pessoa, que como elle tinha vindo d'Europa. Tira-dentes então lhe-dice:

- Que vos parece, meu amigo, esse brilhante expectaculo, que ao mundo offerece hoje uma porção d'America?

- De que me fallaes?

- Dos inglezes americanos...

- Expectaculo, que poderíamos ver em nossa terra, si houvesse em Minas dez homens que pensassem, como eu...

- Tantos não fôram preciso a Bruto! Elle, e Valerio deram o signal da revolta, e Collatino, e os outros não fizeram mais do que seguil-os! Tantos não fôram precisos na Suissa, e a guerra de seculos sustentada pelo imperio não pôde destruir a obra de alguns dias...

- Mas não temos em Minas o cadaver de uma mulher, que fosse violada por um tyranno, para expol-o a indignação publica, e nem um Guilherme Tell, incapaz de curvar-se diante do barrete, ou bonet de um malvado...

- Mas temos valor, e patriotismo.

- E para mal nosso accresce que somos regidos (é preciso confessal-o) por uma soberana, que é uma santa mulher; e o seu mesmo delegado nesta capitania (o visconde de Barbacena) é um santo homem. Que pretextos pois?

- Os tributos com que nos opprimem, os horrores com que a Inquisição nos affronta, e agora a derrama, que vae desgraçar centenares de familias.

- A derrama?! E executa-se isso?

- Sem duvida. E que melhor occasião?

- Certamente que nos convem aproveitall-a.

- Que devemos pois fazer?

- Examinarmos a gente com que devemos contar; tanto a gente que deve dirijir o movimento, como a que deve obrar.

- Sabemos com que gente notável devemos contar, em Minas?

- Pelo que tenho observado, conto com os seguintes...

- Dizei.

- O commandante da força publica de Villa-Rica, Francisco de Paula Freire de Andrade; o tenente-coronel de melicias da companhia do Rio Verde, Ignacio José de Alvarenga Peixoto; Domingos de Abreu Vieira; o medico Domingos Vidal Barbosa; o ouvidor Thomáz Antonio Gonzaga; Claudio Manoel da Costa; e além destes, temos ainda mais pessoas notaveis.

- É gente muito honrada; mas...

- Mas o que?

- Não é a melhor gente para uma conjuração.

- Porque?

- Porque é gente de letras, tractam mais das theorias, que da pratica, e quando é preciso obras, que o tempo é precioso, elles o-gastam em discussões.

- A isso nos daremos o geito.

- E por onde devemos principiar?

- Entendo que por fallarmos a estas pessoas.

- Que dizeis?

- E por intimidar o povo com a derrama.

- Muito bem, muito bem.

- E no caso delles annuirem, e combinarem em nosso plano, devemos nos-reunir em alguma

parte em sessões nocturnas para deliberarmos o que for melhor.

- Justamente. Então, mãos á obra.

Dito isto, os dous conjurados separaram-se, cheios da grande, e magestosa idéa de seu plano.

Depois que viu a Maciel seguro, Tira-dentes fallou a outras pessoas no Rio de Janeiro e, apesar do que diz sentença, o republicano achou boas disposições em todos com quem fallou. Poucos dias depois, Tira-dentes, e o Dr. Maciel se partiram para Villa-Rica, e por todo o caminho fôram apalpando os animos das pessoas mais notaveis, aggregando-as ao partido. O primeiro destes foi o cunhado de Maciel Francisco de Paula Freire de Andrade tenente-coronel, commandante da tropa regular da capitania. Depois o coronel Ignacio José de Alvarenga, e o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira. Seguiram-se logo o padre José da Silva de Oliveira Rolim, o padre Carlos Correia de Toledo, e o vigario da villa de S. José. Entretanto diziam os dous conjurados que o cabeça, e o que faria as leis da republica era Gonzaga. Elle gozava de tanta reputação que é de crer que só pela influencia de seu nome muitas pessoas entrassem na conjuração.

Os dous chegaram á Villa-Rica sem novidade. Era isto em Setembro do anno de 1788.

Tres dias depois o povo affligia-se, e murmurava contra o governo. Dizia-se por toda a parte que car-

-tas vindas de Lisbôa asseguravam que o governo havia tomado a respeito do Brasil medidas, e temendo o exemplo d'America ingleza tinha resolvido, a fim de enfraquecer o Brasil, de quem já muito setemia, promulgar uma lei prohibindo a cada vassallo o ter, ou possuir mais de dez escravos; que tendo substituido o imposto da derrama ao da capitação, e montando a divida deste imposto, entre os mineiros, a quasi oitocentas arrobas de ouro, que não fôram cobradas nos ultimos annos, pretendia o governo, com o lançamento do novo anno, cobrar toda esta extraordinaria somma.

Apenas esta noticia vulgarisou-se, o povo a acreditou, sem mais exame, mostrando-se cada um mais enfurecido. Cada um calculava a seu modo, e sempre o resultado era ficaram os Mineiros pobres.

Calculava-se a somma que se devia receber igual a todo o ouro não arrecadado, e que circulava em Minas neste tempo! e todos estavam muito firmes a se revoltarem antes, do que a sujeitar-se a esta lei.

Os conjurados, tendo achado propicios á seus planos aquelles de quem se haviam lembrado, adiantavam-o instigando sempre o povo á revolta que premeditavam.

Não muito distante da Villa-Rica, hoje Ouro-Preto, depois de se debruçar das penedias das serras, por entre as flôres de risonho prado mollemente

desprega, murmurando de sorriso em sorriso, suas pacificas agoas, o correjo do Funil, cujas ondas se volvem toldas pelas aureas particulas que nellas se misturam; e este correjo, si mais espaçoso fôra, espelharia a graciosa cidade dos sertões, que magestosa, como rainha dos desertos, se-assenta em amplos cumes de dilatadas collinas, e graciosa se-recosta sobre uma aba da serra de Ouro-Preto, em cujo cume turbilhonam preciosos metaes, d'onde domina o valle, que se destende per entre fraldas de serranias enormes; os montes, que embellezam o deserto; as serras, que rompem com o céo com arripiados tôpos; e esses desconsolados horisontes tão longinquos, tão tristes, e tão saudosos!

N'aquelle tempo, voluptuoso d'entre as frescas sombras de espesso bosque, que as agoas lhe-resfrescava (*sic*), cuidadoso amparando-as contra os ardentes raios do estivo sol, surgia vagaroso o agradecido córrego no meio de deliciosa campina, dando, como um saudoso adeos ás frescas, e enamoradas sombras do bosque, ou como soltando um surdo, e doloroso gemido, sendo forçado a apartar-se, para mais não ver, a palmeira do deserto, de cujos leques deixando escorregar, sobre suas agoas, as perolas que sobre elles deixavam as lagrimas d'Aurora, o enriquecia mais, augmentado-lhe assim os liquidos topazios, que serpenteando rola per entre alvos, e roliços seixos! E depois de humilde beijar,

sorrindo a vasta base de soberba serra, em que com magestade repusa a aurea cidade das montanhas, vinha ainda contente dobrar-se, em respeitoso vortice, diante da alegre fachada de bella casa de campo, que lhe-embellezava as margens, d'onde tristonho, e melancolico descia a se-enfiar, chorando, per entre penedias, espinhaes e paúes!

Pertencia então esta agradavel casa de campo a um d'aquelles que, convidado por Tira-dentes para a Conjuração, annuindo a tal convite, se havia tambem tornado um dos conjurados.

Este era Freire de Andrade, que vendo que não tinham uma casa idonea, para suas sessões nocturnas, offereceu-a de prompto, e a pretexto de concertar a dita casa, removeu sua familia d'alli para a Villa, e ficou a casa a disposição dos conjurados.

Na primeira noute reuniram-se ahi nessa sessão republicana todos aquelles que, convidados por Tira-dentes, e Alves Maciel, haviam consentido na conjuração, são aquelles cujos nomes atraz aponte; todavia Gonzaga não compareceu por não ter sido achado, e por isso não tinha ainda recebido convite; mas para compensar isto havia mais um socio do qual Tira-dentes, e Maciel lembraram-se depois, que era o Sr. dos Reis, que apenas convidado acceitou logo o convite e compareceu á sessão.

Na primeira reunião, que tiveram os conjurados, não tractaram se não de cada um apresentar uma

lista de homens de confiança para serem convidados, e assim engrossarem o numero dos conjurados. Cada um pois apresentou os nomes dos homens, que julgava mais conspícuos, e mais seguros, e depois de breve discussão o proposto era acceito, ou reprovado. O Sr. dos Reis, entre os nomes que apresentou, lembrou-se tambem do de Gonzaga, e apresentou. Seu rosto pareceu radiante de alegria sabendo que Gonzaga era um d'aquelles com que contavam. A sessão dessa noute cifrou-se nisto, e encerrou-se, sendo propostos, e approvados alguns mais, e entre estes o Sr. Brito.

Duas palavras são precisas a respeito deste homem.

A senhora de Brito, nascida em Minas e ahi criada até os quinze annos de sua idade, era talvez a mais formosa menina de todos aquelles logares. Na idade de quinze annos lia, escrevia e contava perfeitamente bem. Dotada de um extraordinario talento, tinha uma comprehensão rara, e vasta; Anna unia a tanta belleza, a tanto talento, a tanta comprehensão, e a tanta mocidade um character ardente, dissimulado, genio calmo, e reflectido, e uma alma ambiciosa! Si fosse homem, deiva ser um optimo ministro d'estado sendo mulher tinha nascido para viver em côrte. Aos dezeseis annos desposou-se com um magistrado portuguez, e trez annos depois acompanhou seu marido para Europa. Como este

magistrado era homem de muita, e variada instrucção, Anna, com taes disposições para as letras, aproveitou-se, e vivendo além disto n'uma grande cidade, como é Lisboa, bem depressa adquerio uma instrucção não vulgar entre as de seu sexo n'aquelle tempo. Anna viajou depois, em companhia de seu marido pela Hespanha, e França, e voltando a Portugal, ahi enviuvou, e, não se-sabe pelo que, voltou outra vez para Minas, onde desposou o Sr. de Brito, sobre cuja alma tinha ella absoluto imperio.

Era quasi meia noite, quando terminou a sessão dos conjurados, e Tira-dentes sahindo della, dirijio-se a igreja em que sua irmã estava sepultada. A sacristia estava então em obras, e della passava-se para a igreja sem dependencia de chaves.

Tira-dentes ia preparado para isso, pois elle o-sabia; entrou, e parou por alguns instantes no corpo da igreja. O templo estava solitario, escuro e medonho. Apenas na alampada que pendia do tecto até defronte do sacrario, ardia melancholica, funerea luz, que atufada em sombras lançava incerta frouxo, e pallido clarão como o da luz de finados em mortuaria camara forrada de luctuosas telas! Algumas refregas do vento, que se-encannavam per entre algumas clara boias da igreja, dando d'encontro aos arcos de prata da alampada, faziam-a volver-se com um movimento de rotação, em quanto a corda, de

que pendente estava, torcer-se podia; e destorcendo-se ao mesmo tempo com mais velocidade, era continuo este movimento d'alampada.

A luz que ella de si lançava, bem que demasiadamente fraca, estampava com tudo, sobre um dos lados da parede, as sombras desse arcos, que de alto abaixo sobre a parede se-projectavam, e pelo movimento que as refregas imprimiam á alampada, corriam estas gigantescas sombras, sempre com a mesma velocidade, sempre guardando em cada carreira a mesma distancia, e sempre prolongadas com a parede, desde um pé direito do arco cruzeiro, até o seu correspondente. Eram sombras produzidas pela luz d'alampada, é bem verdade, mas vistas de repente, e sem reflexão, medonhas eram de ver-se! Dir-se-hia que eram sombras de mortos, que silenciosas, e taciturnas divagavam em torno de suas tristes sepulturas! onde cumpriam um fadario a que Deos as-condemnára por expiação de algumas ligeiras culpas!

Outrem mais dominado pela superstição do vulgo que Tira-dentes, não entraria o asylo dos mortos a taes deshoras, e quando entrasse não encararia para estas medonhas sombras!

Era quasi meia noute! hora de mysterios! hora dos espiritos, dos phantasmas, dos demonios, dos feiticeiros e dos vampiros! e Tira-dentes ia orar sobre a sepultura de sua irmã!

Medonho era o lugar! tremenda a hora e solemne o motivo! E Tira-dentes estava só... só? elle assim se-julgava, mas occultos entre o manto da noute vagueam os malfazejos do mundo! e Tira-dentes não estava só! O moço depois de um breve meditar ajoelhou-se sobre a sepultura de sua irmã, e começou a orar! Poucos instantes depois, com o arrebatado de seus pensamentos começou a fallar assim:

“Eis-aqui, ó minha irmã, o teu derradeiro leito, aonde para sempre despenhou ao teu corpo a mão funesta da barbaridade dos homens! Muitas vezes eu tenho orado sobre tua sepultura, donde minhas orações se-tem remontado ao throno de Deos! Muitas vezes minhas lagrymas tem orvalhado a tampa de teu sepulchro, mas minha dôr se não tem alliviado, por que é preciso que te vingue!

“Um só momento se não tem passado no qual eu me-delembre de teus padecimentos, e de tuas desgraças! Fingindo-me alegre, dissimulando meus sentimentos, a dôr despedaça minha alma, e o abutre da vingança devora meu coração!

“Ó minha irmã! do alto da Eternidade, aonde junto de Deos contas os supplicios de minha alma, dirige os meus passos; faze que tuas desgraças fecundem minhas iras, e que o dia da liberdade da patria seja o dia de tua cabal vingança!

“Ó minha irmã! minha querida irmã! tu dormes

tranquilla o somno da morte, e minhas tristes, e saudosas lagrymas, neste religioso recincho perturbam o sagrado repouso dos finados, mas perdôa si meus suspiros interrompem neste momento o calmo somno de tua morte... mas é preciso que eu te-vingue, e tu serás vingada! Sim, tu o serás, eu o juro por ti mesma, e tomo a Deos por testemunha sobre tua propria sepultura!... Tu serás vingada, ou meus membros serão dispersos em um campo de batalha, ou meu sangue tingirá os degrãos do cadafalso!..”

No momento em que Tira-dentes firmava estas ultimas palavras (era meia noite!) a seu lado esquerdo piou sobre o tecto agoreira coruja!

Tira-dentes estremeceu, todo abalado por involuntario tremor, volta-se, e per entre as trevas vê uma sombra que se-deslisa, e escoando-se de rente com a parede, busca alcançar a porta; elle ergue-se rapidamente vôa para onde vê a sombra! a um ligeiro tropel succede um silencio tumular; a sombra perde-se na noute que envolve tudo, e Tira-dentes acha-se só!..

## VIII.

### NOSSA SEGURANÇA O EXIJE.

Laurinda, moça de vinte dous annos, não feia, espirituosa, e esbelta, era filha unica de um rico mineiro, e bem que não podesse, nem comparar-se com a bella Marilia, passava por uma belleza, entre as mineiras; ella assim se presumia, o que não admira, o que é trivial, e até desculpavel entre senhoras. Qualquer dellas se-julga moça, como a aurora, e formosa, como Venus! Na verdade, entre senhoras até seus defeitos são encantos. Si seus cabellos são corredios, são chorões pendentés sobre um lago de crystal; si são crespos, são bellas ondas de um turvo rio que impetuoso se-deslisa; si seus olhos são grandes

são duas bellas tochas de amôr; si pequenos, são dous brilhantes vigias do mesmo amôr; si suas sombrancelhas são pouco arqueadas, são dous arcos de amôr em descanso; si muito arqueadas, dous arcos ainda do mesmo amôr, porém armados em guerra, ou dous iris; si sua bocca é grande e corada, é uma rosa aberta; si pequena, é botão de roasa; si é muito clara e corada tem rosto de jasmins, e faces de rosas; si descorada, tem o feiticeiro pallido da voluptuosidade; si é morena, é uma perfeita estatua de marfim exposta aos rigores do tempo; esta belleza dos tempos heroicos ou da meia-edade ainda tendo de menos uma vista, esta belleza, digo tão decantada, nem porisso perde de seus quilates, por que o solitario olho de Polyphemo que lhe-resta é uma brilhante estrella que fulgura no meio de um claro, e nitido céu! E, si uma senhora é rica? então tem todos os encantos que póde ter uma mulher formosa, dotada de todas as perfeições, que póde uma mulher completamente bella! E o mais é que Laurinda estava muito neste caso: quanto a seus encantos, como não ha muito a temer do furor dos mortos, direi sempre que não eram lá muitos... não era feia, tambem não era bonita: era moça... mas como era muito rica tinha direito a pertender (*sic*) tudo quanto uma moça pertender (*sic*) póde.

Alguns mezes antes de Gonzaga ver a Marilia em um casamento, do qual foi elle uma das teste-

-munhas, viu a Laurinda, que, em abono da verdade cumpre confessar, era espirituosa. Gonzaga ahi repetiu em louvor dos noivos varias poesias, como sonetos, e uma bellissima canção, em que o poeta primou pintando o mais delicado possivel as mais suaves idéas do amor. Laurinda, que era uma moça romantica, ficou perdidamente enamorada do poeta. Não admira, porque era no tempo que os poetas comiam á mesa dos magnates, rodavam em seus carros, e divertiam suas mulheres com seus versos; e as moças de bom tom, que n'aquelle tempo tambem a-havia, não sendo menos orgulhosas que as de hoje, e estimando o verem celebradas as suas graças, que muitas vezes não as-tinham, gostavam de ser amadas por um poeta, só para ouvirem seus nomes cantados em doces rhitimos. Era isto partilha das senhoras espirituosas, e Laurinda que não poucas vezes tinha ouvido fallar no nome de Laura junto ao de Petrarca; no de Leonor junto ao de Tasso; no de Catharina junto ao de Camões; ella, que bem sabia que estas mulheres se-haviam feito celebres pela cega paixão de seus enamorados Vates, lá de si para si começou a ambicionar esta, que ella chamava, gloria. Laurinda porém fazia optimamente suas contas, e quanto a ella, certas lhe-saiam na prova, porque não levava em conta uma addicção, e talvez a mais notável; e era, que a gente mais extravagante do mundo é sempre a de grande genio,

e como neste numero entram alguns poetas, Gonzaga era deste numero. A extravagancia desta qualidade de gente consiste em se-  
apartarem sempre dos usos mais bem recebidos na sociedade! raras  
são as excepções; mas quando a maior parte dos homens amam e  
casam mercadejando, no que fazem muito bem, o poeta ama, e casa  
cantando! Laurinda ignorava que esta casta de gente não se ajusta  
senão com a idéa do bello, e embóra seja um bello a seu modo, e  
soppunha que meia duzia de patacas eram sufficientes para comprar  
um coração de poeta; e pois ella não contava com uma repulsa.

Firme nestes principios, começou a moça a offerecer seus  
serviços ao poeta, que os recebia com o mesmo ardor com que  
Narciso recebia os da infeliz, e apaixonada Echo! e apesar disto ella  
continuava, porque Laurinda era tão modesta, que soppunha em  
Gonzaga ser modéstia, o que não era se não um pouco de pouco  
caso! Presumpções de moças.

Já Gonzaga havia feito a conquista do coração de Marilia, e  
apesar de Laurinda sabel-o, nem por-isso desconfiava de Gonzaga, e  
nem dava muito cavaco com Marilia; o que, porém, era natavel (*sic*)  
é que Laurinda dizia as suas amigas que Gonzaga não amava a  
pessoa alguma, e que sua correspondencia com Marilia, a ser  
verdade, não passava de um intretenimento de poeta; que ninguem  
sabia melhor disto do que ella: o leitor bem sabe o que a moça

queria assim inculcar e acrescentava que Marília não tinha as condições necessárias para satisfazer a Gonzaga; que não era muito feia, é verdade, mas era muito sem graça, desenhada, e demais a mais muito pobre. Era isto natural em Laurinda, porque as senhoras que não são bonitas costumam a fazer destes altos elogios as senhoras formosas. Ora, é verdade que Laurinda pedia sempre segredo as suas amigas, quando assim lhes fallava; mas, attendendo as regras da delicadeza, que exige a boa amizade entre senhoras, ellas se-julgavam dispensadas da obrigação do segredo; e não querendo ser menos amigas de Marília do que Laurinda, eram as mesmas amigas destas que contavam á aquella o que ouviam!

Isto chegou aos ouvidos de Marília, e ella que não era sancta começou a enfadar-se com tal procedimento.

Sem se-lembrar talvez de Laurinda, estava Gonzaga muito descansado em sua casa, quando recebeu da parte de Marília o seguinte bilhete:

“Senhor,

“Si tivesse merecimentos convidar-me-ia para madrinha do vosso casamento com a formosíssima, e mui virtuosa Laurinda, mas como não tenho, convidado-me já para nesse dia comer um pouco de doce.

Vossa criada,

MARILIA.”

Com a leitura deste bilhete, Gonzaga primeiro enfiou; depois riu-se, e mais calmo escreveu a seguinte lyra:

Minha Marilia,  
Tu enfadada?  
Que mão ousada  
Perturbar pôde  
A paz sagrada  
Do peito teu?  
Porém que muito  
Que irado esteja  
O teu semblante!  
Tambem troveja  
O claro Céu!

Eu sei, Marilia,  
Que outra Pastora  
A toda a hora,  
Em toda a parte  
Cega namora  
Ao teu pastor.  
Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo:  
Assim, Marilia,  
Ha zelos, logo  
Que existe amor.

Olha, Marília,  
Na fonte pura  
A tua alvura,  
A tua bocca,  
E a tua compostura  
Das mais feições.  
Quem tem teu rosto  
Ah! não receia  
Que terno amante  
Solte a cadeia,  
Quebre os grilhões.

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas  
No seu cabelo,  
Sem pelles finas  
No seu jubão.  
Porém que importa?  
O rico aceio  
Não dá, Marília,  
Ao rosto feio  
A perfeição.

Quando appareces  
Na madrugada,  
Mal embrulhada  
Na larga roupa,  
E desgrenhada  
Sem fita ou flor;  
Ah! que então brilha  
A natureza!  
Então se mostra  
Tua belleza  
Inda maior!

O Céu formoso,  
Quando alumia  
O Sol de dia,  
Ou estrellado  
Na noite fria,  
Parece bem.  
Tambem tem graça  
Quando amanhece;  
Até, Marilia,  
Quando anoitece  
Tambem a tem.

Que tens, Marilia,  
Que ella suspire!  
Que ella delíre!  
Que corra os valles!  
Que os montes gyre  
Louca de amor?!  
Ella é que sente  
Esta desdita;  
E na repulsa  
Mais se acredita  
A teu pastor.

Quando ha, Marilia,  
Alguma festa  
Lá na floresta,  
(Falla a verdade)  
Dansa com esta  
O bom Dirceo?  
E se ella o busca,  
Vendo buscar-se  
Não se levanta,  
Não vai sentar-se  
Ao lado teu?

Quando um por outro  
Na rua passa,  
Se ella diz graça,  
Ou muda o gesto,  
Esta negaça  
Faz-lhe impressão?  
Se está fronteira,  
E brandamente  
Lhe fita os olhos,  
Não põe prudente  
Os seus no chão?

Deixa o ciume,  
Que te disvela:  
Marilia bella,  
Nunca receies  
Damno daquella  
Que igual não for.  
Que mais desejas?  
Tens lindo aspecto;  
Dirceo se alenta  
De puro affecto,  
De pundonor.

Tinha Gonzaga acabado esta sua composição, e revia-se nella com amor de pae, isto é, amor de poeta a sua producção, quando lhe-diceram que o-procuravam duas pessoas; mandou-as entrar, eram Maciel, e Claudio Manoel da Costa: elles lhe-communicaram seu plano, e o-convidaram para unir-se a elles. Gonzaga fez-se vermelho, e por espaço de um, ou dous minutos esteve em silencio. Os dous conjurados a porfia gabaram o acerto de seu plano,

a segurança de seus meios, a certeza de seus recursos, e a pontualidade dos socorros, que esperavam obter: por ultimo louvaram seu caracter firme, e independente, estimularam seu brio, e picaram seu amor a liberdade, terminando por pintar-lhe o brilhante futuro que o-esperava em a nova ordem de cousas, que se-iam seguir. Gonzaga respondeu-lhe que nada podia decidir sem estar intimamente ao facto de todas estas cousas; ao que responderam os conjurados, que nesse caso o-viriam buscar sendo noite, para que soubesse na proxima sessão de todos os planos!

Que imprudencia! Gonzaga assim lhes-prometteu. A's onze horas da noute tres vultos estavam em pé junto de um porta; eram homens; e um delles dizia a outrem:

- É preciso que consintaes que se vos tape os olhos.

- E para que? (Dizia o outro).

- É preciso: nossa segurança o-exige.

- Pois si é preciso, fazei o que quizerdes. -

Os dous ataram um lenço sobre os olhos do outro, e o-conduziram por onde muito bem quizeram. Depois de andarem um bom quarto d' hora pararam, e tiraram o lenço dos olhos do outrem. Este achou-se em um pequeno quarto, apenas alumiado por uma fraca luz. Então um delles apresentou ao que viéra vendado um missal, e convidando a pôr sua mão

direita sobre elle, dictou-lhe o seguinte juramento, que elle repetiu: -  
Juro aos Santos Evangelhos, perante Deos e, os homens, de, no caso  
de não querer fazer parte desta illustre sociedade, nunca revelar  
cousa-alguma a tal respeito, e no caso de o-fazer, morra as mãos de  
qualquer dos socios. E fazendo parte della, seja este o meu fim, si  
trahir a sociedade, ou a algum de seus membros! -

## **IX.**

### **ISTO ERA EXTRAVAGANTE.**

Pelo mesmo tempo em que alguns mineiros tramavam esta conjuração, dez soldados de um dos regimentos da guarnição do Rio de Janeiro, sendo apanhados em um roubo, espancaram e feriram os soldados, que n'aquella noite faziam a policia da cidade, e conhecendo a enormidade de seu crime fugiram, levando suas armas, e outras que poderam alcançar; dirigiram-se pela estrada de Minas, e por todo o caminho foram roubando a quantos encontraram e que poderam roubar.

Acoutaram-se estes bandidos na serra da Mantiqueira, aonde fabricaram um rancho e alli viviam em communitade.

Estes perversos estavam sempre a beira da estrada, sobre a qual saiam para roubar os caminhantes que iam, e vinham, e não contentes com isto, matavam os desgraçados, que caíam em suas mãos. Bem depressa espalhou-se esta noticia, e a fama de seus horrores foi tal, que ninguem fallava nos ladrões da Mantiqueira sem medo, nem terror!

Esta companhia de ladrões cresceu rapidamente; e era tal o numero de seus socios, e tanto se-fiavam em si, que logo que ouviram fallar na lei da derrama, e da somma enorme que se-ia cobrar, formaram o audaz projecto de irem a Villa-Rica, quando soubessem que já havia grande somma arrecadada, e se-apoderarem della, custasse o que custasse!

Gigantesco era o plano; mas dada a cobrança, em que meditavam, e tendo sua empreza um feliz exito, era com effeito arriscar dez contra mil!

Era este o plano: saber em que logar estavam depositadas as quantias; avançarem contra esse logar levando animaes com canastras para conduzirem os despojos depois do combate: chegados ao logar, bater a guarda, matal-a, ou dispensal-a: matarem a quantos se-opposessem ao seu disignio, apoderarem-se das riquezas, que cubiçavam (*sic*), e leval-as para o seu rancho.

Entretanto os mais prudentes dos salteadores eram de opinião que se esperasse o comboi (*sic*) vindo de Villa-Rica, acommettel-o em caminho com toda

vantagem possível e quasi sem risco, e assim executarem a sua empreza mais limpamente: mas os que eram de opinião de irem a Villa-Rica argumentavam que o comboi (*sic*) não viria pela estrada de Minas, mas sim pela de S. Paulo para evitar o perigoso passo da Mantiqueira; ou ainda pela estrada nova que se-abrira então; assim pois venceu-se que deviam ir a Villa-Rica. Para isto nomeou-se dous dos mais valentes, e corajosos para partirem no mesmo instante, e em Villa-Rica observarem tudo, e tomarem suas precauções. Os dous partiram. Logo que chegaram ao ponto de seu destino, começaram seu officio com a maior habilidade possível.

Notava-se já em Villa-Rica, e murmurava-se a respeito de alguns vultos, que divagavam de noute das onze horas até meia-noute, e das duas as quatro da madrugada pouco mais ou menos.

Algumas senhoras casadas reparavam em que seus maridos saham as onze horas da noute, e não voltavam para casa senão de madrugada. Accrescia a isto uma sombria desconfiança, uma certa reserva entre amigos, parentes e até dos maridos para com as mulheres.

Uma noute, eram onze horas, o coronel de Brito sahio de sua casa, e crendo que ninguem o-observava, encaminhou-se para as margens do correjo do Funil, e por fim entrou na casa das sessões dos conjurados. Um vulto o-seguiu até alli. Alguns

conjurados encaminharam-se para a mesma parte, e entraram também na dita casa; o vulto, quem quer que fosse parecendo satisfeito disto retirou-se. Os conjurados reuniram-se. Havia nessa noite um adepto; é aquelle que com os olhos vendados, e conduzido pelos dous, tinha prestado seu juramento de fidelidade á conjuração: era Gonzaga.

Os conjurados, que já estavam ao facto de tudo, desinvolveram seu plano diante de Gonzaga.

Os Conjurados estavam firmes nisto: - aproveitarem-se da publicação da lista da derrama, enthusiasmando o povo, romper o grito de liberdade, e prender o governador para ser remettido para Lisbôa pela Bahia, e outros queriam que logo que preso fosse decapitado, levantada sua cabeça em um posto muito alto, fixado na praça publica, para exemplo e segurança dos conjurados.

Immediatamente devia crear-se na capitania de Minas uma republica, a que se reunissem as capitancias visinhas, que quizessem adherir ao mesmo systema de governo.

Logo que se-installasse a nova republica deveria alvorar-se uma bandeira branca, tendo por devisa um Genio calcando algemas despedaçadas, o qual deveria ter na dextra uma espada, e na sinistra a gorra da liberdade. Tira-dentes tinha proposto que a bandeira fosse branca, com tres triangulos, emblemando a Trindade; mas suas opinião foi prejudicada

por outra que quiz que as divisas da bandeira emblemassem mais ao vivo a republica com estas letras: “*Libertas quae sera tamen*”.

Todos os republicanos deveriam immediatamente proceder a uma eleição de tantos dos principaes d’entre elles, quantas fossem as freguezias da republica para organizarem a constituição do novo estado, e elegerem (sendo o seu primeiro trabalho) um presidente interino, cujas funcções deviam terminar com a organização social do estado, assim como as funcções dos membros do concelho. Finda a constituição, devia se-tirar tantas copias quantas fossem as freguezias da republica, e esta constituição seria lida solememente em cada freguezia pelo membro do conselho que a representasse, com assistencia do vigario da mesma. Todo o cidadão tinha direito de impugnar qualquer artigo da constituição; e havendo algum, ou alguns artigos impugnados por tantas freguezias quantas fórmassem metade, e mais uma freguezia da republica, esse artigo, ou artigos seriam reformados. Sancionada a constituição pelos povos, proceder-se-hia a eleição dos senadores, que deveriam ter de cinquenta annos para cima; e depois a do presidente, cujas funcções deviam durar uma olimpiada (quatro annos), e a dos Senadores duas. O presidente, ou magistrado supremo não tinha todavia o supremo poder em tudo, e por tudo; qualquer parte podia appellar do

tribunal mais grado, fosse a questão qual fosse, para o magistrado supremo, deste para o senado, e deste para o povo, que poderia votar em todas as questões, como nos comicios romanos. Assim havendo qualquer querela entre o magistrado supremo, e o senado podia, e devia qualquer dos queixosos appellar para o povo. Dizem que Gonzaga, a quem isto pareceu anarchico, lembrara que isto era incommodar muito o povo, fazendo-o ouvir, por exemplo, a leitura enfadonha de um processo, e era querer que o povo decidisse de direito, para o que não estava habilitado; que julgava melhor que nas questões de appellação para o povo este votasse em cinco homens dos principaes do paiz para decidir da questão; e accrescentou, que era cedo para tractar-se disto. Appareceu mais uma lembrança, e era que sempre que o povo estivesse reunido em qualquer cidade, ou villa da republica, era elle soberano. Isto era extravagante, mas era natural no meio de tanta novidade.

O ouro, e pedras preciosas deviam ficar exemptos (*sic*) de direitos; e os terrenos diamantinos ser franqueados. Os devedores da fazenda publica receberiam plena quitação. Cuidar-se-hia logo do augmento material da republica, creando-se uma universidade em Villa-Rica, escólas de manufacturas, e de todas as industrias necessarias. A capital da republica devia ser mudada para S. João d'El-Rei.

Todas as relações da nova republica deveriam ser cortadas com qualquer das capitánias do Brasil que quizesse adherir ao novo systema. Todos os conjurados deviam quotisar-se, em proporção de seus haveres para armamentos e todos os utensis (*sic*) de guerra. Dous enviados deviam partir immediatamente, um para França, e outro para os Estados-Unidos, para não só comprarem armamentos, e os mais precisos para guerra, como também interessar estes dous governos em favor da nova republica.

Ora alguns dos convidados menos espertos, ou pouco experientes adheriram a conjuração com toda sua alma, os mais sabidos porém, e mais velhacos adheriam por comprazer, porque pensavam que aquillo não passava de uma extravagancia de cabeças exaltadas, e escandecidas. Gonzaga porém não era do numero de uns, e nem de outros. Elle tinha um coração liberal e verdadeiro; mas conhecia a impossibilidade da realisação de um plano tão extravagante; e fiando-se em suas luzes, sua eloquência, e prestigio, adheriu ao plano, para o-ir procrastinando, e desvanecel-o a final, sem ser funesto a pessoa alguma, porque elle esperava que tarde, ou cedo os principaes conjurados conheceriam que seu plano era prematuro, porque o paiz estava immaturo não só para um tal systema, como para sustentar uma guerra funesta, que não seria para os

portuguezes tão infausta, como fora a dos Estados-Unidos para os inglezes europêos!

Lembra-se o leitor de que o coronel de Brito indo para a sessão dos conjurados foi seguido de um vulto, sem que elle o-visse, e que este vulto, vendo, encaminhar-se para o mesmo ponto mais outras pessoas se-retirou. Pois bem.

A sessão reuniu-se, os principaes conjurados apresentaram seus planos, estes foram discutidos, emendados, etc.

Finda a sessão, sobre a madrugada os republicanos voltaram a sua casa, onde se-acharam em paz ao outro dia.

O coronel de Brito dormiu até alto dia, e só pelas dez horas da manhã foi que almoçou. Finda esta refeição, sua mulher o-tomou a parte e lhe-dice:

- Coronel, que procedimento é este?

- Não sei de que me-fallaes, senhora!..

- Como não sabeis? Saies de vossa casa todas as noutes pelas onze horas pouco mais ou menos, e não entraes senão pela madrugada! Um tal procedimento não vos-diz, coronel! mal cabe a um homem casado, e não assenta em um homem do vosso character! Que me-dizeis a isto?

- Que tendes alguma razão, e que tenho-me excedido algumas noutes; mas eu serei mais commedido.

- Não basta isto...

- Pois não estaes satisfeita?
- Por sem duvida que não.
- E que pertendeis (*sic*) mais?
- Que me digaes aonde tendes estado estas noutes.
- Oh! dir-vos-hei, que nisto não ha o menor mysterio.
- Então aonde, coronel?
- Em casa de um amigo, jogando.
- Com effeito! muito tarde adquiristes um tão máo vicio.
- Oh! não é jogo que perca um homem.
- Então que jogo é?
- A Cascarrilha...
- Com tantos parceiros admira!
- Com? tantos parceiros dizeis vós!
- Porque (*sic*) não jogaes em vossa casa?
- Jogo em casa de amigo é o mesmo.
- Em casa de um amigo, a qual está deserta de dia! -
- Não vos-compreendo.
- E só de noute é que é habitada, já se-vê, pelos jogadores da cascarrilha!..
- A vossa lingoagem é incomprehensivel!
- Toda lingoagem o é, quando aquelle a quem se falla nos não a quer entender.
- Assevero-vos que vos não entendo.
- Pois eu me explicarei. Sim, serei eu mais

sincera, mais franca e mais generosa do que vós. Houve tempo em que vós não tinheis segredos para mim. Eu era fiel depositaria delles, e folgava de dizer-vos tudo quanto sabia. Si eu era, ou não merecedora desta cega confiança, que em mim depositaveis, não o-sei eu, mas vós o-fazieis. O que é verdade é que tantos annos de provanças em que me não tenho desmentido caíram hoje no esquecimento, porque hoje o coronel de Brito tem segredos para aquella, que durante muitos annos lh'-os-soube guardar, sem a menor indiscrição. -

Durante este breve discurso, o coronel de Brito se havia feito pallido e vermelho mais de uma vez, e a espirituosa senhora de Brito, que não perdia uma só de suas commoções continuou dizendo:

- Hoje não mereço já a mesma confiança: e o mais é que sou punida, senhor coronel, sem saber o delicto que commetti!...

- Senhora, eu vos-rogo, sêde clara. Que quereis dizer?

- Que não saies para jogar.

- Como! Então para que saio?

- Para jogar, bastava sairdes a entrada da noute, e recolher-vos as dez, ou onze horas. E vós saies pelas onze horas, e entraes pela madrugada: isto é, saies quando deverieis entrar.

- Então para que saio?

- Para jogar não é preciso ir as margens do cor-

-rego, estar des das onze horas da noute até a madrugada, e em uma casa, que todo o dia está deserta!

- Quem vos-dice tudo isto, senhora?

- Para jogar não é preciso uma reunião de homens em numero de alguns vinte...

- Traição!.. traição!.. -

Assim exclamava o coronel de Brito já muito impacientado.

- Tranquilisai-vos. Vós não estaes trahido.

- Como sabeis então de tudo isto?

- Vós o-sabereis.

- Deveis saber a gravidade deste segredo? ..

- E de tão grave que é, não m'-o-quizestes dizer...

- Mas um juramento...

- Sei bem. Mas vamos, qual é o vosso plano?

- Eu acredito piamente que me não compromettereis?...

- A minha fé, e discrição não se-tem desmentido até hoje.

- Pois bem, ouvi o nosso plano. -

O coronel de Brito relatou a sua mulher todo o mysterio da conjuração. É preciso que o leitor saiba, que a senhora de Brito de nada sabia a respeito disto: desconfiada pelas continuas saidas de seu marido, mandou um escravo segui-o. É este o vulto que vimos, ha pouco seguindo o coronel de Brito, e vendo os mais conjurados se-encami-

-nharem para a casa de campo das margens do correço, se-retirou. A senhora de Brito dotada, como era de muita viveza collegio dessa reunião o que quer que fosse, e pelas respostas de seu marido veio a infirir que havia alguma cousa de mysteriosa nas reuniões nouturnas nas margens do correço.

Depois que o coronel de Brito revelou tudo a sua mulher dice-lhe esta:

- Ficando Minas em estado independente, quem o-governa?

- Há de ser governado pelo systema republicano.

- Pelo systema republicano?!

- Sim. E porque (*sic*) não?

- E quem é o chefe dos conjurados?

- O primeiro que alembrou-se disto foi Tira-dentes, e depois delle Maciel.

- Eis-ahi tudo. Tira-dentes serve-se de vós outros a bem de seus planos de vingança, e de ambição. Dotado de talentos, de ambição, e tendo viajado, elle vos-empenna em seu plano! Por meio de vossos braços vinga a morte da irmã, separa Minas da Metropoli (*sic*), e vendo-a independente, e seu plano sem risco, audaz, corajoso, intrépido, e capaz de comprehender tudo, assume o governo supremo da nova republica, e mais tarde converte a espada do republicano em sceptro de rei, e pões a corôa da nova monarchia sobre sua cabeça! Fiado em vossa boa fé, elle emprehende um plano gigantesco, e em seu

coração lisonjeia-se de o realizar, e entretanto acha meia duzia de simplórios, que adhirem, e seguem seu plano de ambição!

- É isto julgar muito mal do character dos homens!

- Isto é julgar do character dos homens, como se-deve.

- Tira-dentes não é capaz disto.

- A occasião é que faz o ladrão. Um governo republicano é como um governo vacante, e um ambicioso convertendo as circumstancias em seu favor, apodera-se do supremo governo, e faz-se rei. É o que fez Pisistrato em Athenas, e Julio Cesar em Roma! E é o que fará qualquer ambicioso, no governo republicano logo que tenha occasião.

- Mas no Brasil não é possível.

- Mais possível que em outra qualquer parte.

- Como? porque?

- Porque o povo do Brasil não está educado para passar repentinamente do systema colonial, ou antes da servidão completa para o systema republicano, ou inteira liberdade. O povo do Brasil olha para um rei como para um legado do Céu; acostumado des de sua origem a ser governado em tudo, e por tudo por um unico homem que suppõe divino, mal se habituará a ser governado por muitos homens. Depois, a base de um governo livre, e justo é a egualdade dos direitos, e dos deveres, e vós sabeis que as differentes raças do Brasil não tem eguaes direitos,

tendo todavia eguaes deveres, quero dizer, todos os homens livres do Brasil são obrigados a todos os impostos, e a servirem ao rei, e vós vedes que nem todos que merecem são considerados! Além disto, como quereis conciliar um governo livre, um governo republicano com o systema de escravidão, que vós outros conservaes? Gritaes no meio de uma praça publica: “Liberdade, viva a liberdade!” e ao mesmo tempo tendes em vossa casa meia duzia de homens a que chamais de escravos, e que com elles exerceis os mais revoltantes, e caprichosos despotismos! Entretanto, cumpre confessar, o Brasil não póde passar sem escravos e elles não respondem a dignidade de um republica: sendo assim como conciliareis a dignidade de um governo livre com as necessidades do Brasil?

- Entretanto as republicas antigas tinham escravos!

- Porque era um uso recebido entre todas as nações, ou quasi todas, o reduzir á escravidão os prisioneiros de guerra. Ora o povo do Brasil estou que não se-importará muito com separar-se de Portugal, com tanto que tenha um rei, cujos direitos suppõe divinos.

- E os americanos não se-fizeram independentes?

- E a educação do povo d'America ingleza é a mesma do povo do Brasil?

- Então não aprovaes o nosso plano?

- Sobre republica, de nem uma maneira.

- Então que systema approvaes?

- O governo de um rei absoluto.

- De um rei absoluto? -

- Sim, e é o unico que convém ao Brasil.

- Então quereis que Tira-dentes seja rei?

- Não; mas quero que sejaes vós.

- Eu? senhora!

- Vós, coronel.

- É impossivel!

- É até muito provavel.

- Eu, que não tenho instrucção alguma!

- Tanto melhor.

- Bem sei que muitos tem reinado sem instrucção alguma, e se-contentam com o protegerem as lettras, e sciencias.

- Tambem não é preciso. Quanto menos sciencias, e lettras ha n'um estado, tanto mais seguro, e respeitado é o poder do rei.

- Mas com que titulo hei de eu querer fazer-me rei?

- Com o mesmo titulo com que o primeiro fez-se rei, que tem sido o mesmo titulo de muitos depois.

- Mas eu não acho geito nisto.

- Acho-lhe eu, e muito geito! Para isto basta ter-se geito, ambição, audacia, generosidade, astúcia, e felicidade!

- E serei um rei intruso, um usurpador.

- Como tem sido muitos. A sorte das armas decidirá; se vencerdes, estais legitimado sobre o throno, como Octavio em Roma depois da derrota de Antonio, e Lepido! Sois então um rei legitimo!

- Mas, formando nós um estado republicano, si me-fizerem governador-supremo do estado, não devo ficar contente?

- Esse é o primeiro passo, e desse deveis passar a segundo. Isto é, a serdes rei.

- Não, senhora: basta ser magistrado supremo!

- Estaes enganado. Mais val (*sic*) ser monarcha um só dia, que magistrado supremo toda a vida!

- E que differença lhe-achaes?

- Muitas. O rei é revestido de um caracter divino; o magistrado supremo de um caracter humano! O poder do rei vem de Deos; o poder do magistrado supremo vem do povo! O rei está abrigado pela sombra da divindade; o magistrado supremo é abrigado unicamente pela sombra do povo! O rei governa com poder seu, e unicamente seu; o magistrado supremo governa com poder que o povo lhe-deu! o rei governa em quanto vive, e por sua morte seu sceptro passa a seus filho, perpetuando as-

-sim o poder, e a realza em sua descendencia; o magistrado supremo governa pelo curto espaço de meia duzia de mezes, e tem de ver as redeas do poder passar as mãos de outrem! O rei nunca obedece; o magistrado supremo obedece sempre! O rei formaliza leis a seu arbitrio; o magistrado supremo tem de reger-se, e reger por leis feitas por outros! O rei, divino perante os homens, divinisa sua família, e sua prole; o magistrado supremo deixando de sel-o com nem-um privilegio fica! No tumulto de um rei venera-se ainda as sagradas cinzas de um soberano; no tumulto de um magistrado supremo não ha mais que um montão de pó!

Ser monarcha! Oh! é bello ser monarcha! Ser mais do que homem! ser quasi Deos! estar collocado entre Deos e os homens! Estar a cima das cabeças de todos os homens! Estar tão alto, e vel-os murmurar, e se-agitar tão lá embaixo! Ver os homens, como turbilhões de pó, ou vermes, que se-agitam debaixo de seus olhos, movendo-se a um leve aceno seu! Ser monarcha! ver curvados em torno do escabello de seu throno os mais valentes, os mais sábios, e os mais orgulhosos mortaes, soletrando no semblante regio os mais reconditos sentimentos, e prestando-se aos caprichos do rei ávidos de graças, de honras, e mercês! Ser monarcha, ou vassallo! Ser tudo, ou ser nada! Ser superior á lei, zombar della sem temel-a! Dizer do alto

do throno: “D’ aqui para cima só Deos... e para baixo... tudo!”

Chegar a janella de seu palacio, ver milhares de homens descobertos a sua vista; ouvir os vivas da populaça... oh! isto é grande, isto é bello! Ser monarcha, ou vassallo! Sabeis que differença existe entre estes dous seres? a mesma que entre o nada, e a creação!

- Mas no fim de tudo isso o rei é homem, como os outros, morre.

- Mas transmite á sua posteridade seu nome, seu poder, e sua glória. E vós haveis de ser monarcha.

- Não é possível.

- Si o não fordes, tambem não entrareis na conjuração.

- Si já dei a minha palavra...

- Ou serdes rei, ou não entrareis na conjuração: e no ultimo caso vou delatar a conjuração ao capitão general.

- Senhora!...

- Bem me-conheceis, e não mudo de resolução.

- E não vedes que isso é impossível?

- Aceitae o meu partido, e deixae o mais por minha conta.

- E como vos-haveis de haver-nisto?

- Ouvi. Ide com tudo quanto quizerem os conjurados: nunca vos-apresenteis porém em publico,

como conjurado, e fugi sempre de prestardes vossa assignatura para, seja o que for. Declara-se a independência: vós tendes influencia entre os conjurados, soburnae os que poderdes, e amparado por estes, proponde, que emquanto a independencia estiver duvidosa não se nomeie magistrado supremo; mas sim uma junta suprema de tres membros, dando como razão que Portugal não hade ver essa independencia com braços cruzados, e que não é justo que durante a lueta os destinos do estado estejam pendentés de um unico homem. Vencido isto, e preparado o mais, declara-se a independencia, crea-se a suprema junta, e faz-se immediatamente levas de gente; organisa-se o exercito e espera-se o inimigo. Em quanto Portugal apresta um exercito, e prepara uma armada para mandar ao Brasil, os conjurados ganham tempo. Convida-se as outras capítanias, que muitas dellas hão de anuir ao systema; organizado um exercito, basta de doze ou dezeseis mil homens, o negocio está a caminho. Solicitae então o commando do exercito. Ninguem está tanta no caso de o-commandar, como vós, e como o posto é perigoso nem todos o-hão de solicitar. Senhor das forças da nova republica, deveis tractar muito bem aos soldados, e conservar illesa a disciplina militar. Não vos esqueçaes porém que vosso principal fito é a amizade do exercito. Dado que venham tropas de Portugal, o que é muito certo, nunca arrisqueis

um combate geral: a posição da republica é mui vantajosa, e quasi defensavel por si mesma. Vossos soldados deverão ir esperar o inimigo no mais apertado das estradas, e ahi cançal-os por embuscadas, pequenos combates e algumas sortidas nouturnas sobre seu campo. Dez, ou doze mil homens para um guerra de guerrilhas são muita cousa. Em todo o caso é mister cançar o inimigo nas estradas, de modo que nunca chegue a alguma villa, ou cidade da republica. Por muito bem que corram os negocios internos em Portugal, elle não póde sustentar esta guerra por mais de dez annos, sendo que se a republica fosse no littoral, a-terminaria em dous, ou tres; e dez annos é tempo de sobra, apesar até da guerra, para a republica tomar um melhor pé. É muito de crer, que á vista do nosso exemplo as mais capitancias do Brasil sacudam o jugo, e então Portugal não tem tantos meios, que possa dispor de seis, ou oito exercitos de quatro, ou seis mil homens cada um para enviar contra tantos insurgentes. Mas, independente de tudo isto, Portugal ou tem de vencer, ou de recuar. Logo que se-proclame a republica, deveis empregar todos os vossos escravos na mineração, e todo o producto desse trabalho, deveis mandar a vossa fazenda dos confins da capitania, onde vosso filho os-deverá por a bom recato. Assim, todas as vossas riquezas lá deverão ser depositadas, e os melhores animaes

tanto de sella, como cargueiros, e armas. Devereis ter no campo uma pessoa de vossa confiança, e da minha para nossa correspondencia. Ora, si por algum revez, que não podemos prever, Portugal for vencedor, logo no mesmo momento em que notardes que a balança dos destinos pende em seu favor, devereis mandar me participar; e eu, que estarei sempre prompta, não mais tenho que fazer senão partir para a fazenda do sertão; logo que alli chegue, porei todas as nossas riquezas nas costas dos animaes e tomarei o caminho do Perú. Vós logo que virdes o negocio mal parado, ireis immediatamente buscar-me, e não me achando em Villa-Rica, tomai para a fazenda, e, si já ahi não me achardes, segui para o Perú. A viagem é ardua, mas indispensavel! Eis-aqui o lado peor do quadro.

Vejamos o outro lado: tinha me esquecido de dizer-vos, que durante a guerra muitas privações tem de soffrer o exercito, por exemplo, falta de viveres, e até de soldo; as penurias, e todos os incommodos proprios dos tempos de guerra, e de suas calamidades: entretanto sem que pareça de proposito deveis attribuir isto á suprema junta, não por maldade de seus membros, mas por defeito do systema republicano. Deveis animar sempre os soldados, figurar-lhes perto o termo de seus trabalhos, fallar-lhes ao enthusiasmo com as palavras patria, gloria, e independência; e fallar-lhes ao

coração com as palavras esposas, e filhos, dizendo-lhes sempre que elles vão legar a seus filho uma patria, mas uma patria livre, independente, rica, cheia de futuros, e de esperanças: que breve serão olhados como os primeiros heróes do Brasil, etc.

Não vos-esqueçaes, porém de indispor sempre o exercito contra o systema republicano.

Supponhamos agora que Portugal cansado de uma lucta sem fructo retira-se; marchaes para a capital a frente de vossas tropas, e ahi propondes a inteira, e perfeita organização do estado, e a eleição do magistrado supremo. Logo que Portugal tenha recuado, principio eu a desempenhar o meu papel, dispondo tudo em vosso favor. Ora, si no exercito houver algum, ou alguns regimentos descontentes de vós, ou pouco affeiçoados ao systema absoluto, deveis licenciar-os, e aos outros deveis encher de vossas liberalidades. Senhor assim da tropa, e de seus animos, dissolvereis a suprema juncta, assumindo as redeas do poder supremo; feito isto basta que um regimento grite. “Viva o rei!” O povo gosta geralmente de dar vivas, seja a quem fôr, com tanto que esteja contente; para isto deveis logo que dissolvaes a suprema junta dar muitos espectaculos ao povo, fazer muitas festas, e conceder-lhes muitas graças. E bom será então que os vivas ao rei sejam no meio das festas.

- Bem. Até ahi tem ido optimamente o vosso plano: mas Tira-dentes é audaz, ardente, e emprehendedor, e elle não soffrerá uma tal usurpação; e o mesmo Maciel não se conterà.

- Quando pozerdes a corôa na cabeça, já Tira-dentes estará fazendo companhia a sua irmã, e Maciel a Tira-dentes.

- Como! matal-os?

- Não; mas pôl-os á bom recato, de modo que vos-deixem livre o caminho ao throno.

- Mas como fazer companhia a sua irmã sem matal-o?

- Em politica isso não é matar, é livrar-se de um inimigo por meio de um espediente prompto, e seguro.

- Mas talvez se possa arranjar isso sem matal-os...

- O competidor a um throno não é qualquer ser, que se possa deixar sobre a face da terra; e para conter a ambição de um ente, que de seu nada fixa o tudo de um throno, só conheço a estreiteza de um tumulto.

- Em fim veremos.

- Proseguí na conjuração; e o mais me-pertence.

- Até logo.

- Ide. -

Anna ficou só, como meditando. Depois dando a

suas palavras um tom prophético dice: “Muito bem; minha resolução está tomada; prosigámos. Coronel de Brito, á ti uma coroa, e nada mais; a mim um sceptro, e o poder absoluto... Tira-dentes, e a ti o fundo de um sepulchro!”

Neste momento sôu meio-dia no sino da freguezia. A senhora de Brito estremeceu a seu pezar!

**X.**

**TIRA-DENTES ESTREMECEU A SEU PESAR.**

Grande era o numero dos conjurados, e muito maior sua audacia: os principaes senhores de Minas entravam na conjuração.

Convém darmos o nome destas pessoas.

O Alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier (vulgarmente) o Tira-dentes.

O Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade.

O Dr. José Alves Maciel.

O Coronel Dr. Ignacio José de Alvarenga.

O Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Pisa.

O Tenente-Coronel Domingos de Abreu Vieira.

Salvador de Carvalho do Amaral Gurgel.

O Capitão José de Resende Costa (pai).  
José de Resende Costa (filho).  
O Dr. Domingos Vidal de Barbosa Lage.  
O Ouvidor Thomás Antonio Gonzaga.  
Vicente Vieira de Mota.  
O Coronel José Aires Gomes.  
Victorianno Gonsalves Velloso.  
O Conego Luiz Vieira.  
O Vigario Carlos Corrêa de Toledo e Mello.  
O Padre Manoel Rodrigues da Costa.  
O Padre José da Silva de Oliveira Rolin.  
O Padre José Gomes de Oliveira.  
O Dr. Claudio Manoel da Costa.  
O Senhor de Brito.  
E o Senhor dos Reis.

Ora Gonzaga entrava na conjuração para domal-a, como tenho explicado atraz.

O senhor de Brito, depois de ouvir sua mulher, já não entrava nella, como republicano: elle soppunha realisavel o plano de sua mulher. O senhor dos Reis entrava na conjuração a bem de seu plano de vingança.

Cada vez com mais ardor os conjurados proseguiam nos seus planos, e todas as noutes se-reuniam na casa de campo do Tenente-Coronel Freire de Andrade.

Depois de estarem reunidos para a conjuração, as pessoas, que apontei tractavam os republicanos de

Se-cotisarem, e escolherem quem partiria para Europa, e Estados-  
Unidos, para não só comprarem o armamento preciso, mas também  
obterem o socorro em favor de sua revolta.

Em dias de Março de 1789 veio Tira-dentes ao Rio de  
Janeiro, aonde alliciou não poucas pessoas, e também no caminho,  
voltando a Villa-Rica. Dentes estes, foram o capitão João Dias da  
Motta, João da Costa Rodrigues, e Francisco Antonio de Oliveira  
Lopes, e este com tanto ardor abraçou o partido da revolução, que  
além de prestar-se com sua pessoa, e dinheiro, obrigou-se a  
apresentar cinquenta homens promptos, e armados.

Tira-dentes de volta a Minas apresentou aos conjurados os  
felizes resultados de sua viagem, que foram acolhidos com alegria.  
Uma cousa porém tinham os conjurados contra si presentemente, e  
era os salteadores da Mantiqueira, circumstancia que os fazia retardar  
suas relações com o Rio de Janeiro, sendo elles obrigados a viajarem  
por S. Paulo, ou a soffrerem os inconvenientes da nova estrada, que  
evitava a serra.

Um dia, o céu era quasi limpo de nuvens, é verdade, mas a  
atmosfera como embaçada. O sol não estava plenamente claro, mas  
excessivo era o calor, que abrasava. A luz do sol era um tanto  
desmaiada, e para as partes d'oeste amontoavam-se serranias de  
nuvens densas, como pejudas de ventos;

espessas, como carregadas de chuvas; grossas, como prenes de trovoadas; medonhas, como cheias de raios; e negras, como pesadas da tempestade: tudo agourava que a natureza ia agitar suas tremendas fúrias! Ao anoutecer a lua cheia vermelha, como o ferro em brasa, começou d'erguer-se sobre seu horizonte, envergando seus raios por sobre o cume das serras, que se-vinham quebrar na profundeza dos valles! Dirieis que era o vidro orbicular da clara-boia do frontespicio de templo, pintado de côr de rosas, e ferido pelo primeiro raio do sol da manhã, que apresenta a sua superficie inundada de uma luz sanguinea! Tudo annunciava uma terrivel lucta entre a Natureza, e a humanidade!

Com effeito, alguns longínquos, e roucos trovões começaram de se-deixar ouvir; elles se foram progressivamente augmentando, e a tormenta approximando-se. Quando as sombras enguliram completamente a luz, medonhas rajadas de vento principiaram a disparar-se, e com ellas turbilhões d'agoa, que se-precipitava do céu! Os relampagos cruzavam-se na esphéra, os raios resvalavam pelos fios das serras! A borrasca estava desfeita com todos os seus horrores!

Medonho era o aspecto que a Natureza apresentava neste momento tremendo! Parecia que o céu se-despedaçava! tão fortes eram os estampidos dos trovões! Parecia que o espaço, coberto de nuvens,

como estava, era uma selva ressecada pelos soes do estio, e abrasada pelo fogo do lavrador incauto, tão amiudados, e tão longos eram os lampejos, que abrasavam as nuvens!

A terra estava inundada da grossa chuva, que caía, e os extensos lagos, que cobriam a face da terra, reflectiam em si esses fogos terríveis, que, nesse céo tempestuoso, tão rapidos passavam sobre as cabeças dos homens! E o fogo do raio que brilhava nos ares, e o fogo do raio, que se-reflectia nos lagos, representavam dous abysmos d'agoa, e de fogo limitando os desejos do homem, um, debaixo de seus pés; outro, sobre suas cabeças! Batiam trovões no céo, emmaranhavam-se raios, a Natureza era horrores, e a humanidade temores, e supplicas! Era tudo uma alegria de demônios, e uma scena do inferno!

Não estava Tira-dentes em Villa-Rica, que *trabalhando para todos*, como elle costumava a dizer, achava-se distante da villa cerca de duas legoas, quando a borrasca começou de annunciar seus horrores. As dez horas da noute a tempestade começou a escampar-se. O vento minorou suas furiosas refregas; a trovoada foi pouco, e pouco apartandose; tardos lampejos se cruzavam nos ares; e as pesadas nuvens do alto dos céos se-precipitavam nos horizontes. Desta arte a procella principiou a regaçar seu manto formado d'agoa, de fogo, e de horrores;

e ao travez de suas immensas dobras, lá, parecendo tão longe, se-mostrava o céo, cujo sereno azul brilhava ao clarão da lua cheia de Março. Por uma dessas aberturas do descosido manto da tempestade a lua começou de apresentar seu brilhante disco. Providentes compensassões da Natureza! a lua fulgurava com alvinitente fulgor sobre um céo azul, puro e bello! dirieis que era um escudo de prata polida sobre um fundo de um lustroso azul!

As onze horas e meia só havia vestigios da tormenta, e tudo estava tranquillo!

A meia noute os conjurados estavam reunidos na pequena casa de suas sessões, ás margens do turvo correjo do funil.

As agoas da immensa chuva, que durante tres horas se-havia precipitado do céo, tinham engrossado consideravelmente as turvas agoas do parco riacho, que engulindo aquellas, que dos montes visinhos desciam sobre suas margens, soberbo por caudaes riquezas, que lhe não podiam durar mais que tres dias, rolava orgulhoso as copiosas agoas da chuva do céo, pulverisada terra, que lhe-ennegrecia as ondas, e pedaços de troncos, que o furor da tormenta arrancára de seus asylos de paz, e de socego! E elle tinha razão de orgulhar-se, embóra seu orgulho fosse de tres dias! tinha, que caro custaria á aquelle que imprudente tentasse de o-vadiar no pequeno espaço desses tres dias!

Bem defronte da porta de entrada da casa das sessões dos conjurados firmando seus topos sobre as oppostas margens do correjo estendia-se sobre elle em fórma de ponte, tres compridas, e grossas vigas quadradas, por sobre as quaes se costumava a passar quando o pequeno regato, de farto que se via, bolsava suas agoas por fóra de seu alvéo, que depois de as-envergar por sobre suas margens, ia com ella se-espraiar pelos campos! Por ahi passam os conjurados. Além do rio juntam-se na casa de Freire de Andrade, e ahi abrem mais uma sessão. Deixal-os. Tira-dentes não está com elles: embóra.

Apenas a tormenta começou a serenar-se, Tira-dentes partio d'onde estava em busca dos companheiros. Chegando a sua casa deixou seu cavallo, e botou-se para as margens do Ribeirão.

A lua cheia encoberta então por traz de uma alta serra não feria as vigas que sobre o correjo serviam de ponte, nem ainda a fachada da casa dos conjurados; ahi pois havia de mistura a luz da lua cheia, e a sombra da serra que sobre a casa dos conjurados se-projectava.

Tira-dentes atravessou a ponte, e encaminhou-se á porta, mas antes de bater voltou pela parte dos fundos, para que não o sabemos nós; mas apenas de um angulo da casa descobriu a porta da varanda interior, viu um vulto, que apressadamente buscava

retirar-se; Tira-dentes corre sobre elle, e o vulto, entendendo que não podia escapar foi demorando os passos fingindo-se fóra de medo. Tira-dentes já muito perto do vulto pretendeu com elle trocar as senhas da sociedade para ver se era gente della; e pois lhe disse:

- Minas?..

O vulto devia responder immediatamente; “Liberdade!” ou dizendo Tira-dentes: “Liberdade” devia o vulto dizer: “Minas”.

O silencio porem desta pessoa, quem quer que ella fosse, revelou a Tira-dentes que não era do numero dos conjurados; e receando que fosse algum espião, ou algum indiscreto, assentou de si para si que devia comprar o socego dos conjurados ainda até a custa da vida de um indiscreto, que se-achava aonde não devia.

Tira-dentes devia fazel-o. Dotado de boas entranhas, e de um caracter generoso, era para elle um sacrificio o immolar um homem; mas este sacrificio era indispensaval, era até uma virtude de conjurado. Mas generoso, como era, trazendo duas pistolas ao cinto, não se-quiz aproveitar de superioridade sobre o outrem, e mettendo mão a sua espada dice:

- Defendei-vos. -

O desconhecido levou de sua espada sem amenor (*sic*) demora, e ambos se empenharam n’uma renhida contenda.

Tira-dentes era valente, e dextro em armas: era homem para temer-se, porque sabia aproveitar-se, e aproveitar-se bem de suas grandes vantagens. Elle sabia fiar-se em si; e bem podia fiar-se, que animo lhe não fallecia, para saber haver-e em contendias de morte! fiava-se em si; e bem podia fiar-se, porque bem, e perfeitamente sabia manejar as armas! fiava-se em si; e bem podia fiar-se, que forças lhe sobravam, e grandes brios tinha para bem saber haver-se com qualquer inimigo, fosse elle quem fosse! fiava-se, pois, em si; e de tão bem que se-fiava em si acommettia o seu inimigo, como senhor do campo, e mestre de suas armas!

Ora, se Tira-dentes conhecia o seu contrario, não o sabemos nós, mas seu contrario o-conhecia e conhecia-o bem. Este entendendo enxovalhal-o dizia no ardor da peleja:

- Que é la, Senhor Tira-dentes! julgaes-me alguma creança?
- Esse (*sic*) alcunha não me-affronta. (dizia Tira-dentes.)
- Sem duvida; que ser barbeiro, ou tira-dentes vos-faz honra.
- Sois um infame!
- E vós um covarde, um vil, e um revolucionário!
- Não te irás gabar a pessoa alguma que me chamaste de covarde...

- Mas me-irei jactar de que te-chamei de vil, e revolucionario: que dizes?

- Nós o-veremos. -

Sem que cessassem seus tremendos golpes, batiam-se os dous terriveis contendores derijindo sempre um ao outro os mais pesados vituperios, principalmente o desconhecido a Tira-dentes.

Quando o combate era mais violento, as contumelias eram menores, ou desapareciam de todo; mas quando o combate, ou antes os golpes eram mais lentos os insultos, os ditos, e os improperios eram mais violentos, mais rápidos, e mais dolorosos!

- Era melhor que morresses ás minhas mãos... (Dizia o desconhecido.)

- Morrerei, como Deos o-quizer.

- Pouparias assim a vergonha de patibulo, que te-espera, e aos revolucionários, como tu.

- Ahi tens a paga deste insulto. – (Dice Tira-dentes, dardejando sobre seu contrario um tão tremendo golpe, que cortou-lhe o chapéo do alto da copa até quasi junto das ábas, ferindo-o levemente no craneo.) O desconhecido recuou, lançando um surdo bramido, e reconduzido pelo furor, lançou uma terrivel estocada ao rosto de Tira-dentes dizendo:

- Nunca gostei de ficar devendo... eu cá pago á bocca do cofre. -

Isto accrescentou elle, crendo ter ferido mortal-

-mente a Tira-dentes no rosto, ou na testa. Enganou-se porém, que sua formidável espada passando o chapéu de Tira-dentes de parte a parte deixou-o completamente são, e salvo. O golpe, que Tira-dentes deu arrancando o chapéu ao seu contendor, e a estocada deste ao chapéu de Tira-dentes, ficaram ambos descobertos.

- O diabo ajuda aos seus (dice o desconhecido) escapaste deste por milagre.

- Como for; (dice Tira-dentes) é mister que um de nós morra aqui. Defende-te!

- Já no principio de nossa contenda me-havia recommendado que me-defendesse, e nem por isso tenho a menor lesão. Defende-te tu agora, digo-t'ó-eu!

Os dous com tal ardor encontraram-se, que durante dous minutos não puderam dizer a menos palavra, e não tiveram tempo senão para se-atacarem, e defenderem-se. Neste ardor de acommettimento, de golpes, e de defeza, Tira-dentes vibrou sobre seu contrario tão desapiedado golpe, que este aparando-o na lamina de sua espada, impossivel lhe foi suster a força do golpe, e a sua propria espada; esta vôu-lhe da mão, e foi cahir quatro braças longe dos dous combatentes!

Tira-dentes cravando a ponta de sua espada no chão, ficou impassivel, e assim dice:

- Toma a tua espada e vem morrer defenden-

-do-te; vem, porque é preciso que um de nós morra neste lugar.

O desconhecido tendo tomado a sua espada, e voltando a peleja, dice com orgulho, e desprezo.

- Devias aproveitar-te da vantagem que te-deu um cego acaso; e como não o-fizeste, farei que breve te-arrependas.

- Briga, e defende-te!

- Heide me-saber aproveitar das vantagens que alcançar.

- Não sei ser homem vil.

- Não dirás amanhã que combateste um homem de quem tiveste pena.

- Sê vil, como um espião, que tu és, que eu quero ser generoso.

- Miserável!... Tu... Infame!...

- Braveja, sê mulher.

- Eu... eu já te-respondo.

- Não recues; ataca-me.

- Não... mas... mas defende-te.

- Quando não poderes mais acommetter-me com teu braço, serve-te dos dentes: é proprio de um cão, como tu. -

Á este tempo o desconhecido, sem poder supportar os golpes de Tira-dentes, recuava sem descontinuar, avisinhandose, sem disso se-lembrar, para a margem do correjo.

Tira-dentes proseguindo em sua victoria e repe-

-tindo sempre seus tremendos golpes, dizia ao desconhecido:

- Não fujas.
- Não tenhas susto. (dizia elle.)
- Não fujas: vem cá.
- Não fujo: quero que fiques mais longe dos teus amigos.
- E tu queres levar-me para aonde estão os teus?
- Estou só. Para vencer-te, eu só basto.
- Mas não fujas: vem cá: dize-me ao menos o teu nome.
- Queres saber quem sou?
- Dize.
- Então cessemos um pouco a peleja.
- Cessemos. Falla. -

Com effeito, cessaram o combate, e o desconhecido fallou deste modo:

- Sou um homem arruinado. Possuo muito, e tudo quanto possuo pertence ao Erario. Tenho uma divida enorme para com a fazenda real, e tudo quanto possuo não paga nem metade do que devo: mas tenho em tua cabeça, e nas de mais alguns, como tu, um inexaurivel thesouro! A custa de tua cabeça, e das de teus complices pertendo (*sic*) pagar todas as minhas dividas, e ainda ficar muito rico. Queres agora saber quem sou?

- Sim: bom é conhecer-se um homem tão infame.

- Quando estiveres no Oratorio, um homem que lá apparecer e te-dizer: “Revolucionario, cumpri minha promessa”, esse homem sou eu...

- Será preciso então que o diabo com todo o inferno te-salve de minhas mãos neste momento. Defende-te, e morre... -

Tira-dentes dizendo isto arremessou-se com tanto furor sobre seu inimigo, que lhe-teria a (*sic*) atravessado o coração com sua furiosa espada, si este saltando para traz (o que não lhe-valeria) não se-precipitasse no rio! Faltando-lhe porem a terra, e conhecendo que se-despenhava, soltando um grito medonho, baqueou no meio das vagas, que com terrivel estrondo se-abriram e esconderam em seu fundo o estranho corpo, que acabavam de receber!

Tira-dentes, que não se-lembrou logo do rio, sobresaltou-se! O som do murmurio das agoas calou-se, e o silencio restabeleceu-se. Então elle avisinhou-se a margem do rio, já della lembrado, e ahi nada viu, nem ouviu. A vista desta mudeza, acreditou que seu inimigo se-havia afogado nas ondas do correço, que entumecido corria caudaloso pelas chuvas da tempestade.

- Já não subirei ao cadafalso pelos teus embustes, miseravel! e quando suba, no dia em que eu o-subir, já tu estarás nos infernos! Maldito sejas tu!.. Mas não... si és morto, Deos se-compadeça

de tua alma! Que miseravel! que mesquinho! Que escravo!.. O cadafalso!!!... -

Ao mesmo tempo poisada sobre um ramo ao lado esquerdo de Tira-dentes, como tendo despertado ao som da palavra terrivel – cadafalso – uma coruja soltou gincho (*sic*) agoureiro! e alevantando um vôo sinistro, foi poisar sobre a cumieira da casa dos conjurados!

Tira-dentes estremeceu a seu pesar... mas, como quem se-recordava, dice resolutivo:

- É o signal da morte do meu inimigo, que me-queria delatar e que no rio se-fogou (*sic*)! -

Elle dice, e voltou aos companheiros. Entrou, tomou assento, envolveu-se na discução, mas nada dice de seu combate.

Quasi defronte ao logar em que o desconhecido caíra ao rio, um vulto, na margem opposta a aquella em que fora o combate movia vagarosos passos do rio para a villa. A este tempo a mesma coruja alevantando seu vôo de sobre a cumieira, onde poisara, vôou para a parte da freguezia, soltando um triste guincho!

O vulto que da margem do rio buscava a villa dice:

- Quando elle jurava, sobre a sepultura da irmã, que seus membros seriam dispersos n'um campo de batalha, ou seu sangue tingiria os degrãos do cadafalso, aquella coruja tambem guinchou da mesma sorte! Pois bem! o agouro será verdadeiro! -

## **XI.**

### **QUEM POIS SERIA ESTE HOMEM?**

Estavam as cousas neste ponto, e os conjurados dispostos a mandarem para os Estados-Unidos e para a França dous de seus membros, e a se-quotisarem, quando, contra a expectação de todos, chegou o despacho por Gonzaga esperado, e ordem de partir immediatamente para seu destino. Estava pois despachado desembargador para a relação da Bahia. Isto espalhou-se logo por toda a villa; e bem que o despacho fosse optimo para Gonzaga, e até porque elle o esperava, era todavia máo para os conjurados, porque transtornava seus planos. Era-lhes pois preciso demorarem a Gonzaga fosse com que pretexto fosse.

Todos os conjurados julgavam indispensavel a presença de Gonzaga, todos, afóra um, e esse um era Tira-dentes. Demos a razão disto.

Costume é nas terras pequenas saudarem-se todos, conheçam-se ou não. Tira-dentes, logo que chegou, conforme os costumes d'Europa, faltou a esta attenção para com algumas pessoas, as quaes não conhecia, e entre estas um foi Gonzaga. Não deixou Gonzaga de notar nisto, attento o costume do paiz, e o notou diante de algumas pessoas, e entre ellas um tal P\*\*\* Era este um homem que havia sido coubrador da fazenda real, e tendo comido quanto tinha cobrado, e não prestado contas, havia largo tempo, estava mais que muito empenhado para com a mesma fazenda. Além disso éra um homem de pessimo character, mentiroso, intrigante calumniador desprezador dos pequenos, adulator dos grandes, etc. Todavia era valente, e dextro em armas; e porisso temido de muita gente. Com effeito, este desalmado malversor não duvidava em desfeitiar a qualquer homem, cuja representação, e riquezas não o-compromettessem, estivesse aonde fosse; e fosse lá quem fosse que presente estivesse: mas elle tinha a balda de todos os atrevidos, só era animoso quando estava armado.

Assim, os pessimos costumes deste máo homem o-faziam aborrecido de todos em Villa-Rica.

Em uma tarde, estava P\*\*\* em pé a uma porta

conversando com dous sujeitos, e passando Tira-dentes dice elle, em tom que suppoz não ser ouvido: “O tal Tira-dentes veio muito inchado lá do outro mundo.” Tira-dentes, que com justa causa se-presumia de bravo, voltou e chegando-se a P\*\*\* dice-lhe:

- Fallaste a meu respeito, bem o ouvi... si diceste alguma affronta torna a-dizer, que te-quiero arrancar as orelhas... Falla insolente... -

P\*\*\* recuou alguns passos, e pallido de cólera, ou de medo, mediu a Tira-dentes de alto a baixo, e dice-lhe:

- Se troxesse (*sic*) eu aqui a minha espada, juro que não serias tão audaz.

- Eu tambem estou desarmado.

- Não costumo brigar á unha.

- Pois quando, e aonde quizeres.

- Nós nos-encontraremos.

P\*\*\* dice, e deu as costas a Tira-dentes; este dando-lhe tambem as costas respondeu-lhe ainda:

- Quando e aonde quizeres. -

Esta pequena rixa ficou nisto. Tira-dentes encontrou-se muitas vezes com P\*\*\* sem que este lhe-dicesse a menor cousa; e tanto tempo se-passou que Tira-dentes veio a concluir que P\*\*\* nem de tal se lembrava, e porisso nada delle receiava, apesar de seu gênio: mas todos os conjurados guardavam-se bem delle pois bem conheciam suas más qualidades.

Estava, como dice, P\*\*\* com algumas pessoas, e tambem Gonzaga, quando Tira-dentes passou sem lhes tirar o chapéo: Gonzaga notou isto, e dice:

- Este moço é aqui estranho e ignora os costumes do paiz. -

P\*\*\* aproveitando-se da occasião, dice contra Tira-dentes tudo quanto lhe-veio a bocca.

Muito differente do que se-havia passado soube Tira-dentes disto: e como quem lhe-contou envolvera mais a pessoa de Gonzaga, que as dos outros, ficou d'ahi por diante elle rixado com Gonzaga, e Gonzaga com elle, bem que se não hostilisassem.

Fosse pois porque se não gostassem, ou fosse porque Tira-dentes estava bem persuadido que nem um homem faz falta, o certo é que julgava que Gonzaga, com quanto fizesse alguma falta aos conjurados, todavia não era uma falta tal que transtornasse todos os seus planos.

Como seja, todos os conjurados a uma supplicaram a Gonzaga que demorasse mais sua partida ao menos até que chegasse um proprio pelo qual ao Rio-de-Janeiro se-mandára buscar algum armamento, e que logo que chegasse, este, Gonzaga persuadissem ao capitão-general a pôr em execução a lei da derrama, que deveria ser o signal da revolta.

Bem sabia Gonzaga que a lei seria posta em execução, e que o povo impassivel lhe-deixaria tirar até a ultima camisa do corpo, porque conhecia que

o povo briga por interesse dos grandes, e nunca por seus proprios interesses! Algumas vezes o povo briga, é verdade, pelos seus proprios interesses, mas como o povo em sua furia de touro, quando briga por seus interesses, é capaz de arruinar, e de destruir tudo, sem que seja capaz de reconstruir, ou de crear, apparecem sempre nas revoluções do povo genios conservadores, e ainda creadores, que conservam, e crêam, mas para quem? para o povo? para o povo, não, que sua sina é semear para os grandes colherem!

Tudo isto sabia Gonzaga, mas elle queria mostrar aos conjurados, que mal andavam elles contando tanto com o povo, suppondo que o povo tomaria armas por causa da derrama.

Em fim Gonzaga prometteu tudo aos conjurados, e apparentando sua viagem com o pretexto do seu casamento a ia procrastinando todos os dias. No entanto todo o mundo o-acreditava, e até a propria Marilia, a quem assegurava ao mesmo.

Gonzaga ia pois para a Relação da Bahia, aonde, segundo suas esperanças, pouco se-demoraria, passando depois para Lisboa, ou Porto; isto mesmo se-collige da lyra que elle enviou a Marilia logo que recebeu seu despacho. Eil-a:

Tu, formosa Marília, já fizeste  
Com teus olhos ditosas as campinas  
Do turvo ribeirão em que nasceste;  
Deixa, Marília, agora  
As já lavradas settas:  
Anda afouta romper os grossos mares,  
Anda encher de alegria estranhas terras;  
Ah! que por ti suspiram  
Os meus saudosos lares!

Não corres como Sapho sem ventura,  
Em seguimento de um cruel ingrato,  
Que não cede aos encantos da ternura;  
Segues um fino amante,  
Que a perder-te morria.  
Quebra os grilhões de sangue, e vem, ó Bella;  
Tu já foste no Sul a minha guia,  
Ah! deves ser no Norte  
Também a minha estrella.

Verás ao Deos Neptuno socegado,  
Aplaninar c'ò tridente as crespas ondas;  
Ficar como dormindo o mar salgado;  
Verás, verás d'alheta  
Soprar o brando vento:  
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho:  
Seguirem os delfins o movimento,  
Que leva na carreira  
O empavezado pinho.

Verá como o Leão na prôa arfando  
Converte em branca espuma as negras ondas,  
Que atalha, e corta com murmúrio brando;  
Verás, verás, Marília,  
Da janella dourada,

Que uma comprida estrada representa  
A limpha crystalina, que pisada  
Pela pôpa que foge,  
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso  
Tornar ao torto anzol, depois de o terem  
Pela rasgada bocca ao ar suspenso;  
Os pequenos peixinhos  
Quaes passaros voarem;  
De toninhas verás o mar coalhado,  
Ora surgirem, ora mergulharem,  
Fingindo ao longo as ondas,  
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,  
Um repuxo formando com as aguas,  
Que ao ar espalhada robusta venta;  
Verás em fim, Marilia,  
As nuvens levantadas,  
Uma de côr azul, ou mais escuras,  
Outras de côr de rosa, ou prateadas,  
Fazerem no horisonte  
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,  
Apenas elle vir a teu semblante,  
Dará no leme do baixel um beijo.  
Eu lhe direi vaidoso:  
“Não trago, não, comigo,  
nem pedras de valor, nem montes d’ouro;  
Roubei as aureas minas, e consigo  
Trazer para os teus cofres  
Este maior Thesouro.”

Tres dias depois do combate de Tira-dentes com o desconhecido, ha legoa e meia distante da villa um enxame de corvos pairava nos ares, e, approximando-se pouco a pouco, poisou nas margens do correjo e sobre os ramos de algumas arvores. Este logar em que poisaram estas aves de ruins era a beira da estrada; e ahi difficil se-havia tornado a passagem, tal era o máo cheiro que d'alli se-exhalava!

Algum passageiro, que de curioso quiz descobrir o motivo desta putrida exhalação lá foi ter, e lá viu nas margens do pequeno rio um cadaver de homem que, já corrompido, presa dos corvos, era por elles dilacerado!

Não pouca gente abalou-se a ver o cadaver que, sobre as margens do córrego, jazia. Parecia se-haver afogado no rio, pois nem um signal tinha de outra morte. Era o cadaver de um homem branco, moço, e não feio, pelo que se-podia colligir de suas feições já alteradas. Seus vestidos não eram de pobre: sua cintura estava singida de um largo cinto, aonde se-prendiam duas formidaveis pistolas: de seu hombro direito ao lado esquerdo descia um talabarte de couro cru, que em uma larga bainha sustentava uma boa, e pesada espada; junto della pendia do mesmo talabarte uma mui aguda, e afiada faca.

Quem era este homem? ninguem o-dice, ninguem o-soube! Ninguem faltou na Villa; nem-uma familia se-queixou de lhe haver faltado alguma pes-

-soa! Quem pois seria este homem? “Talvez algum passageiro (diziam todos) que sem saber da enchente do correço, nelle cahiu, e se-afogou.”

Tira-dentes tambem o-foi ver, e vendo-o acreditou ser o cadaver d’aquelle homem com quem havia medido sua espada! Teria Tira-dentes razão para assim crer? Não; não que aquelle com quem se-havia batido devia estar ferido na cabeça, e este não o-estava. Aquelle com quem se-havia batido, caindo no rio, despercebidamente, perder deveria sua espada; e este a-tinha em sua bainha! Quem pois seria este homem?

Nós o-saberemos algum dia.

## **XII.**

### **É ESTE O CORPO QUE APPARECEU NAS MARGENS DO CORREGO.**

Ha tres mezes pouco mais ou menos, que os salteadores da Mantiqueira mandaram uma commissão de seu seio a Villa-Rica para ahi medirem com attenção, e não perderem de vista qualquer disposição do governo a respeito dos dinheiros da derrama.

Logo que estes homens chegaram a Villa-Rica, recolheram-se a um bosque para ahi viverem mais acomodadamente.

Este bosque um tanto distante da villa estava tambem apartado dos lavradores mais visinhos della.

Era o bosque formado de grossas, e altissimas arvores venerandas não só pela sua corpu-

-lencia, mas ainda pela sua secular antiguidade! Rivaes do tempo, coevas dos primeiros dias da criação do primeiro genero humano, quem sabe si creaturas da primeira edade da natureza beberam avidamente das primeiras chuvas do céo, que se-depenharam a terra! Quem sabe si as agoas do diluvio assoberbaram suas verdi-negras copas, e então si os monstros marinhos pasceram sobre seus ramos! Quem sabe si testemunhas dos primeiros tempos, depois da criação, viessem tambem a sel-o dos ultimos, como reliquias preciosas das gigantescas producções anti-diluvianas, para darem a uma raça abastardada, e mesquinha de agorentados pigmeos dos derradeiros tempos uma grandiosa amostra dessas producções espantosas tão dignas de uma natureza espontanea em tudo, e tão fertil de prodígios; e que mal caberiam a uma raça degenerada, a creaturas tão escassas, em uma humanidade deslocada de seus nobres destinos!

Era pois um bosque secular, composto de gigantescas arvores, cujos ramos destendidos nas nuvens, e entrelaçando sua folhagem, teciam de suas folhas uma tão densa abobada de verduras, que ao pino do meio-dia, quando o sol fervia intenso nas alturas do céo, seus raios quebrados d'encontro a esses tectos de folhagens, ahi expiravam toda a sua claridade, porque não a-podiam philtrar ao travez de tantas dobras de ramos, de galhos, e de folhas, com

que uns sobre outros teciam o vegetal estuque dessa abobada immensa! Ahi um dia brilhante era misturado de sombras; um dia tempestuoso, era quasi uma noute; uma noute de luar era uma noute escurissima, e uma noite sem luar era uma noute medonha, horrível, e temerosa de tão escura que era! As aves d'alegria não poisavam nos ramos deste bosque, os animaes pacificos não pasciavam, porque os tigres ahi faziam seus covis, e continuamente se-ouvia o chocalho terrivel da cascavel do deserto!

Depois de cahir a noute ahi reinava, medonho, como o dos tumulos abandonados, pavoroso silencio, apenas interrompido pelo piar melancholico de alguma ave da noute!

Era um logar propicio para os sortilegios dos feiticeiros, para o encantamento dos magos, e para reuniões, e asylos de bandidos! Estava este bosque assente sobre ampla corôa da espaçosa serra do Samenha, que parecia recostada sobre um antigo rochedo, aonde terminava.

Da margem do rio a prumo erguia-se este velho rochedo, que inculcava ser o cerne da serra, parecendo ao mesmo tempo que com sua mole immensa de pesada pedra escorava o bosque para que não fosse dar consigo sobre as ondas do rio, que passava no lugar chamado Açude. Acima deste rochedo algumas vezes o vento da tempestade encrespava as melenas ao bosque, isto é, as comas das arvores que o

formavam lá em baixo, serpeava anfractuoso o rio, colleando de volta em volta por entre a angustura de dous fronteiros, e alcantilados rochedos.

Ahi, sobre essa serra, aonde o bosque começavas (*sic*) da parte do rio, assentaram elles, os dous ladrões enviados pelos da Mantiqueira, um rancho em que habitavam. As paredes dessa vivenda eram formadas de páos juntos, como páos a pique, tecidas de varas, e entrançadas de largas, e grossas folhas de piteiras: se tecto era de sapê, ou outra qualquer palha propria para o mesmo effeito.

Bem escolhido fôra certamente este logar porque, em caso de perigo, defendido era elle pela sua propria posição; porque pela frente se-estendia a selva com todos os seus horrores, e junto a entrada do rancho tão tecida, tão emmaranhada se via de grossos espinhos, que impossivel era o penetral-a sem o trabalho pesado de longas horas. Pelo lado direito, o rochedo se-elevava a prumo, e tão alcantilado, apresentando uma parede tão lisa, que subil-o, ou de seu topo baixar ao rancho era impossivel. Sobre essa natural parede estava encostado o rancho, e ella lhe-servia de muro. Pelo lado esquerdo, escabroso, e crespo de anfractuosidades, apresentando um leve declive, corria o rochedo des do rancho até a baixa, onde se-estendia atoladiço pantano, coberto de fortes, e ponte-agudos espinhos. Das costas do rancho, com um declive, que podia

ser vencido por pé de homem, si tão calvo, e tão liso não fosse, descia o rochedo des do mesmo rancho até o rio, que lá embaixo veloz corria, lavando com suas ondas os pés da velha rocha! Talvez hoje nada disto assim seja!

Ahi pois retirados, e occultos viviam os dous bandidos. Não longe deste logar, em uma pequena cabana vivia uma pobre, mas honesta familia. Alguma criação de aves, e uma pequena taberna lhe dava de que viver. Era um marido de cincoenta annos, uma mulher de quarenta, e uma filha unica dezesseis. Felicia, que assim se-chamava a menina, era bella, como uma idealidade amorosa; encantadora, como um sonho de amor; pura, como um anjo do céu; innocente, como uma flor do valle; mas melancholica, como uma saudade de amante!

Era nessa taberna aonde os dous salteadores faziam suas despezas, e aonde estavam, quando não estavam em seu rancho; elles se-fingiam mascates. Jorge, um destes dous bandidos, era moço de vinte, e tantos annos, e por suas maneiras parecia haver recebido uma tal, ou qual educação. Os bandidos viram Felicia; mas Felicia não era mulher para ver-se sem amar-se!

Era um destes bellos tormentos da natureza, que enche os olhos de alegria, o coração de dôr e de prazer; e a alma de esperanças, e de temores! Era um desses bellos tormentos da natureza, digo, que

se não póde ver sem virem á mente a perfeição do primeiro casal dos homens, e seus gozos no edem de sua infancia, de suas felicidades, de seus amores, e de sua ruina! Felicia, que se não expunha aos rigores do sol, com seu cabello de ouro, com seus olhos de saphiras, com sua tez de jarmins, com suas faces de rosas, com seus labios de rubins, com seu riso de anjo, que mostrava seus alvos dentes, com seu bello, airoso e delicado corpo, para as nações antigas dos heroicos tempos, seria uma bellissima nympa e ainda uma deusa! para os orientaes, uma fada benefica, ou um desses espiritos elementares, de cujas bellezas estão cheios os cantos do Oriente! para um musulmano, uma houiri do Koram! para um christão estúpido de meia idade, uma formosissima moura encantada! e para um christão sisudo dos nossos dias, uma apparição mysteriosa de virgem bella, que por momentos deixa os gozos da ebriaguez celeste, para, como um anjo, vir revelar á terra algum segredo sublime! Sim, que um christão duvida que os filhos dos homens sejam dignos de tanta belleza!

Jorge, vendo Felicia, sentiu-se em extremo por ella apaixonado, mas não foi só elle, que Leandro seu companheiro tambem se-sentiu perdído de amor diante de tão grande encanto!

Jorge, com suas maneiras agradaveis, conseguiu sinão inspirar ternura á flor do deserto, ao menos

que ella tomasse por elle um tal ou qual interesse. Leandro feio e um tanto brutal, cançava-se embalde queimando aos pés da virgem um grosseiro incenso tão brutal, como elle mesmo. E bem depressa se-apercebeu de que seu companheiro era mais bem visto por Felicia do que elle.

Um dia, tendo Jorge entrado à taberna de Anastacio, que assim se-chamava o pai de Felicia, e não estando elle em casa, a mãe, e a filha conversavam com Jorge, quando chegou Leandro; pouco depois da chegada deste retirou-se Felicia; Leandro enfiou de raiva; e, sem -dissimular, convidou o companheiro para se-retirarem: Jorge lhe-dice que fosse, que elle logo iria; Leandro porem, não querendo estar por isso, teimava para que o camarada o-seguisse. A questão tomou um character mais serio; e Jorge, por evital-a, seguiu o camarada. Por todo o caminho foram elles disputando, e Jorge, conhecendo que todo o fundo da questão eram ciumes, teve a imprudencia de achincalhar do outrem. Pouco a pouco se-foram os dous escandecendo, aponto de se-desafiarem. Saíram do rancho levando suas pistolas, e em um logar apropriado assignaram as condições do duello. Leandro, que se-julgava offendido, quiz atirar primeiro; elle atirava mal de pistola, e fiado nisto Jorge conveyo. A distancia devia ser de dez passos. O duello era a primeiros tiros, embora uma arma, ou ambas negassem fogo.

Os dous bandidos tomaram distancia, e ficando cada um no lugar que lhe-competia, Leandro disparou sua pistola. Jorge julgou-se são e salvo; e caminhando para Leandro com passo firme e, com sua pistola engatilhada, chegando-se a elle, enconstando-lhe a bocca d'arma sobre o peito, do lado esquerdo, dice:

- Atiras muito mal... Se eu... quizesse... -

Nisto cahio, e um instante depois expirou. A bala o-tinha atravessado de parte a parte, entrando-lhe por cima do umbigo, e saindo-lhe entre as costellas!

Leandro, que não desconhecia seu crime, não só para com a sociedade em geral, como para seus companheiros, deu-se pressa a sepultar o corpo, e ficou tão senhor de si, como si tivesse um crime de menos, em vez de um demais!

Logo que chegou a noute o bandido desceu do rochedo, e avisinou-se para a taberna de Anastacio; este não tinha chegado, a taberna estava fechada, e só Felicia estava em casa: sua mãe pouco distante de casa apanhava lenha. A porta da varanda interior estava aberta, e ahi, ainda as escuras. Felicia esperava por sua mãe. Repentinamente o salteador, que tem espreitado tudo, entra e segura em Felicia; ella grita, mas o malvado pondo-a sobre seus robustos hombros, sae com ella muito desembaraçadamente. Aos gritos de Felicia sua mãe acode, mas tarde, que o salteador já está

longe. Os gritos da infeliz se suffocam, porque o impio tapa-lhe a bocca. Sua mãe de bom grado seguiria os passos do bandido, si os gritos de sua filha lhe indicassem o caminho da sua fuga; mas esses gritos se emmudeceram, e nada mais ficou do que o silencio, e as trevas de uma noute medonha, e as afflicções de uma afflicta, e desconsolada mãe!

Felicia, não podendo gritar, nem tão pouco lutar com o scelerado, entregou-se ao rigor de seu destino, e se-deixou levar: seu anjo a inspirava! O salteador subiu a collina, entrou no rancho, e ahi depoz sua carga. Assim disposto a todos os crimes contra este anjo de innocencia, não duvidaria perpetrar-os... mas o anjo de Felicia aguardava, mas a Santa Virgem velava por ella, porque logo que o malvado travou della em casa de seu pae, e que ella não pôde mais gritar, começou de resar ao seu anjo e á santa Virgem! Seja fé de uma alma pura, seja inspiração, o que é porem verdade, é que Felicia estava sem medo!

O salteador, tendo deposto sua carga, certo de que Felicia lhe não podia fugir, attentos o logar, a hora e o medonho da noute, feriu fogo, e o-accendeu.

A noute deste crime era aquella terrível, e tormentosa noute de horrores, que descrevi, ha pouco. O céu estava irritado, os demonios soltos, os anjos velando pelos homens; e á face de um céu irritado o crime com olhos de fogo contemplava a inno-

-cencia, n'um pequeno rancho, no meio de um bosque, no centro de um deserto! E à face de um céu irritado, ao echo do trovão, e á luz do raio, a innocencia, a virgem dos sertões, a flor do deserto orava, e não se-lhe-dando de sua vida orava pela sua innocencia!

Ao fogo que o bandido accendeu no rancho conheceu Felicia aonde estava, e cruzando os braços dice:

- E vós, Senhor Leandro, ereis um mascate?

- Não; (dice elle) mas sou um salteador.

- E tambem Jorge?

- E tambem Jorge.

- E aonde está elle?

- Sepultado alli. (Dice elle apontando para a sepultura de Jorge.) Felicia sem nunca se-descontentar dice:

- E de que morreu elle?

- Eu o-matei. Ouvi como. -

O bandido contou a Felicia toda a historia do duello, e a qual já sabemos. Finda ella, dice Felicia:

- E que quereis vós de mim?

- Que sejaes minha.

- Para isso, para que usaste da força? eu vos-acompanharia por meu gosto...

- Felicia, Felicia! o que dizeis!... -

Isto dice elle lançando-se a ella, apertando-a ternamente nos braços, e beijando-a muitas vezes.

- Digo-vos a verdade. (Tornou Felicia.)  
- Felicia! Felicia...  
- Ah! mas deixae-me agora... Eu tenho medo...  
- Medo! de que?  
- Não vêdes a tormenta?  
- A tormenta!  
- Ai! que fusil? Eu tenho medo... tenho frio...  
- Sim, sim deitae-vos; deixemos passar a tormenta. Deitae-vos, cobri-vos com este capote. -

Felicia deitou-se sobre um montão de palhas, e cobrio-se com o capote, que fôra de Jorge. Pouco depois ella fingia dormir. O salteador vestido, como estava, com sua espada pendente de seu talabarte, e um cinto de pistolas, depois de atizar o fogo deitou-se sobre outro montão de palhas que lhe serviu de cama. Esta cama estava encostada a parede do rancho sobre o lado calvo, e despenhado que ia morrer no rio; e entre o rancho, e o ponto donde começava o depenhadeiro não havia mais que dous palmos. Um instante depois o bandido resonava (*sic*) a somno solto. Felicia levantou-se manso, e manso de sua cama de palhas, e tomando uma porção dellas, e accendendo-as, começou a revistar o rancho por dentro. Por felicidade, mettida entre as folhas de piteiras de uma parede do rancho, acertou ella em ver uma pequena faca, que parecia servir para os misteres da cosinha: sahio do rancho,

e o revistou por fora: tendo visto o como era o rancho construido; e notado o despenhadeiro; com a mesma faca foi cortando os amarradinhos dos páos, e varas, e, desfeitos estes, ficaram soltas as folhas de piteiras, e por conseguinte cedendo a qualquer impulso. Feito isto, Felicia, disposta antes a morrer, do que a consentir n'um crime, voltou para dentro do rancho. Então enchendo-se de coragem, chega-se ao salteador, que estava muito junto da parede, já descosida, e o-empurra com toda a sua força. O bandido rola, acorda-se, quer erguer-se, vacilla, lança a mão das folhas de piteiras, estas descosem-se da parede, elle cae no dephenhadeiro, e rolando pela rocha a baixo, veiu baquear no rio no logar chamado Açude.

É este o corpo, que appareceu nas margens do Corrego.

Felicia, na manhã seguinte, conhecendo o logar, voltou a casa de seu pae, pura, com della saira, aonde restituiu a vida, e o socego á sua chorosa mãe!

**FIM DO PRIMEIRO VOLUME.**

TYP. DE TEIXEIRA E C.<sup>a</sup> RUA DOS OURIVES N.º 21.

**GONZAGA**  
OU  
A CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES  
**ROMANCE**  
POR  
*Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.*

---

SEGUNDO VOLUME.

---

\*

NICTHEROY  
TYP. FLUMINENCE DE C. M. LOPES  
LARGO MUNICIPAL N. 2.  
1851.

\*Escrito a mão: “Offerecido a Bibliotheca Nal. e Publica pelo  
autor”.

**GONZAGA**  
**OU**  
**A CONJURAÇÃO DO TIRA-DENTES.**

**I.**

**DETESTAVEL NEGOCIO.**

Gonzaga, que havia promettido aos conjurados de não só se demorar mais alguns tempos, mas tambem de propôr ao capitão-general para pôr em execução a lei da derrama, fiel a sua promessa, foi ter com o visconde de Barbacena, dous dias depois que isto prometteu, e sem parecer de proposito, mas caindo a conversação *ad rem*, propoz-lhe que seria bom pôr a lei em execução para assim se poder ajuizar do animo do povo a tal respeito. O capitão-general, e o ouvidor praticavam a este respeito longo tempo, e Gonzaga retirou-se deixando o Visconde de Barbacena persuadido a pôr a lei em execução.

Logo que Gonzaga assegurou isto aos conjura-

-dos tudo era movimento da parte d'estes patriotas. Todas as noites havia sessão, e estas eram mais longas do que tinha sido as do começo. Os conjurados estavam dispostos ao rompimento, ainda sem a segurança dos soccorros estrangeiros, e com pouco armamento; elles contavam com o pouco que tinham, e com seu patriotismo! Isto seria bastante, seria até de sobra em um paiz mais cheio de recursos, e si os conjurados mais escrupulosos fossem na escolha de seus cúmplices, e mais discretos a respeito de seus segredos!

Oito dias depois que Gonzaga esteve com o governador, fez este publicar a lei da derrama; o povo murmurou, mas não apresentou o menor signal de hostilidade, nem de resistencia á lei!

N'esse mesmo dia, sendo noite, alguém se-apresentou no palacio do governo requerendo fallar ao governador com muita instancia, e com muito segredo, o que requeria a bem do estado.

O Visconde mandou entrar, entrou: era o Snr. dos Reis, que não queria ser conhecido de pessoa alguma.

O visconde de Barbacena, homem bom, piedoso, dotado de uma alma nobre, de um coração grande, de um caracter generoso; dotado de todas as boas qualidades de homem de bem, e por isso pouco proprio para governar homens, possuindo illustres e

austeras virtudes, apenas viu o Snr. dos Reis, disse-lhe:

- Aqui, Snr. coronel, e a estas horas! não é sem novidade...

- Sim, Snr., e a maior possível.

- A maior possível dizeis vós?

- Maior não póde ser.

- Então de que se trata?

- De uma conspiração.

- Que dizeis, Snr. Coronel!

- De uma conspiração contra Sua Magestade. -

O visconde soltou uma risada, e dice tranquillamente:

- Vós estaes gracejando, Snr. coronel...

- Digo-vos, senhor, que deveis attender sobre isto, não só pelo bem do estado, como pela vossa vida.

- E quem é o chefe, ou cabeça d'esta loucura?

- O ouvidor Gonzaga. -

Sabia o governador que o Snr. dos Reis não gostava de Gonzaga por causa de Marilia, e tomando a cousa pela metade, sem se alterar disse:

- Mas, Snr. coronel estaes obrigado a contar-me minuciosamente tudo quanto a respeito sabeis.

- Bem o-sei, Snr., e é para o que cá vim.

- Então dizei-me. -

Com effeito, o Snr. dos Reis contou tudo por menor do que sabia sobre a revolução. O visconde

ouvi-o (*sic*) sem o menor movimento de surpresa (*sic*), de admiração, de odio ou de temor. Finda a narração do coronel, dice-lhe o visconde com todo o socego:

- E como soubestes de tudo isto, Snr. coronel? -

O Snr. dos Reis nem-uma difficuldade teve em dizer o como fôra convidado, e que como um dos conjurados assistira a todas as suas sessões.

O visconde tendo ouvido esta historia infame, com um rosto que bem expremia o tedio de seu coração, dice:

- Na vespera então do rompimento, Snr. coronel, é que vos-arrependestes de serdes conjurado?.. Porque conhecestes a loucura de um tal plano...

- Não, Snr.: fingi-me conjurado para colher seus planos, e ficar senhor d'elles: ficando, era sempre minha intenção delatal-os ao governo.

- E não era melhor que vos não tivésseis fingido conjurado, que não tivésseis accitado o convite de vossos amigos? quero dizer, não era melhor terdes sido sempre homem de bem, do que vos infamardes hoje como um delator. Vós vos-fizestes conjurado para penetrardes, e conhecerdes os segredos dos conjurados, eu não fiz o mesmo, e os-sei tanto como vós...

- Vós, Snr.?!

- Sim, Snr.! E entretanto não foi para ani-

-quillar um competidor feliz que se-chamasse Thomaz Antonio Gonzaga, que cheguei a saber de todas estas cousas; foi pelo amor da patria! Viestes vós, Snr. coronel, delatar os vossos amigos, e patricios enlevado no amor de vossa Soberana, e no bem do vosso paiz?

- Sem duvida, Snr.

- Não, Snr. coronel. Irritado contra o ouvidor Gonzaga por vos-ser preferido por uma mulher a quem amaveis, annuistes ao convite de vossos amigos, e tão covarde, como vingativo, mostrando em tudo, e por tudo a pequenheza de vossa alma, vos fingistes conjurado por alguns dias para de Gonzaga vos-vingardes para todo o sempre!

Na reunião de vossos conjurados pintaram-vos o futuro de vossa patria, como um futuro brilhante, como o futuro de um paiz livre! Pintaram-vos o orgulho nacional nobre, altivo, cheio de vida, de futuros, e d'esperanças! Apresentaram-vos os Estados-Unidos d'America, como um exemplo digno de ser imitado, e seguido pelo character nobre, altivo, e generoso do povo brasileiro! Oh! podesseis vós realizar esse magestosos plano! podesseis, que assim o-seria!

Que idéa haveria ahi tão justa, tão nobre e tão digna do character altivo, e generoso do povo brasileiro, como esta? Era preciso que nas veias d'este nobre, e valente povo não gyrasse o sangue d'a-

-quelles, que tantas vezes o-derramaram por sua liberdade, e independencia de seu paiz! Mas o homem phylosopho não é o homem político: aquelle reconhece a justiça d'estes planos, e os-approva este reconhece a mesma justiça, e combate-os! aquelle guia os homens ao bem geral da humanidade; este guia-os a bem dos planos de sua ambição! aquelle reconhece que o homem foi feito para si, e lhe-aconselha que o-seja; aquelle (*sic*) reconhece o mesmo, mas intenta prohibir seu destino! aquelle é o amigo de cada homem, e mostra o seu bem individual; este é o amigo de uma porção de homens e da ruina de cada um pretende erigir o edificio do que elle chama felicidade publica! aquelle em fim é o amigo do homem; e este o seu algoz! Sim, si na qualidade do phylosopho conheço que os brasileiros com razão tentam a sua liberdade, na qualidade de politico, quero dizer, de governador e capitão-general d'esta capitania, devo embaraçar-lh'a, e até castigar os revoltosos, para que já dei as providencias! Mas vós, Snr. coronel, vós, que não sois responsavel a nossa Soberana por este povo; vós que dependeis tanto, como vossos patricios; vós, que deveis desejar tanto a felicidade, o augmento, e a liberdade d'elle, como os vossos patricios desejam; vós, que nascestes no Brasil, e que nelle viveis, sois o proprio que vindes delatar o plano de liberdade dos vossos patricios? Quem diria! E

porque maneira? Por uma intriga toda particular vos-intrigastes com um homem, e sem terdes a menor razão! Meia duzia de homens ardentes e entusiastas da liberdade, e bem de seu paiz se-ajuntam, estes homens ruminam entre si, e a custa de seu sangue libertarem seu paiz! estes homens crendo que as riquezas vossas, e distincções que gozaes na sociedade respondessem a vossa alma, convidaram-vos (fizeram-vos essa honra!) para entrardes no seu magestoso plano! communicaram-vos, seus desígnios, e vos-fizeram participante de sua gloria, ou de suas penas! Flores, ou espinhos, leaes repartiriam comvosco! Com o coração embebido em rancor, com a alma abysmada no fel da vingança contra um unico homem, acceitastes a honra que se-vos-fazia para mais seguro, mais a vosso salvo vingardes d'elle! Acceitastes o titulo de conjurado, para o trocardes pelo de delator! acceitastes o nome de infiel a vossa soberana, para o cambiardes pelo de infiel a vossos amigos! acceitaste o epitheto de falsario para com a corôa para o negociardes pelo de traidor para com o paiz que vos-viu nascer! Vil troca! infame cambio! detestavel negócio! Cego para com o bem de vossa terra, indifferente para com a humanidade, sacrificais vosso paiz á vossa pequenina, e miseravel vingança! entregaes vossos amigos, e patricios ao ferro do algoz, e perdeis desapiedadamente suas mulheres, e seus innocentes fi-

-lhos, por que a lei que mata os rebeldes de lesa-magestade fere sem misericórdia seus descendentes! Foste pior que Judas, Snr. coronel! elle de honrado se-fez traidor por falta de fé, e vendeu seu Deos! e vós, de traidor vos-fingistes honrado, por terdes fé nos planos de vossos patricios, e vendestes vosso paiz!

A manhã (*sic*) estarão as cadêas de Minas atonetadas de paes de familias, que foram vossos amigos! depois d'amanhã o braço do carrasco se-cançará decepando cabeças!

Depois da manhã vós não tereis um competidor! e essa mulher que amaes, ahi ficará livre!... livre, para odiar-vos com todo o seu coração, com todas as suas faculdades, como uma mulher póde odiar!.. E d'aqui a tres dias vós sereis apontado, como o homem infame, como o delator, e como o algoz de vosso paiz! Bem, Snr. coronel, eu vos-dou os emboras pela vossa vingança!

Entretanto esse a quem odiaes, esse de quem sois inimigo, esse Gonzaga, não é nascido no Brasil, mas tão amigo d'elle, como os vossos honrados patricios, e mais do que vós, não veio ainda delatar ao governo a conjuração dos mineiros... Que differença, Snr., Coronel...

- Snr., eu não vim avisar-vos para fazer mal a alguém, vim por causa do risco que corre a vossa vida; e tanto que era minha intenção supplicar-vos

que nenhum mal fizesseis a estes homens, julgando eu ser bastante dispersal-os.

- É essa a vossa vontade, Snr. coronel?

- Nunca tive outro animo.

- Não receeis pelos vossos amigos; eu farei tudo o melhor possivel.

- As vossas ordens, Snr.

- As vossas ordens, Snr. coronel. -

O Snr. dos Reis saiu, e o visconde de Barbacena tendo-o visto sahir dice:

- Que miseravel!

Logo que o Snr. dos Reis saiu, dirigiu-se á casa de um dos conjurados, e dice-lhe que fizesse saber aos companheiros que por quinze dias, ou mais não podia assistir ás sessões, porque negocio de ultima urgencia o chamava a uma de suas fazendas do interior. Com effeito na manhã seguinte o Snr. dos Reis tomou seu cavallo, montou, e seguiu para uma das ditas fazendas. Assim os conjurados perderam um dos seus socios, que, oxalá nunca o tivessem havido! Deixemol-o pois.

Notavel coincidencia! no momento em que o Snr. dos Reis procurava o capitão-general, alguém procurava igualmente a Snra. de Brito, e na hora em que o Snr. dos Reis praticava com o capitão-general a respeito da revolução, este alguém praticava com a Snra. de Brito ao mesmo respeito!

Eram dez horas da mesma noute, pouco mais ou

menos, quando um homem que parecia tomar a peito que o não conhecessem, batia á porta do Snr. de Brito, e demandava com instancia fallar a sua mulher. Impropria era a hora, mas o importuno que isto queria, asseverava com tanto afinco que o negocio era de tanta urgencia, e que d'elle dependia a vida, não só do Snr. de Brito, como a felicidade de toda a sua familia, que a Snra. de Brito viu-se obrigada a mandal-o entrar, e a dar-lhe a audiencia que pedia.

Entrou, era um compadre, e protegido do Snr. de Brito. A Snra. de Brito logo que o-viu entrar, disse-lhe:

- A estas horas por aqui, compadre?

- Sim, minha comadre.

- Alguma novidade vos-deve trazer agora aqui?

- A maior possivel.

- Assim deve ser.

- E que vos diz respeito, e muito de-perto.

- Essa é boa!

- É como vos-digo. E vós, minha comadre, deveis saber de tudo; porque meu compadre nada faz sem vos-dar parte.

- Mas si ainda me não diceste o que é?

- Pois vós de nada sabeis a respeito de meu compadre?

- De nada, nada absolutamente.

- Pois bem, eu vos direi tudo, e sinto dar-vos uma tal noticia.

- Pois bem, compadre, dizei o que é.

- É que meu compadre está perdido, si não se-salva já.

- Então o que lhe-aconteceu?

- Eu vou vos-contar tudo quanto sei, minha comadre; mas vêde que é um segredo, e grande.

- Não tenhaes medo, compadre; eu guardarei fielmente o vosso segredo. Vós bem me-conheceis.

- Pois está para haver um grande levantamento em Minas, e meu compadre entra n'elle.

- Meu marido?!

- Sim, vosso marido.

- Vós estaes enganado, compadre.

- Não, minha comadre, eu sei isto, e o-sei com certeza.

- Como o-sabeis?

- Basta que vos-diga, minha comadre, que eu o sei.

- Ora, vós bem sabeis que meu marido nada faz que me-não participe, e só faz aquillo que eu quero; sendo assim, o que vós mui bem sabeis, eu não consentiria que elle se mettesse em levantamentos, vós me conheceis; porque alem de ser uma asneira, é impossivel que isso possa ir ávante. Ora, como ponho muita duvida em que haja em Minas quem em

tal pense, e supponho que o que vos-parece levantamento será alguma sociedade innocente, por isso creio que vos-tendes enganado. Em todo o caso aposto que meu marido não entra n'isso, seja que sociedade fôr.

- Pois eu vos affirmo que é um alevantamento que se pretende, e que meu compadre entra n'elle.

- Mas como o-soubestes vós?

- Como?

- Sim, como? É preciso que sejaes um dos do levantamento para que possaes saber d'isto.

- Pois eu vos-digo como o-soube.

Ha algum tempo, haveis de estar lembrada, que das onze horas em diante andavam pelas ruas de Villa-Rica diversos vultos, e ao depois sumiam-se. Uma noite, era meia-noute quando muito, estando eu n'uma certa parte, vi um vulto que das margens do Ribeirão se-dirigia para a igreja; segui-o e elle entrou na igreja. Tudo estava ás escuras, apenas da lampada saia uma tal, e qual claridade. O vulto ajoelhou-se sobre uma sepultura, e resou. Era Tira-dentes! elle, depois que resou, fez um juramento tremendo de vingar sua irmã, e acabou seu juramento dizendo que ou ella seria vingada, ou seus membros seriam espalhados n'um campo de batalha, ou seu sangue correria sobre os degrãos de um cadafalso. A este tempo eu que estava junto d'elle fui me retirando, e acontecendo piar uma coruja, elle, que

a-ouvio, voltou-se immediatamente, e creio que ouviu meus passos, mas, como a escuridão era grande, não me-viu. Na seguinte noute dispuz-me a descobrir o que quer que fosse: com effeito vi alguns vultos se dirigirem para a margem do Ribeirão, e entrarem em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, approximei-me, e ouvi de fóra alguma cousa do que dentro se-tratava. Isto fiz por muitas noites, e fiquei senhor de tudo.

- E conhecestes todas as pessoas que alli se reuniam?

- Todas.

- E quaes são?

- Todas estas; ouvi. -

O homem repetiu o nome de todos os conjurados sem a menor falta ou engano.

- E o que pretendem elles? -

Perguntou a Snra. de Brito continuando a fingir-se ignorante de tudo. O homem respondeu:

- Eu não posso dizer tudo pelo miudo, porque algumas cousas não pude ouvir bem: mas o que sei é que elles querem separar Minas do reino, e ficarem sem rei, nem roque, como a América ingleza, isto é o que ouvi.

- Quem sabe se vos-enganaes, compadre?

- Juro-vos que não.

- E que pretendeis fazer agora?

- Denuncial-os!

- Ao capitão-general?
- Não, senhora.
- Pois a quem?
- Ao vice-rei.
- Que! pois mandais um proprio ao Rio-de-Janeiro?
- Sem duvida; ou para melhor dizer vou eu mesmo.
- Com effeito, compadre, grande interesse tendes n'isto.
- Vós sabeis de minha vida; sabeis como estou atrazado.

Empenhado como estou para com a fazenda real, estou ameaçado de perder tudo quanto tenho, e quem sabe se não morrer na cadêa, porque meus bens não chegam nem para pagar metade do que devo; assim, todo o homem tem direito a sua felicidade, seja como fôr. Eu sei que descobrindo ao governo esta revolução vou desgraçar muita gente, mas que me-importa isso, com tanto que eu fique desempenhado.

- Já vos-entendo... fazeis bem.

- Mas como não desejo ver meu compadre perdido, venho avisar-vos para que elle se deixe d'estas cousas. E eu prometto não fallar no nome d'elle a pessoa alguma.

- Descançae, compadre, vós não fallareis.

- Estou certo, minha comadre, que pedindo-

lhe vós, o compadre não tornará a reunir-se com estes homens malvados.

- Podeis descansar.

- Então, minha comadre, estou ás vossas ordens. Passae bem.

- Adeus, compadre; tende boa noute. -

O homem saiu. Apenas elle se-retirou, a Snra. de Brito chamou um seu escravo, que além de valente, e animoso era muito fiel, e lhe dice:

- Viste este homem que sahio d'aqui?

- Vi, sim, senhora.

- Conheces quem elle é?

- Muito, sim, senhora.

- Sabes aonde mora?

- Sim, senhora, sei.

- Pois é preciso que elle morra, e n'este mesmo instante.

- Pois eu vou já atraz d'elle.

A Snra de Brito dice, e entrou em uma alcova, d'onde saiu com uma espingarda na mão, e dizendo:

- Aqui tens esta arma; está carregada e com uma boa bala.

Parte: executa minha ordem, e vem ser forro.

- Hoje serei forro. -

Disse o escravo sahindo. A Snra. de Brito vendo sahir o escravo dice:

- A conquista de uma corôa, ou a salvação de um conjurado, vale um milhão de vidas! -

## II.

### **Ó PATRIA, PERDOA!**

Nem passava pela cabeça do visconde de Barbacena que os mineiros se-quizessem revolucionar; e a noticia que lhe-dera o Snr. dos Reis era para elle novissima; mas querendo affectar uma extraordinaria vigilancia, e inculcando que sabia de tudo quanto se-passava, pregou ao Snr. dos Reis a mais fina caçoada que pregar se-lhe-podia.

Pensava o Snr. dos Reis que a sua denuncia seria acceita com indizivel agrado que o visconde o-abraçaria uma, e muitas vezes chamando-o seu salvador, e salvador do Estado; que escreveria para Lisboa relatando tudo isto, e que a salvação do Estado se-lhe-devia, que d'ahi lhe-viria um tilulo, ou ao menos uma comenda, ou grã-cruz.

N'esse tempo as graças regias eram vasqueiras, e serviam para compensar aquillo que se não compensa com postos de accesso ou com dinheiro. Quando se fazia uma graça, era a quem fosse alguma cousa; não bastava ser muito rico, ou fallar muito; era mister ter virtudes, ter talentos, ou muita instrucção, não tendo todavia inimigos na côrte.

Ora, o Snr. de Barbacena era, como dice, ho-

-mem probo, e que tinha austeras virtudes; assim era impossivel que olhasse bem para um traidor, que vendia seu paiz, que perdia seus patricios e amigos enlevado unicamente em vingancinhas particulares.

É impossivel descrever ao vivo o descahimento do Snr. dos Reis á vista da resposta, ou exprobação do visconde.

Voltemos a este. O capitão-general, philosopho, e bondadoso, como era, queria suffocar a conjuração sem perder a um só dos conjurados; mas queria fazel-o sem compromettimento seu. Era isto difficil! Com effeito depois de muito pensar assentou lá comsigo no que devia fazer.

Na manhã seguinte foi fixada nos logares mais publicos da Villa uma ordem do governador em consequencia da qual ficava suspensa a cobrança do imposto da derrama. O visconde muito de adrede fez espalhar que elle suspendia aquella cobrança por achal-a injusta; e que n'aquella mesma data escrevia para Lisboa representando o governo de S. M. F. contra a injustiça d'aquella medida. Assim o visconde de Barbacena tirava aos sediciosos todo o motivo apparenente da conjuração.

Com effeito o povo sabendo d'isto exultou, e deu não equivocas provas de seu contentamento.

Era em um domingo, e como na porta principal da freguezia estava fixada uma das ordens do go-

-vernador, alli se-ajuntou grande numero de povo; este inflammando-se pouco a pouco, quiz exprimir o seu contentamento por signaes vehementes, que demonstrassem a alegria com que a ordem do Visconde fôra acolhida; assim, reunidos em uma turba de mais de duzentos foram até o palacio do visconde onde exhalaram seu prazer em repetidos vivas á rainha nossa senhora, e ao capitão-general. Alguns houve ainda tão excessivos que de noute illuminaram as frentes de suas casas. Era isto um grande descachimento para os conjurados; não obstante um só não houve que abandonasse as bandeiras da revolução. O leitor sabe que já não podemos contar com o Snr. dos Reis no numero dos Conjurados.

A' noute reuniram-se os conjurados, todos compareceram, todos afora dous; um era o Snr. dos Reis; d'este o leitor já sabe; o outro o Snr. de Brito. Este, n'esta mesma manhã, participando a alguns dos conjurados que negocio de ultima urgencia o obrigavam a partir já, e já para o Rio-de-Janeiro, partiu effectivamente.

Na reunião d'esta ultima noute Gonzaga, e Maciel eram de opinião que se-abandonasse o plano, visto que o governador lhes-havia tirado o pretexto; que a vista do procedimento do governador os conjurados não podiam, nem devim (*sic*) contar com o povo, e que mais prudente era abandonar por ora o plano,

e ficar na expectativa observando os passos do governo.

Alguns conjurados mais eram da mesma opinião, mas a maioria mostrou-se contraria a esse saudavel conselho. Tira-dentes, que não media todo o perigo, como devia, que consultava unicamente seu brio, e seu coração, taxou de covardia a prudencia de Gonzaga, e Maciel: o ardente republicano depois de exprobrar aos dous o que elle chamava medo, animou os outros a revolta, e acabou por offerecer-se para partir incontinentemente para o Rio de Janeiro, e alli dispor tudo em favor da conjuração.

Gonzaga, Maciel, e os seus sequazes, que se-viram em minoria, cederam, e estiveram pelo que os outros queriam.

Voltemos agora á Snra. de Brito, e á sentença que deu contra seu compadre.

Uma hora, depois que ella despachou seu escravo para assassinar o infame compadre, voltou este emissario da morte, e apenas entrou dice a senhora:

- Vens forro, ou ainda escravo?
- Escravo, minha senhora.
- Desgraçado!...
- Não foi minha a culpa...
- Não tiveste animo...
- Encontrasse-o eu... que então...
- Acaba.

- Quando elle veio para aqui deixou seu cavallo sellado, e prompto, e seu pagem com elle pela redea, dispostos ambos para seguirem...

- Para seguirem!

- Apenas chegou á casa montou, e partiu...

- Para onde?.. para onde?

- Para o Rio de Janeiro. Quando elle cá veio estava prompto para partir, e despedido da familia. Sahindo d'aqui, não chegou mais a casa, pôz as esporas, e partiu. Logo que minha senhora mandou-me atraz d'elle, cheguei á casa, e perguntei por elle; diceram-me que n'aquelle instante tinha partido para o Rio-de Janeiro. Segui a mesma estrada a ver se-ainda estava alli perto, mas era tarde.

- Bem... Não importa. Aprompta já o cavallo e mais arranjos de teu senhor para partir para o Rio-de Janeiro... Tú partirás com elle. Isto deve ser dito e feito. -

O escravo sahio. A Snra. de Brito tomou ella mesma uma mala, e apromptou a roupa que seu marido devia levar. A' meianoute tudo estava prompto.

A uma hora o Snr. de Brito chegou, e pediu sua cêa, dizendo que tinha fome. A Snra. de Brito com suas proprias mãos apresentou a cêa a seu marido dizendo-lhe:

- Aqui a-tendes; comei depressa.

- Então ha alguma novidade? (perguntou-lhe elle).

- Pouca cousa. Comei primeiro. -

Com effeito o Snr. de Brito comeu, e tendo acabado, dice:

- Estou ás vossas ordens, senhora. -

A Snra. de Brito contou tudo quanto havia se-passado, sem todavia mostrar a menor consternação.

- Estamos perdidos, (exclamou o Snr. de Brito ao ouvil-a).

- Não (respondeu a senhora). Tranquilisae-vos.

- Que deve então fazer?

- Pouca cousa.

- E o que? e o que?

- O vosso cavallo está sellado, e do vosso pagem; vossa mala está prompta; parti já para o Rio de Janeiro.

- E depois?

- Ouvi-me: A minha sentença contra o nosso compadre fica em seu inteiro vigôr. Em qualquer lugar da estrada em que nosso escravo Adão o encontre, deverá exectuar a minha sentença, sem misericordia. Dado que sejaes tão feliz que vossa boa estrella permitta que vos-encontreis com elle, e que minha sentença tenha inteiro cumprimento, voltai para Villa-Rica, porque as cousas estão restabelecidas, e tudo em paz. Si porém não o-encon-

-trardes, ide até o Rio-de Janeiro. Viajai de noute, e de dia, de modo que deveis chegar lá primeiro que o compadre. Sem perderdes tempo, apenas chegardes, ide ter com o vice-rei, denunciae-lhe a conjuração...

- Oh! nunca, nunca...

- Vós haveis de ir...

- Não; não vou... Ser um denunciante... eu? não; antes a morte, mil vezes antes.

- Quereis então morrer no cadafalso?

- Quero.

- Miseravel! sabeis o que quereis?

- Antes morrer, que ser traidor á patria e aos amigos.

- É verdade! Antes morrer, que ser traidor á pátria, e aos amigos! Antes, mil vezes antes...

- E então, como quereis?

- Quero, e vós deveis querer!

- Oh! o nome de delator!... “Alli vae, (me dirão quando eu passar) alli vae elle; o delator dos nobres republicanos de Minas! O denunciante dos liberaes! O que traiu a patria! O que vendeu seus amigos! O que illudio o plano de tanta gente honrada! O judas dos conjurados! Maldito seja! A maldição do céo caia sobre a sua cabeça! Opprobrio... opprobrio sobre elle, e todos os seus descendentes!” E a maldição do presente, e a maldição das gerações futuras cairá sobre mim, e todos os

meus descendentes! Bem vêdes, senhora, que horror vou atrair sobre mim!

- E julgaes vós que não tenha eu pensado em tudo isto? como vos-enganaes! É um sacrificio, e vós o deveis, a vós, a vossa família, e a vossos descendentes! A patria está perdida, riscae da lembrança essa palavra! está perdida, que esse infame que partiu para o Rio-de Janeiro de tudo sabe, e tudo vae delatar ao vice-rei; e o vosso sacrificio por ella é um sacrificio estúpido, inútil, e á ninguem necessário! Si sacrificando-vos pela patria ficasse ao menos a vossa honra illesa; si vossa familia continuasse a viver tranquilla depois de vossa desgraça, ao menos morrerieis tranquillo! mas bem pelo contrario. A magestade da terra vela com azedos ciumes sobre seu poder, e seu raio fere não só aquelle que a-attenta, como ao seu derradeiro neto, porque ella não quer ver n'um descendente de um bravo, que intentou anniquilal-a o monumento vivo da fraqueza de todo o poder humano. Rebelde! preso como tal, arrancado do seio de vossa familia, amarrado, atravessando assim as ruas publicas, servindo de espectáculo, e de escarneo á gente vil! levado de tribunal em tribunal, perante juizes estúpidos, insolentes, e sem alma! Sentenciado por fim á pena ultima... vossos bens confiscados, vossa familia ferida com a anathema de um vil degredo, pobre, lançada no seio da miseria, expatriada, reclusa n'um

presidio de um extranho clima, obrigada a soffrer um barbaro, a trabalhar sempre, a comer pouco, e a repousar menos; ou forçada a mendigar o pão da caridade! E vós, no meio de um povo louco, que verá vossa morte sem o menor signal de compaixão, rodeado de tropa, subindo a um cadafalso publico, morrendo como um malfeitor!.. E vosso filho...

- Meu filho!... tambem meu filho?

- Vosso filho, tão joven, tão bello, tão cheio de futuros, e em quem vós tendes depositado a vossa esperança, e tanto amor... banido para sempre de seu paiz, reputado infame, e todos os vossos descendentes...

- Oh meu filho!

- Obrigado a assistir a vossa morte, e quem sabe se obrigado a estar em pé debaixo do cadafalso, para sobre elle cahirem as gottas do vosso sangue?...

- Que horror!

- E não parará n'isto! Vosso filho será obrigado a nunca casar-se para não ser pae de uma posteridade infame, e inhabil para tudo; ou si se-casar, terá de ver sua descendencia desprezada, abhorrecida, e infamada!..

- Oh! não; não... É muito!

- Vosso filho vos amaldiçoará!.. E, si elle souber do que hoje se passa entre nós, dirá talvez enfurecido: “Meu pai viu imminente rebramar a borrasca sobre minha cabeça! viu; e podia desvial-a

de sobre mim; podia e não o-quiz fazer, e muito de proposito quiz ser pae de uma descendencia reprovada por seu crime, segundo as leis de meu paiz! E eu, ai de mim! eu sem ter sido criminoso, levo por toda a parte a vergonha, e a ignominia do crime que não commetti, crime de meu pai; e devo até á morte arrastar comigo esta affronta, e affrontar os homens com a minha vergonha, sendo pesado a mim proprio pelo desprezo, que os homens me-votam, e pela repulsa que de mim fazem as leis do meu paiz! Nasci entre os homens, e não tenho patria, porque meu pae m'a-extrorquiu com seu crime...

- Basta... basta...

- “Meu pae (dirá ainda elle) porque me não mataste quando foi patente ao mundo o vosso generoso delicto, mas tão funesto perante os homens?..”

- Basta, basta, senhora; não posso mais...

- E nosso filho?

- Nosso filho?

- Sim, nosso filho? nosso filho?

- Oh de um pae amante rigorosos deveres!

- Salva-o, salva-o, meu amigo!

- E a patria?

- Ella continuará a viver, até que em melhores tempos mais fartos de almas generosas, e mais mesquinhos de almas fracas, vis, e mercenarias, essas mesmas almas generosas quebrem suas algemas!...

- E que se dirá de mim?

- Tranquilisae-vos. Tudo se-fará com tal geito que vosso nome não fique para o futuro compromettido.

- Mas ser traidor á patria?

- Mas ver o filho innocente soffrer a consequencia de vossos crimes? vel-o talvez subir ao cadafalso?... e eu mendigar de porta em porta o chorado pão da charidade?... Meu amigo, meu marido, aqui me-tendes a vossos pés...

- Senhora...

- Deixai que regue vossos pés com lagrimas, que o amor filial depõe no altar da patria! Bem me-vêdes; não posso resistir a esse tormento. Ha pouco altiva e cheia de magestade eu dirigia vossos passos na espinhosa senda de uma conjuração; e agora abatida, e humilhada, a vossos pés eu vos-peço por graça a honra, e a vida do nosso filho, porque vós não sabeis o que é ser mãe! Oh! ameaçasse muito embora a (*sic*) raio da regia justiça a vossa, e a minha cabeça; mas a de meu filho?.. confesso que não posso, não posso...

- Oh! meu filho!...

- Salva-o, meu amigo, salva-o.

- Sim, eu parto a salv-o... Oh patria!

- Oh meu filho!.. estás salvo!

- E que devo eu fazer?

- Ouvi-me. Parti já; viajae noute e dia; si no

caminho encontrardes o infame que vos-vae delatar, nada de misericordia para com elle...

- Nada.

- Si o não encontrardes, porém, é mister que chegueis ao Rio-de Janeiro primeiro que elle, e logo que chegardes, ide ter com o vice-rei...

- Com o vice-rei?...

- Sim, com o vice-rei...

- E para que?

- Ouvi-me. Pedi-lhe uma audicencia particular; não digaes vosso nome a pessoa alguma do palácio, só o vice-rei o-deve saber. Logo que vos virdes a sós com elle, para não parecerdes um delator, dizei-lhe que fostes, ha algum tempo, convidado por algumas pessoas para uma conjuração; si elle vos perguntar os nomes d'essas pessoas, dizei-lhe, e dizei-lhe tambem qual era a conjuração, e seu fim. Dizei-lhe mais, que não estando vós de animo a serdes rebelde á vossa soberana, não quizeste entrar na Conjuração; mas que temendo ao mesmo tempo alguma cousa da parte dos conjurados por causa da vossa repulsa, fingiste annuir, não com o fim de atraíçal-os, (assim vós não parecerdes um infame e desprezível delator) mas com o fim de dissuadil-os, fiando em vossas riquezas e representação no logar. Que assististes seus planos buscando sempre neutralisal-os, e que assim pretendias dissuadil-os de uma vez de seu louco intento. Accrescentae que accredi-

-tais que alguns que iam ás sessões dos conjurados, iam como vós; e que assim nutrias esperanças de ver a conjuração dissuadida sem que se perdesse alguém. Esta será a fórmula pela qual poreis o vice-rei ao facto de tudo. Que dizeis?

- Aceito o vosso conselho.

- Então parti.

- Adeos... Até a volta. Encommenda-me a Deos.

- Até a volta: eu resarei por vós.

- O'patria, perdoa... eu vou te-sacrificar a meu filho! -

Dito isto, passada esta scena de lagrimas, e angustias entre o Snr. de Brito e a sua mulher, este saiu, montou, e partiu para o Rio-de Janeiro. A Snra. de Brito tendo-o visto partir exclamou:

- Ah! meu coração já exulta banhado no nectar da vingança! O' infame! tu vás vender a patria por dinheiro, mas tu não gozarás o fructo de tua denegrida infamia!

### **III.**

#### **E COMO ESCAPOU ELLE?**

Postados ha não pouco tempo na serra da Mantiqueira, uma das mais notaveis no caminho de Minas, ahi appareciam os salteadores, e dando sobre os passageiros, os-despojavam de seu dinheiro e de tudo quanto traziam.

Não era esta companhia de ladrões composta só de soldados portuguezes, desertados do exercito, que ahi havia não poucos marinheiros, e hespanhoes, que se-tinham espalhado pela America. Todos sabem que os hespanhoes, apesar de sua altives, generosidade, cordura, e até probidade, são todavia crueis. Não ha talvez nação mais dada ás crueldades do que a hespanhola. Lêde a historia da America, e tremereis de horror quando deparardes com esses incendios, com esses rios de sangue, com tantas atrocidades, com as quaes só podem competir os feitos da Inquisição, e os horrores exercidos contra os martyres do christianismo!

A religião parecia ter parte n'estas cruezas; pareciam ellas filhas de um cego, atroz, e sanguisedento phanatismo!... mas quem sabe si o immenso ouro do México, e do Perú fora unicamente parte para tanta barbaridade!

Ora, sendo a companhia da serra da Mantiqueira assim composta, e demais a mais estes homens sem educação, sem princípios, e sem temos de Deos, póde o leitor mui bem figurar a serie dos horrores de que foi testemunha a serra da Mantiqueira, tão celebre n'aquelle tempo!

Basta dizer que a fama d'estes horrores de tal maneira se-estendeu, que bem depressa circulou por toda a capitania de Minas, e do Rio de Janeiro, de tal sorte que os passageiros abandonaram a estrada da Mantiqueira, fazendo caminho do Rio-de Janeiro para Minas, e d'esta para aquelle por uma nova estrada aberta então, rodeando talvez a serra, o que retardava mais a viagem.

Bem sabia d'estas circumstancias o delator, que de Villa-Rica para o Rio-de Janeiro se-havia partido, e por isso receiava o perigoso passo da Mantiqueira. Por outra, temia que indo pela estrada de S. Paulo, outrem, que tambem ambicionasse o premio das alviçaras a elle de tal modo se-avantajasse, tendo a felicidade de escapar dos salteadores, que chegasse ao Rio-de Janeiro muito primeiro que elle.

Ruminando estes, e outros pensamentos caminhava o delator para o Rio de Janeiro, prenhe de ambições, e d'esperanças; e como assim caminhava, fiando-se na sua boa estrella, e desprezando o perigo do duvidoso passo, seguiu o caminho da Mantiqueira, não receiando-se dos salteadores.

Ora, si este, sem desconfiar que outrem se-lhe-adiantasse desprezava este perigoso passo, que faria o Snr. de Brito sabendo do empenho seu, e contando-se comprometido, si por ventura chegasse elle primeiro ao seu destino? Mortificado pois pela mesma lembrança dos salteadores fazia este seu caminho, hesitando se-devia affrontar o duvidoso passo da Mantiqueira, ou ir dar a volta pela estrada recentemente aberta, onde as viagens são sempre mais difficeis.

Não duvidou o delator de acometter o perigo, e entregando-se ao seu destino, em cuja protecção assás confiava, dirigiu-se pela serra da Mantiqueira. Deixemol-o seguir, e vejamos entretanto o que tem feito, ou antes, o que fazem os salteadores por este tempo.

Havia algum tempo que estes aventureiros tinham mandado dous emissarios seus para Villa-Rica; e desde que elles foram partidos os salteadores não mais tinham tido noticias (*sic*) suas, e era por isso que estes homens não se-sabiam resolver. Seu chefe estava muito resolvido a mandar outros dous saber o que era feito d'elles, e acolher algumas noticias do comboy que de Villa-Rica devia trazer para o Rio-de Janeiro o dinheiro das cobranças, como elles pensavam, quando aconteceu o que vou relatar a respeito dos dous viandantes conhecidos.

N'aquelle tempo grandes porções da estrada de

Minas eram cobertas de sombrios bosques, e cuja veneranda antiguidade impunha um profundo respeito ao viandante não acostumado a estes solemnes apparatus da natureza agreste! Quasi toda a serra da Mantiqueira estava coberta d'estas pompas ainda virgens d'esta luxuriosa natureza, porque o machado do lavrador não tinha profanado o respeitavel asylo da sagrada, e primitiva liberdade que no fundo d'esses selvaticos sacrarios era com tanto cuidado, e amor tão guardada, e querida pelos filhos do deserto!

Ahi, por onde tinha de transitar o delator, soberbos gigantes da selva elevavam-se ás nuvens, onde orgulhosos de sua grandeza, e antiguidade, estendiam seus longos e seculares ramos, cuja espessa folhagem alli entrelaçada formava uma abobada de verdura, que de tão densa que era quebravam-se os raios do sol sobre seu velho tecido, sem que por entre essa ramagem philtrassem sua luz até o caminho, tão docemente abrigado por essa deliciosa sombra, mais encantada ainda pelo suave, e fresco suspirar da timida, mas agradável aragem!

A claridade da lua cheia era d'ali expellida por esse zeloso imperio de sombras, que formava n'aquelle logar uma noute quasi sem limites! Era nesse logar aonde os salteadores se-emboscavam, e d'alli saiam a acometter os passageiros. O delator de tudo isto sabia.

Na vespera do dia em que devia subir a serra, o delator descansou, não por si, mas por seus animaes, e ahi os-regalou quanto pôde. Na occasião de proseguir sua viagem calculou o caminho de tal sorte que quando atravessasse o perigoso passo fosse das onze horas a uma, depois da meia-noute. Com effeito, a essa hora trilhava elle o bosque não longe do logar onde saiam os malfazejos. Era quasi meia-noute, e completa a escuridão, si completa póde haver. O silencio do bosque, a mudeza das trevas eram apenas quebrados pelos ligeiros passos de seu ardido cavallo, e de espaço a espaço interrompido pelo guinchar fúnebre de diversas aves nocturnas. E elle viajava sempre!

Seu rapido cavallo parecia conhecedor do perigo de seu senhor, tão veloz batia elle o tão assombroso passo!

E como assim viajava, de repente o brioso bruto pára, retido por qualquer objecto a que a velocidade de sua marcha não pôde superar; mas esse objecto, abalado, pareceu ceder um pouco até um ponto em que ficou firme. Foi impossivel ao animal vencer esse obstaculo. O cavalleiro apea-se rapidamente para conhecer o embaraço em empece a marcha de seu animal; tacteando as sombras, sente uma grossa corda atravessada de uma beira da estrada á outra, alta do chão até a altura dos peitos de um cavallo; apenas conheceu elle o obstáculo

tirou de sua cinta uma faca, e cortou a corda; mette a faca na bainha, mas quando se-dispoz a montar, sentiu-se agarrar por outo pesadas mãos de ferro, e com tanta força que lhe não foi possível ser senhor do mais leve movimento!

Assim preso entre estas possantes mãos, foi levado para o mato, por uma picada sabida unicamente d'aquelles perdidos moradores d'este assombroso bosque. O animal espantado pelo esforço que fez seu senhor no momento de ser preso, e não havendo obstaculo da corda, deitou a correr a toda brida. O pagem e o cavallo d'este foram tambem prisioneiros.

A's vezes, pelo mesmo caminho por onde intentamos fazer mal aos nossos semelhantes não só lhes-fazemos bem, como ainda encontramos mal; é o que aconteceu ao delator: entretanto deixemol-o entre as mãos dos salteadores, e vejamos o que tem acontecido ao Snr. de Brito em sua viagem.

Este havia pensado do mesmo modo que seu compadre, e do mesmo modo tinha descansado, e refeito seu cavallo antes de subir a serra; emfim, o Snr. de Brito havia calculado tudo, e obrado, como o delator, com a única differença, que não descansou no mesmo ponto em que o outrem, mas sim um tanto mais distante da serra, e por isso a-subiu depois, e quando chegou ao perigoso passo já o delator estava entre as mãos dos salteadores.

Os salteadores vendo o empenho com que a taes deshoras o delator pretendia vencer aquelle obstaculo, entenderam que alguma necessidade o-urgia, e suppozeram que essa necessidade era dinheiro, e por isso abandonando a estrada, seguiram sua presa para o interior do bosque. Estavam pois elles um tanto longe da estrada, quando o Snr. de Brito acertou de por alli passar. O obstaculo da corda já não existia, que destruido fôra pelo delator, e o Snr. de Brito sem a menor difficuldade venceu o passo que lhe-havia aplainado aquelle que vinha perder os seus companheiros. O Snr. de Brito passou, mas ignorando todas estas cousas. Emfim, poucos dias depois elle estava no Rio-de Janeiro. Ahi, sem discrepar um só ponto das ordens de sua mulher, apenas chegou partiu a fallar com o vice-rei.

Em 1778 Luiz de Vasconcellos e Sousa havia succedido no governo do Brasil ao marquez do Lavadido: Vasconcellos governou cerca de onze annos. Affirma-se que Tira-dentes começou de esplanar suas idéas talvez no fim do governo de Luiz da Cunha e Menezes, em Minas, e que este governador desprezára semelhantes noticias. Seja o que fôr, como no governo do Visconde de Barbacena foi que a conjuração tomou corpo, d'ahi partem os acontecimentos que narro. Foi pois nos ultimos dias do governo de Vasconcellos que estas cousas aconteceram, e que teve elle a denuncia da conjuração de Minas.

Logo que o Snr. de Brito chegou ao palacio do vice-rei, mandou-lhe pedir uma audiencia particular. Vasconcellos, homem bom, humano e generoso, além de muito accessivel, mandou-o entrar para uma sala particular. Ahi o Snr. de Brito, fiel ás insinuações de sua mulher, relatou ao vice-rei tudo quanto sabia a respeito da conjuração, apresentando-lhe ao mesmo tempo a lista nominal de todos os socios, e declarando os meios que contavam os conjurados, e quaes seus fins.

O Snr. de Brito fez sciente ao vice-rei que havia sido convidado, mas que, sem animo de entrar na sociedade perguntára quaes eram os socios, e que ouvindo os nomes d'elles annuiu ao convite, não para entrar na conjuração, mas para dissuadir alguns de seus amigos, que infelizmente entravam n'ella, de pena de os ver illudidos, e após d'esta illusão perdidos, e suas familias para sempre: dice mais que suppunha que muitos dos conjurados entravam na conjuração, como elle, isto é, com o fim de domal-a, ou dissuadir aos socios de seus intentos; e accrescentou que acreditava que suas declarações eram intempestivas, pois que julgava que a conjuração daria em nada, mas que tendo vindo ao Rio-de Janeiro a seus negocios, e não voltaria a elle tão cedo, por isso aproveitava aquella occasião, que de suas declarações S. Ex. fizesse o que entendesse.

Accrescentou ainda que desejava que o vice-rei não perdesse pessoa alguma, pois que elle ficava que sem isso tudo se-accommodaria.

A denuncia do Snr. de Brito, assim como todas as suas declarações, o vice-rei escreveu do seu proprio punho, e tambem a lista nominal dos conjurados: e depois que o vice-rei prometteu ao Snr. de Brito o mais religiosos segredo a respeito de sua denuncia, retirou-se este.

Depois d'isto o Snr. de Brito demorou-se ainda no Rio de Janeiro outo dias arranjando os seus negocios. Dous dias antes de sua partida para Minas seu escravo, que o-havia acompanhado, viu o compadre do Snr. de Brito, que vinha delatar a conjuração. O escravo não foi visto do delator, mas viu-o, e participou a seu senhor.

Os salteadores da Mantiqueira continuavam a tirar a vida á aquelles de quem se-apoderavam: e como escapou elle? Ninguem ido do Rio de Janeiro para Minas pela Mantiqueira la chegou, nem vindo de Minas para o Rio-de Janeiro cá appareceu. Como pois escapou o delator?

#### IV.

### **E ASSIM TURPOU-SE COM UMA TÃO FEIA CALUMNIA UMA CONJURAÇÃO, QUE SÓ TINHA POR FITO A INDEPENDENCIA PATRIA.**

Logo que o delator se-viu entre mãos dos ladrões da Mantiqueira conheceu que estava perdido, que elles a ninguem faziam graça da vida: elle sabia mais que muito que os passageiros dos quaes elles se-apoderam eram mortos depois de roubados; o delator o-sabia, mas elle assentou comsigo que não devia morrer, e dispoz-se para não morrer. “Eu não quero morrer, (dizia elle comsigo) não quero, e não heide morrer! Como? tão perto da felicidade, quando estava para ser tão rico, morrer? não, não quero, e não heide morrer!”

Eu já dei a conhecer a meus leitores o logar da serra da Mantiqueira em que saiam os salteadores; pois bem; é preciso saber que não era só em consequencia d’esses antigos, e venerandos bosques que este logar terrivel se-tornava horroroso! não, que ahi parece que a natureza se-empenhára de espalhar tudo quanto póde tornar um sitio assombrosamente medonho! De todas as partes abriam-se profundissimas grótas, elevavam-se enormes penedias, de cujos ponteagudos tôpos se via, lá tão

em baixo, pavorosas cavernas, horrendos precipicios, formando desesperados abysmos cobertos de longos lagedos, e agudos cantos, onde a custo se trepavam os cardos, e espinheiraes de todas as qualidades, que mal alli vegetavam!

Era do alto d'estes rochedos que ao fundo d'esses abysmos os malvados da Mantiqueira despenhavam suas miserandas victimas, depois de as-roubar, e espancal-as. Tal era a sorte que devia esperar o delator.

Preso este entre os salteadores, foi por elles conduzido ao rancho, em que viviam, e ahi apresentado ao capitão da companhia: este perguntou-lhe pelo nome, e elle deu um, que lhe não pertencia. O capitão continuou com o seu interrogatorio, como costumava, com todos os que lhe-cahiam nas unhas. Elle pois dice:

- D'onde vindes?

- De Villa-Rica.

- Para onde ides?

- Para o Rio-de Janeiro.

- A que ides?

- Mandado pelo governo.

- A que?

- A negocios particulares. -

Os salteadores olharam uns para os outros com certo ar de alegria. O delator nada perdia de seus movimentos. O capitão dice:

- Já se-fez a cobrança da derrama em Villa-Rica?

- Para que quereis saber isso?

- Aqui não tendes que escolher senão responder fielmente a tudo quanto quero saber, ou morrerdes.

- Mas vós costumaes a matar a quantos homens caem em vossas mãos: ora eu sei bem que, depois de vos-revelar tudo quanto sei a respeito do dinheiro da derrama, vós me-mandareis matar, e, si eu heide morrer entregado-vos tanto dinheiro, melhor é morrer com o meu segredo.

- E quem vos-dice que quero mandar matar-vos?

- Não consta que de vossas mãos alguém tenha escapado vivo.

- Mas esses que tem morrido pagam com a vida a sua inutilidade. Vós não estais n'este caso, pois que nos-podeis servir de muito.

- Então, daes-me a vida, comtanto que eu vos descubra o quanto sei a respeito d'este dinheiro?

- Certamente.

- Acho pouco.

- Como?

- Só pela vida, não val (*sic*) a pena.

- Então que mais quereis?

- A minha vida, ou morte de nada vos-serve, com uma, ou outra nada perdeis, e nada ganhaes. Fallemos claro, vós, e vossos companheiros não vos-

achaes aqui para resar, mas sim para adquirirdes dinheiro; sendo assim, como a minha de nada vos-serve, e o dinheiro em questão vos-hade servir de muito, ou para melhor dizer, de tanto que vós nunca mais precisareis arriscar-vos; podemos então fazer algum arranjo.

- Vejamos esse arranjo: fallae.

- Eu vou para o Rio-de Janeiro, da parte do capitão-general de Minas, a requisitar uma boa escolta para acompanhar de Villa-Rica até o Rio-de Janeiro o comboy, que deve trazer o dinheiro para o Rio. Eu irei pois, e requisitarei a escolta, irei com ella a Minas, e com ella voltarei ao Rio-de Janeiro trazendo o dinheiro. Antes de a escolta subir a serra, em um pouso, por nós contractado, a escolta pernoutará, e eu me-encarregarei de embebedar na cêa a todos os soldados. Logo que estes durmam o somno solto, abrirei a porta, ou á um signal meu acudireis vós com os vossos, e sem o menor risco vos-apoderareis do dinheiro: que dizeis a isto?

- Que prometteis tanto, que desconfio de vossa generosidade...

- Estaes enganado, aqui não ha generosidade, ha interesse.

- Mas que interesse?

- Como! pois suppondes que eu faço tudo isto só por vossos bellos olhos, ou só para que me deixeis com vida? Estaes enganado. Ora, si eu tivesse

sido um homem muito feliz, razão teria para amar a vida, mas tendo sido tão desgraçado como sou, que me-importa morrer hoje ou amanhã! A vida! pois que diabo é a vida? eu quero mais e muito mais.

- E que quereis? fallae.

- Dinheiro, dinheiro. Quero dizer, acceitando vós a minha proposta, depois de vos-apoderardes do dinheiro, quero entrar na partilha, e entrar como cinco.

- Mas, como cinco, como?

- Eu vos-digo. Primeiro cumpre-me advertir-vos que não penseis que o dinheiro sejam ahi uns trinta, ou quarenta mil cruzados; é muito, muito mais. Ora, uma vez senhor do dinheiro, si vós, e vossos companheiros são trinta, deve todo o dinheiro ser dividido em trinta, e cinco partes; cada um de vós terá uma parte, e eu cinco.

- Então porque tereis vós cinco?

- Eu vos-digo. Por ter-vos descoberto o segredo do dinheiro, uma parte: por ter vos-facilitado os meios de o haverdes, segunda parte: por ter conduzido a escolta, e o dinheiro ao vosso poder, terceira parte: por ter feito os soldados dormirem, e vos-entregar o dinheiro, quarta parte: como um de vossos companheiros, quinta parte. Tudo isso cifra-se em que eu neste negocio trabalho, como cinco.

- D'este modo vós vos-associaes á nossa companhia?

- Sem duvida.

- E não vos-envergonhaes de serdes ladrão?

- Oh! isso é indifferente, porque emquanto ao furtar, todos furtam, a differença só existe nos meios...

- Bravo! bravo! -

Brandaram todos os salteadores. O capitão dice depois:

- Pois eu hei de obter toda essa quantia sem precisar de vosso soccorro.

- Aposto que não...

- Hei-de obter.

- Não sois capaz.

- Se tornaes a dizer que não sou capaz faço-vos voar os miolos com esta pistola (e n'isto engatilhou a pistola).

- Fazei-me voar quantos miolos quizerdes; mas digo-vos a verdade, não sois capaz.

- Sois valente pelo que vejo, hem?

- Ora, tenho visto muita pistola.

- Vós mesmo me-haveis de declarar todas as circumstancias a respeito do dinheiro, sem entrardes na partilha.

- Eu?

- Sim, vós.

- Estaes enganado.

- Juro...
- Jurais uma asneira.
- Mando-vos já pôr a tormentos.
- Mandae o que quizerdes.
- Mando-te fazer em postas.
- E depois ficareis ignorando tudo, como antes de me-  
espojardes.
- Nos o-veremos.
- Veremos. -

Dito isto o capitão da quadrilha chamou alguns de seus camaradas, e fazendo-lhes alguns acenos, mandou levar o prisioneiro. Durante este dialogo do capitão e do delator não se persuada alguém que este tinha tanto animo, segundo parecia de suas palavras; ao contrario, o delator estava cortado de medo, apesar de que animo lhe não faltava, e brio lhe não fallecia para lutar até com dous ou tres homens; mas só, e contra tantos, como se-achava, tinha muito de que receiar-se sobre sua vida, mórmente porque sabia que, segundo as noticias, quantos caíam nas mãos dos salteadores eram victimas: mas elle sabia bem que na situação em que se-achava não lhe- aproveitavam rogos, nem promessas, e que a unica posição que devia tomar era a de um homem corajoso, e desprezador da vida. D'esta sorte advirtido, por assim dizer, pelo chefe da quadrilha a respeito dos dinheiros da derrama, tomou logo a posição que vimos; improvisando-se como

mandado pelo capitão-general, fingiu-se homem necessario aos salteadores! A posição era mais que muito brilhante, veremos si elle a-sabe occupar até o fim de sua arriscada, e melindrosissima farça.

Logo que os salteadores, aos acenos de seu chefe se-apoderaram d'elle, ligaram-lhe os braços detraz das costas, e prendendo-os com uma tira de couro, e torcendo em fórmula de garrote, começaram a tortural-o por este modo. O garrote voltou algumas vezes, o arrocho era forte, e o paciente corando apenas no excesso de tanta dôr, além de não exhalar nem um só gemido, com uma voz forte dizia ao chefe:

- Vós me-tirae os braços; e no fim d'isto vêde si ficaes sabendo alguma cousa do que quereis saber. -

Esta coragem, não muito vulgar, encheu de assombro aos salteadores, e seu capitão mandou logo suspender os supplicios; e não duvidou mais de que o homem era um heroe, e muito capaz de fazer tudo quanto havia promettido.

O capitão pois chamando á sua presença declarou-lhe que elle chefe d'aquella quadrilha não podia aceitar seu offerecimento sem experimentar sua coragem, mas que na prova tentada sobre seu valor com tanto animo se-tinha havido, que elle não duvidava mais nem um só instante de que elle seria capaz de cumprir tudo quanto havia promettido.

Então perguntou elle quanto suppunha haver em dinheiro para vir de Villa-Rica para o Rio-de Janeiro. O delator desinvolveu alli um calculo, que segundo elle, e pelos dados que tinha deveria haver de quatrocentos a quinhentos mil cruzados; mas depois asseverou que havia mais de seiscentos. Então o chefe da quadrilha ponderou-lhe que havendo seiscentos, e sendo os companheiros vinte cinco, e entrando elle como cinco, o que faria o numero trinta, pertenceria a cada um vinte mil cruzados, e que sendo o risco igual para todos era injusto que elle ficasse com cem mil cruzados, ficando os outros com vinte, cada um. Que elle capitão em nome de todos lhe-propunha o dar-lhe cincoenta mil cruzados, e o resto seria então dividido pela companhia. O nosso homem poz suas duvidas, até que aceitou o partido que se-lhe-offerecia, e propoz-se a seguir para o Rio-de Janeiro no seguinte dia.

Com effeito, no dia seguinte os salteadores lhe-apresentaram um cavallo, e o homem acompanhado de seu pagem seguiu para o Rio-de Janeiro. É preciso porêem advertir que o chefe dos salteadores não era tão basbaque que contasse em tudo, e por tudo das promessas do homem; elle fez que se-apromptassem dous salteadores, e com differentes pretextos partiram com elle com o fim de vigiar seus passos não só pelo caminho, mas também no Rio-de Ja-

-neiro. Assim, os três partiram juntos. Apesar porêem dos preextos d'estes dous homens eu iam em sua companhia, o delator, que era vivo por demais, bem comprehendeu que elles o-acompanhavam só para vigiar seus passos. Elle não se-mostrou sciente d'isto, e fingindo a maior confiança possível, seguiu sua viagem para o Rio de Janeiro. Logo que ahi chegaram o delator fingindo-se todo occupado de sua missão foi-se a ter com o vice-rei, para cumprir as ordens do visconde de Barbacena, como elle affirmava aos dous salteadores, seus ultimos companheiros de viagem. Foi então que o escravo do Snr. de Brito o-viu.

Logo que elle chegou á presença do vice-rei, tendo este lhe concedido uma audiencia particular, como ao Snr. de Brito, dice:

- Senhor, um segredo da mais alta importancia, e do qual depende a salvação dos estados do Brasil, e talvez da vida de v. exc., tenho a revelar-vos, para que v. exc. ande o mais breve que puder emquanto a arvore que começa a nascer não lança profundas, e grossas raizes, porque, lançadas ellas, todos os esforços para extirpal-as serão baldados!

- Pois bem, fallae, estou prompto a ouvir-vos - dice o vice-rei.

- Não está porêem, aqui tudo. Eu só descobrirei o meu segredo debaixo de uma condição.

- E qual?

- Senhor, estou empenhado para com a fazenda real em uma boa porção de mil cruzados: a fazenda real porêm em perder minha divida nada arrisca, e nada perde, no entanto que calando-me com meu segredo a fazenda real virá a perder muito.

- Já vos entendo, quereis vender o vosso segredo á fazenda real?

- Não, senhor, mas S. M. deve dar-me um premio pelo meu segredo, e nas circumstancias em que me-acho, arruinado de bens, um titulo de nobreza, qualquer condecoração me não póde servir porque não tenho os necessarios para manter-me n'essa posição illustre, que impõe um condigno tratamento: e harmonizando a real bondade com meu estado, e precisões, o perdão do que devo á real fazenda é a única cousa que me-póde convir.

- E é a unica condição com que revelaes o vosso segredo?

- Senhor, eu não imponho condições; supplico uma graça de premio em uma alta confidencia.

- E quanto deveis a fazenda real?

- Pouco mais de quarenta e quatro mil crusados.

- Com effeito! em muito vos alcançastes para com a fazenda real!

- O meu alcanço, senhor, é filho de causas bem justificaveis, as quaes eu vos-exporia, si tão longas não fossem.

- Comtudo, talvez que o vosso segredo valha tanto.

- Senhor, aceitaes vós, em nome da rainha, a proposta que vos-faço?

- Conforme. Nada posso decidir sem conhecer a importancia d'este negocio. Si o negocio fôr de tanta magnitude como asseveraes; si d'elle, como dizeis, depende a salvação do estado; declaro-vos já que, em nome da rainha aceito a vossa proposição.

- Eu vos-juro, senhor, que o negocio é da mais alta importancia.

- Então dizei.

- Trata-se de nada menos que de uma conjuração.

- Já sei d'isto.

- Vós, senhor?..

- Em Minas-Geraes.

- É possível?

- E o cabeça é Joaquim José da Silva Xavier, por antonomasia o Tira-dentes. -

A estas palavras de Vasconcellos o delator recuou alguns passos, e com rosto pallido, olhos scintillantes, feições desconcertadas encarou o vice-rei, que com um ar nobre, e magestoso o-olhava sem a menor commoção! N'este momento fatal o delator sentiu ao vivo todo o funesto de sua triste situação; n'este momento em que, zombando de seus bellos sonhos,

a fortuna fazia d'elle o seu mais desprezível ludíbrio!

Elle tinha suspeitado da conjuração, e para descobri-la que de sacrificios não havia feito! Quantas noites passadas em claro espreitando alheios passos, affrontando o temeroso da tempestade, vendo diante de seus olhos cruzarem-se, com estampidos da morte, assustadores, e tremendos raios; arriscando sua vida aos punhaes dos conjurados, ás crueldades dos salteadores da serra da Mantiqueira; vencendo perigosos passos; viajando por escabrosos caminhos, no mais interno da noite, e quasi com a velocidade dos feiticeiros; e no meio de tantos riscos, cercado de tantos temores, sentindo embalar sua alma fagueiro sopro de seductora esperança, que impelindo as trevas de seu presente, abria tão perto d'ella um futuro feliz, esmaltado por todas essas idealidades, felizes como os amorosos sonhos d'aurora, com que a caprichosa fortuna soe ataviar suas consoladoras illusões; apresentando á alma celestes momentos, em que ella docemente se-devanêa toda, de tanto que se embevece nas delicias de seu tão encantado futuro!..

E todos esses trabalhos, essas improbras lidas, esses sobrehumanos esforços, essas suaves illusões, essas bellas idealidades tão filhas de sua alma, tão queridas d'ella, e com tanto prazer desveladas, tudo em um momento se-dissipava, como as açucenas

da fonte, como os sorrisos do amor, e como a derradeira esperança do moribundo!

Perdido em sua vida, como o naufrago no meio das ondas, elle arremetteu a um rochedo, aonde lhe sorria a salvação; e ahi, como a onda, que busca o rochedo, de encontro ao qual, com um gemido medonho despedaça seus potentes esforços, sentiu despedaçarem-se suas mais caras, e mais affagadas esperanças! mas a onda sentindo-se repellida pela dureza do rochedo, longe de recuar, de caprichosa, soltando um doloroso sorriso, cinge em um apertado abraço, esmaltado de brancas flôres, ao duro rochedo que tão cruelmente a-repellio! assim elle fez.

Vasconcellos vendo o homem estático, e mudo diante d'elle, dice:

- Já vêdes que chegastes tarde.

- Todavia, senhor, (respondeu o delator) não foi por falta da vontade que não vim mais cedo.

- Acredito-vos muito sincero n'isto.

- Mas ah, senhor! sou bem desgraçado! Sou pobre carregado de filhos, e ameaçado de extrema miseria logo que em nome da fazenda real, para seu pagamento, mandarem penhorar meus bens. Lembrei-me d'este meio para resgatar o pouco que tenho de um seqüestro, e minha familia da fome, e da miseria! Fiado na protecção de v. exc., e na bondade da rainha, não duvidei, nem um instante da minha felicidade!.. chego e... ai de mim!

tudo está perdido! Perdido! chego, e é tarde! E tanto trabalho, tantos incomodos tenho de ver perdidos! tudo, até além d'isto, escapado de ser victima dos salteadores da Mantiqueira, emissarios dos proprios conjurados!

- Emissarios dos conjurados?!

- Sim, senhor.

- Como? Contae-me isso. -

Era o que o homem desejava. Com effeito elle contou fielmente tudo quanto os salteadores lhe-haviam feito, a impostura que elle usou para com elles, e como se-salvou, fazendo-lhes a promessa, que o leitor não ignora. Elle, pois, continuou:

- Ora, tendo eu prommettido aos salteadores entregar-lhes todo o dinheiro cobrado em Minas, que vinha para o Rio-de Janeiro, elles aceitaram minhas propostas com uma condição e era, que d'alli em diante eu me associaria a elles partilhando suas glorias, ou suas penas; fingi aceitar. Então o chefe da quadrilha tomando-me a parte me-explicou que tudo quanto se roubava na Mantiqueira não era para elle chefe, e menos para seus companheiros; que cada um d'elles recebia um salario em proporção de suas proezas, e elle nada absolutamente, contentando-se com qualquer arranjo, que fosse honroso, depois de instalada a republica em Minas; que elles não eram mais que agentes dos conjurados, e que aquelle era um meio fácil, e seguro dos con-

-jurados obterem dinheiro para as despesas da guerra, que a republica sem duvida teria de sustentar a metropole. Que a razão porque matavam a todos os que lhe cahiam nas unhas é porque elle chefe, e muitos de seus camaradas, eram pessoas muito conhecidas em Minas, e por isso matavam os passageiros, dos quaes se-apoderavam para que não fossem por elles conhecidos e delatados. Presumo porém que todos os salteadores, ou quasi todos não sabem que roubam para os conjurados de Minas, pois creio que isto é segredo do capitão, e talvez de mais um, ou dous; de modo que estes dous que comigo vieram de nada sabem segundo posso colligir das respostas que me deram á questões, que com destrezas lhe fiz.\*

- E onde estão estes homens?

- Em uma armazem no caes de Braz de Pina.

- Pois bem, compromettei-vos a irdes com uma escolta prendel-os?

- E já neste momento, senhor.

Dito isto o vice-rei chamou o official da sala, e por elle mandou que requisitasse uma escolta de oito soldados, e um cabo; pouco depois os dous salteadores estavam presos.

---

\* Eis d'onde se originou a noticia de que os salteadores da Mantiqueira eram creaturas ás ordens dos republicanos de Minas, e assim turpou-se com uma tão feia calumnia uma conjuração que só tinha por fito a independência da pátria!

Feito isto o vice-rei disse ao delator que podia retirar-se, afirmando que elle vice-rei nada podia prometter-lhe a respeito de seus intentos; mas que seria seu intercessor perante a rainha, e que ficasse certo de que faria por elle quanto podesse.

No dia seguinte o vice-rei expediu suas ordens ao capitão-general de Minas-Geraes, para que fossem presos todos os indigitados na conjuração, e lhe-desse contas do seu procedimento a respeito.

Tira-dentes, tendo vindo pela nova estrada, achava-se então no Rio-de Janeiro alliciando gente em favor da conjuração: como, não o-sei eu dizer, mas elle soube que todos os planos da conjuração haviam sido denunciado (*sic*) ao vice-rei; e sem mais demora fez-se na volta para Minas.

V.

### **SÓ A MINHA SORTE NÃO?**

Quasi sem descansar, viajando de dia, e de noite, chegou Tira-Dentes a Villa-Rica, e em casa de Domingos Fernandes, (que não entrava na Conjuração, apesar do que diz Southey) occultou-se, e fiado em seus companheiros, esperou que arrebentasse a revolução. Tira-dentes teve a franqueza de dizer a quantos seus consorcios encontrou, o que acabava de passar-se no Rio-de Janeiro. Logo que d'isto soube o major Luz Vaz de Toledo Pisa, nessa mesma noite botou-se para casa de seu irmão o padre vigario Carlos Corrêa de Toledo Mello, e lhe-fez saber tudo quanto havia; este aterrado com uma tal noticia, pediu-lhe com instancia que se-occultasse; mas o intrepido major resolute a sustentar seu posto de conjurado, longe de receiar por si, expediu portadores a todos os conjurados, conjurando-os para que cumprissem seus juramentos, e saíssem com tanta força quanta podessem ajuntar, para affrontarem, e vencerem o perigo que a todos ameaçava.

Os emissarios porém, que da côrte se-haviam partido com as ordens do vice-rei tanto se-tinham

avantajado em marcha, que chegaram a Villa-Rica quasi quando Tiradentes.

Bem conheceu o visconde de Barbacena, logo que recebera as ordens do vice-rei, que sua situação não era das melhores, e que sua bondade, ou philosophia o-tinha deixado em muito comprometido: então para resalvar-se fez partir para Lisboa pela Bahia, uma participação antdatada, relatando circunstanciadamente tudo quanto havia respeito a conjuração, e segundo fôra a denuncia do Snr. dos Reis; e na mesma ocasião organisou-se um processo com anterior autuação. Em quanto o visconde, em seu palacio, muito em segredo assim obrava, seus officiaes, á frente de immensos soldados executavam as outras suas ordens prendendo os conjurados, que então puderam haver. Assim, quando o major de Toledo Pisa enviou suas cartas aos conjurados, já era tarde, que muitos já estavam presos! D'est'arte mui poucos dias depois todos os indigitados na conjuração estavam nas cadêas de Villa-Rica, e alguns innocentes que não souberam da conspiração senão quando entraram para os carceres; todavia, Tira-dentes estava solto, e todos sabiam que elle estava em casa de seu amigo Domingos Fernandes; mas a sua proverbial valentia, sua destreza em armas, seu brio, e extraordinaria coragem, eram, por assim dizer, um antemural que defendia fortemente uma liberdade tão cara! Porem

o visconde de Barbacena, que queria a todo o custo justificar-se, tomou a peito a sua prisão, mas não havia quem a tanto se-atrevesse.

Todos os mais presos foram sepultados em profundas masmorras, incommunicaveis; e assim tudo lhes-foi vedado, o papel, e tinta, o verem, ou fallarem a seus parentes, &c. Olhados como réos de lesa-magestade, não havia para elles nem menor misericordia!

Estava o apaixonado Gonzaga a ponto de ser o pacifico senhor, e possuidor de sua linda Marilia quando lhe-sobreveiu esta funesta catastrophe. Arrancado quasi dos braços de sua amada, privado da liberdade, e da luz, mais morto do que vivo no fundo de uma immunda masmorra, o desditoso poeta devorava a mais amarga dor no meio dos mais dolorosos padecimentos! Do lugar de desembargador da relação da Bahia; do seio de seus amigos, que tanto o-prezavam; do meio de tantos respeitos; do fundo de tão devotadas estimas; do aureo cume de tão seductoras esperanças; dos magicos sonhos de tão devaneados amores; de tão suaves vigílias, de tão encantadoras idealidades; dos ternos, e apaixonados braços de tão encantadora belleza, lançado ao fundo de tão medonho cárcere; acusado do crime de conjurado, crime de lesa-magestade; perdida quasi a esperança de justificar-se, e por isso perdida a da liberdade; devorado de angustias, moido de penas,

e retalhado de ternas, e amorosas saudades, era elle uma deploravel imagem dos mais funestos tormentos!

Occupado sempre de sua Marilia, o saudoso, e desgraçado poeta não vivia, e não pensava senão por ella! Oh! quantas vezes não desejava elle desabafar suas dôres nos suspiros dolorosos de suas ternas poesias! Oh! e esses ais tão tristes, que o desventurado poeta soe gemer nas frouxas cordas de sua lyra são tão ternos, tão consoladores e tanto alliviam o coração que soffre, que ser mais não podem! Mas como assim alliviar-se elle, si o papel, si a tinta lhe são tão barbaramente negados! Mas, Amor, que não saberás tú, que não poderás, quando entre dous corações, que se-amam intentas trocar as queixas, os suspiros, e as tão ternas mágoas?

E com effeito, o poeta achou meios para que um dia não só sua amada, mas todo o mundo lêsse os gemidos, e as dores de seu coração; a haste de uma laranja lhe-serve de pena, o fumo da candêa lhe-é tinta, e a parede de seu carcere bem que um tanto escura é escura é uma vasta folha de papel em que deposita, e transmite á prosperidade os seus mais dolorosos pensamentos! Elle mesmo nos revelou este triste segredo dizendo em uma de suas lyras:

Á fumaça, Marilia, da candêa,  
Que a molhada parede ou suja, ou pinta,  
Bem que tosca e fêa,  
Agora me-póde  
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:  
Elle me diz que faça no pé de uma  
Má laranja ponta,  
E d'elle me sirva  
Em lugar de pluma.

Entretanto resta declarar n'este logar que Gonzaga protestou sempre por sua innocencia, e até findava n'ella uma tal e qual esperança. Quem sabe? Não falta quem diga que o cantor de Marília não era conjurado de coração, e que o unico motivo porque assistio ao convite dos conjurados, era para dissuadil-os do seu intento, porque elle mais que ninguem conhecia a difficuldade de levar-se um tal plano a effeito. Elle mesmo declarou no seu interrogatorio que quando aconselhou ao Visconde de Barbacena para pôr em execução a lei da derrama, foi para mostrar aos conjurados, que esse mesmo povo com quem tanto contavam para a revolução, irritando-se logo que a dita lei se publicasse, murmuraria, sim, mas que se não atreveria a romper contra a lei, e muito menos contra o governo. Como seja, ha muito quem hoje acredite na innocencia do poeta; e elle protestou por ella sempre com afinco. Eis suas palavras em uma lyra:

Venha o processo, venha;  
Na innocencia me fundo:  
Mas não morreram outros,  
Que davam honra ao mundo!  
O tormento, minh'alma, não recuses:  
Á quem sabio cumprir as leis sagradas  
Servem de solio as cruces.

Tu, Marília, se ouvires,  
Que ante o teu rosto afflicto  
O meu nome se ultraja  
Como supposto delicto,  
Dize severa assim em meu abono:  
*Não toma as armas contra um sceptro justo  
Alma digna de um throno.*

Entretanto o triste acreditava que a calúnia era que o perdia.  
Tal é o que elle diz n'esta outra lyra:

Esprema a vil calúnia (*sic*) muito embora  
Entre as mãos denegridas, insolentes,  
Os venenos das plantas  
E das bravas serpentes.

Ou seja porêem que os crimes de lesa-magestade davam que  
entender n'aquelle tempo, ou que elle desconfiasse de algum  
poderoso inimigo, ou ainda, que não confiasse até na sua innocencia,  
pois que era apontado, como chefe dos conjurados, o certo é que em  
não poucos logares mostra-se túbio, e desconfiando de sua situação,  
acreditando que tudo soffrerá mudança, excepto a sua morte. Eis aqui  
um d'esses lugares:

Qual eu sou verá o mundo;  
Mais me dará do que eu tinha,  
Tornarei a ver-te minha:  
Que feliz consolação!

Não; hade tudo mudar-se,  
Só a minha sorte não!  
- Só a minha sorte, não! -

Eis o como o doloroso vate termina esta sua tão bella e tão  
maviosa lyra! – Só a minha sorte, não!

– Pathetico rasgo da desesperação de uma alma intimamente lacerada, que no pelago de infortunios em que naufragada sobreagua, e não vê praia de salvação, não vê um rochedo a que se apegue, não vê enfim uma taboa a que se-agarre! Ai de quem no meio de todos os tormentos, que podem flagelar o coração humano, tem perdido a esperança! Ella, que tão adrede sabe esmaltar nossos infortúnios, ella, que doura os nossos males presentes com imaginados allivio (*sic*) futuros! ella, que em nossa dôres é o unico linitivo, o unico refugio, e unica consolação, escapada de nossa alma, que refugio encontraremos aos nossos crueis tormentos!

Não, elle não tinha ainda perdido a esperança; eram rasgos dolorosos da cabeça ardente do poeta que soffre!

E o que é um homem sem esperanças? por sem duvida um objecto bem triste. Tão triste como um jardim sem flores? mais. Como um céu sem estrellas? mais. como um navio sem mastros, sem leme, no meio das tempestades? mais. Como um preso sentenciado á morte? mais. Como a penultima hora do moribundo? Mais. E então como o que? Como no tumulo o corpo de um finado, porque a esperança é a vida do homem!

## VI.

### TU SERÁS VINGADO.

Euryalo, e Niso souberam ser fieis amigos; não admira, a egualdade podia bem unil-os; um soube pelo outro morrer! isto é bello, mas não ainda sublime. Pylades e Orestes disputaram entre si a gloria de morrer um pelo outrem, salvando um amigo a vida de seu amigo; tambem não havia entre elles desigualdade de condições; e pois eram iguaes amigos, e seu sacrificio era bello, mas não sublime! E aonde encontrareis vós um escravo tão amigo de seu senhor que por elle se vote a toda a sorte de soffrimentos, e a mesma morte, si a morte fôr precisa? Ver um escravo preto amigo de seu senhor, branco, e amigo até o sacrificio da propria vida... Si um tal milagre apparecer isto será não só bello, como até sublime! Tanto amor em tanta desigualdade! Como? N'um tempo em que o positivismo anniquila os mais doces affectos; n'um tempo em que a impostura tem refalsado todos os corações, em um mundo tão máo, uma amizade angelica? um amor de virgem em coração de homem, e homem escravo? uma fidelidade suprema! E aonde? Ide á Villa-Rica, entrae o carcere do tenente-co-

-ronel Domingos de Abreu Vieira, que ahi vereis junto d'esse illustre preso um escravo seu!

Apenas Vieira foi preso, e encerrado em uma enxovia, um preto apresenta-se no palacio do governo pedindo que queria fallar ao Snr. capitão-general. Ninguem ia ao palacio do visconde de Barbacena para fallar-lhe que voltasse sem o fazer; e por isso o visconde mandou conduzir a sua presença o preto: este apenas chegou diante do visconde atirou-se-lhe aos pés exclamando:

- Meu senhor!..

- O que quereis, filho? (dice-lhe o visconde).

- Meu senhor, que está preso.

- Quem é teu senhor?

- É o Snr. tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira.

- Rapaz, eu não posso mandar soltar teu senhor.

- Bem sei, meu senhor, bem sei... Quero que meu senhor me dê licença para eu estar com elle preso.

- Como, filho! quereis estar com elle preso?

- Sim, meu senhor, quero.

- Teu senhor tem de estar preso muito tempo.

- Não importa.

- Teu senhor será degradado por toda a vida.

- Irei com elle.

- E si elle morrer enforcado?

- Morrerei tambem.

- E não receias os máos tratos do carcereiro?

- Em companhia de meu senhor eu soffrerei tudo com gosto.

- Filho, vê bem o que me-pedes.

- Eu sei bem. Nada importa. Meu senhor é velho, e doente, e sem mim para tractal-o morrerá abandonado. Meu senhor foi sempre meu pae, e hoje que elle está perdido, hoje que elle não tem ninguem por si, não hei de eu ser seu filho? Que será d'elle sem ter quem o-tracte na prisão? Ah! senhor! pelo amor de Deus, eu quero estar com meu senhor!

Isto dizia o escravo chorando e abraçado com os pés do visconde. O visconde compadecido ao ultimo ponto chamou um ajudante de ordens, e por esse mandou introduzir o escravo na prisão do tenente-coronel Vieira! O visconde vendo sahir o escravo, que o abraçava, e lhe-dava mil agradecimentos, exclamou com os olhos rasos de agoa:

- Feliz quem tem um amigo como este escravo!

Com effeito o escravo foi recolhido á cadêa em que jazia seu senhor, onde ficou com elle todo o tempo que estava preso.

Já a este tempo achavam-se presos todos os que eram indigitados na conjuração, além d'estes, al-

-guns que d'ella não sabiam. Faltava porê m um, e este era Tira-dentes.

“Dá-se um avultado premio a quem prender Tira-dentes.” Era voz geral em quasi toda a capitania de Minas-Geraes. “Dá-se um premio a quem prender Tira-dentes.” E comquanto exaggerassem o valor d'este premio, nem por isso ninguem se atrevia, nem por isso ninguem se attentava a elle. Todos sabiam que Tira-dentes estava em casa de Domingos Fernandes, todos o-diziam, e ninguem se-afoutava a lá ir. E entretanto o visconde apparentava desejos de sua prisão, si seus desejos eram todavia só apparente ou reaes, só Deos, e elle o-sabiam. Assim estavam as cousas, quando um homem apresentou-se ao visconde dizendo:

- Estou prompto a ir prender Tira-dentes.
- Vós? (dice o Visconde encarando-o fixamente).
- Eu mesmo.
- Vêde que elle é valente.
- Eu o-conheço.
- Pensastes bem no vosso empenho?
- Muito.
- E o que quereis?
- Uma escolta.
- De quantos homens?
- De dez, ou doze.
- Dar-vol-a-hei de vinte.

- Não são precisos tantos, mas aceito.
- E que mais quereis?
- Nada mais.
- Dá-se-vos um premio.
- Eu o-receberei das mãos da rainha.
- Eu tambem posso dar-vol-o.
- Agradeço-vos, senhor.
- Pois não o-quereis receber de minhas mãos?
- Por ora, senhor, não quero sinão que me deixeis prestar este serviço a S. M. a quem sirvo com muito gosto.
- Pois bem; parti, e sede feliz.

Dito isto o homem recebeu uma escolta de vinte praças, e posto á frente d'ella seguiu para a casa de Domingos Fernandes.

Era noute, quando a escolta chegou ao ponto de seu destino, e tendo chegado sem que fosse percebida, o commandante d'ella, sem fazer o menor rumor, poz a casa em apertado cerco. Feito isto o chefe da deligencia bateu á porta: alguém de dentro perguntou quem batia, e o chefe respondeu:

- Abri a porta da parte de Sua Magestade. -

Domingos Fernandes, que estava em casa, sentiu-se estremecer debaixo de um horrivel calafrio; uma pallidez mortal se estendeu por sobre seu rosto; seus olhos ficaram pasmados, e foi tal o susto que d'elle se apoderou que mais parecia um defunto, do que um homem vivo.

Tira-dentes nem disto se apercebeu; impassível, tranqüillo, indifferente a este acontecimento, que ameaçava sua liberdade, e talvez sua vida, elle não mostrou nem o menor receio. Levantou-se, caminhou para uma alcova, e ahi cingiu um cinto com duas pistolas, do qual pendia também uma comprida faca, e armando uma clavina dirigio-se á porta em que batiam, e abriu. Outro que não fosse Tira-dentes teria apagado a luz, e então ninguem seria capaz de acometter a entrada; mas o impavido abriu a porta, e bradou:

- Podeis entrar. -

Elle dice, e recuou até ganhar o ângulo da sala, ao qual recostou-se, tendo nas mãos sua clavina armada, e engatilhada para o que podesse acontecer.

Quando Tira-dentes abriu a porta e disse “podeis entrar” houve um murmurio geral entre os soldados, e alguns se-entrediceram com voz muito baixa, e medrosa:

- É elle! (exclamaram uns).

- É Tira-dentes! (diceram outros).

Durante um, ou dous minutos tudo ficou envolvido em sepulchral silencio, e Tira-dentes sempre na mesma posição; por ultimo um homem se-avançou, e entrou a casa; era o chefe da diligencia: este apenas viu Tira-dentes dice:

- Estaes...

Tira-dentes levou sua clavina ao rosto para disparar; e o cabo da deligencia sem mostrar o menor receio dice:

- Atirae... Tendes uma clavina e duas pistolas, e com estas tres armas matareis a tres pessoas. Esta casa está cercada por mais de cincoenta homens, e bem armados; e a cada um d'estes se-prometteu um premio pela vossa prisão; todos estes homens pois tem posto a peito o levar-vos preso. Vêde bem; si matardes a mim, e a mais dous, ou tres, e ainda a mais dez, nem por isso escapareis aos outros. Estaes pois preso por ordem da rainha nossa senhora. -

Tira-dentes a este tempo ignorava ainda a prisão de seus amigos, e companheiros, e suppunha que seu plano não estava de todo perdido. Affagado por este doce engano, tinha visto entre seus cumplices alguns tão devotados á causa da republica, tão cheios de fogo, e de ardor, que acreditava piamente que cada um d'elles por seu lado reunia gente para levarem seu plano a effeito, e vingarem o insulto feito á tão querida patria!

Cheio d'este pensamentos, n'este angustioso transe em que via, de um lado o cárcere, e d'outro a morte, julgou por melhor não arriscar sua vida n'uma lucta em que teria de haver-se só com mais de cincoenta homens, tendo para si que sua prisão seria de pouco tempo. Todos estes pensamentos

(como elle depois dice) passaram pela sua cabeça; e assentando consigo entregar-se á prisão, e viver pela patria, encarando o chefe da escolta dice:

- Houve um tempo em que tremulo, e pallido não te-atreveste a lutar comigo corpo a corpo... Em teu nome tiveste medo de mim... Hoje vens lutar comigo seguro, porque vens em nome da rainha! Valha-te esse seguro! Tambem a tua morte de nada me-serve, e por isso me-entrego: estou preso pois.

- Bem sei (respondeu o chefe da escolta) que estou em uma divida contigo; mas eu a-pagarei breve... sim, e a-pagarei... E no dia em que te mostrar que paguei a divida em que estou para contigo, conhecerás si sou, ou não capaz de bater-me contigo corpo a corpo, sem o seguro da rainha nossa senhora.

- Já te dice que estou preso. Acceito todos os teus insultos, porque confio em Deos que algum dia t'-os-retribuirei com mais fel!.. Tu me-tens feito beber golpe a golpe até a ultima calis dos insultos, e eu farei que tambem minha espada beba, golpe a golpe até a ultima gotta de teu sangue... -

Disto isto, elle depoz sua clavina, e assim todas as armas que tinha; entrou para uma alcova, vestiu-se e sahindo prompto dice:

- Estou prompto para acompanhar-vos.

- E eu para conduzir-vos.

Dice o commandante apresentando-lhe uma grossa algema.

- Dai-me os braços – (dice elle).

- Os braços? e para que?

- É assim que me-deveis acompanhar.

- Não me-entreguei eu á prisão sem vos resistir?

- É assim que me-deveis acompanhar.

- Sois um infame.

- Dai-me os braços...

- Covarde...

- Covarde és tu que antes queres morrer no cadafalso, como um infame, do que como um homem de brio defendendo a liberdade e a vida...

- Já estou desarmado... já estou desarmado!..

- Quando entrei n'esta casa eras um cabide de armas...

- E, si eu ainda o-fosse não me-apresentarieis uma algema, pedindo-me os braços.

- Dai-me os braços...

- Não quero.

- Aqui não ha – não quero –. Si te não algemar por bem, será por mal. Escolhe, pois. -

A este tempo já alguns soldados da patrulha haviam entrado para a sala, e testemunhavam esta scena.

O commandante da patrulha dice então:

- Bem vez que tenho bastantes soldados á mi-

-nha disposição: os que estão presentes são se sobra para te-amarrarem de pés e mãos, como um porco, e te-porem sobre um cavallo, onde te-amarrarão d'encontro a sella; si pois te não deixas algemar por bem, serás algemado por mal.

- Pois manda os teus soldados, infame! manda... e ai d'aquelle, que á mim se-approximar.

- Chegae, amarrae-o – (bradou o cabo da diligencia).

- O primeiro, que chegar morre... -

Dice Tira-dentes, tirando de sua cinta uma faca curta. Os soldados, que tinham feito movimento de investirem, recuaram medrosos diante d'este arrojo.

- Vem tu, miseravel... vem, desprezivel... -

Domingos Fernandes, que as este tempo se-havia recobrado da especie de lethargo, que tivera, agitando-se no banco em que se assentara, bradou:

- Que fazeis, Joaquim?.. Entregae-vos.

- Nunca!.. -

A figura de Tira-dentes era medonha, e ao mesmo tempo solemne! Parecia que todo o seu sangue havia acudido á periferia, tal era o rubor que partia de suas faces! Seus olhos scintillavam abrasados no fogo de sua ira, e os movimentos d'estes dous olhos eram, como dous relampagos! As contracções de seus systema muscular excitadas pela colera revelavam a prodigiosa força d'aquelle corpo gigantesco! Dir-se-hia que a morte que elle com tanto heróis-

-mo sopesava na ponta da sua faca, bafejando seu rosto, e seus olhos com seu temeroso halito, lhe-havia dado um ar terrível, e ao mesmo tempo solenne! Causava vedo o vel-o, e entretanto elle estava de um modo admiravel!

O commandante da patrulha a principio pareceu receiar diante de tanto perigo; mas como animado pelo par de pistolas, que em seu cinto tinha, dice:

- Pois bem, tenho ordem de levar-te algemado, ou a tua cabeça; escolhe, si queres ir vivo em ferros, ou que te-mate, e leve a tua cabeça. -

E dizendo assim, engatilhou uma pistola, fazendo a pontaria ao peito de Tira-dentes.

- Atira!... -

Bradou Tira-dentes com força.

Apenas elle disse isto, um vulto embrulhado em um capote, tendo o rosto coberto com uma panno de seda preta, voou de uma alcova visinha, e suspendendo a pistola do cabo da diligencia, bradou com voz estrepitosa:

- Espera!... -

E chegando-se ao ouvido de Tira-dentes dice mui baixo:

- Entrega-te... Tu serás vingado... -

Si este sujeito, quem quer que fosse, já estava em casa de Domingos Fernandes, ou si entrou n'esta occasião, ninguem o-sabe, ninguem o-soube

ainda hoje! É um mysterio! Si Tira-dentes o conheceu tambem não se sabe! É outro mysterio! O commandante da patrulha não o-conheceu. O que é porêem verdade é que Tira-dentes deixou cahir a faca. e estendeu os braço para o cabo da diligencia, que immediatamente o-almemou!

A patrulha conduziu o preso para a cadêa de Villa-Rica, aonde entrou sendo dia; e Tira-dentes atravessou as ruas da Villa algemado no meio da escolta, infamia esta de que o commandante da diligencia se-ostentava, mostrando a todo o mundo o seu prisioneiro algemado, como seu trophéo! alardeando-se no meio de uma estúpida vangloria!

N'esse mesmo dia Domingos Fernandes tambem foi preso! Quanto ao vulto, que se não sabe quem era, vendo sahir Tira-dentes algemado, dice:

- No dia em que elle cumprir a palavra que te deu, Tira-dentes, tu serás vingado!-

---

\* Nesse ponto, há mudança de página, entretanto houve erro tipográfico e o volume possui duas páginas n. 72.

## VII.

### **SALVO! ESTÁ SALVO MEU FILHO!**

Está se organizando o processo dos presos implicados na revolta de Villa-Rica; moroso vae elle, e estes presos jazem em sombrios carceres, e ai d'elles!

Tira-dentes depois de atravessar as ruas de Villa-Rica foi recolhido a uma enxovia, e na ocasião de a entrar soube que todos os seus companheiros estavam presos; todos, afora um, e esse um era aquelle, que na ocasião de ser elle preso lhe-dicera ao ouvido: “Entrega-te, tu serás vingado!”

Esta mysteriosa apparição, este dito d'este personagem eram partes para acoroçoar Tira-dentes, e elle acreditou no mysterioso vulto, e cançou de esperar. Assim, embalado por essa doce, e lisongeira esperança se-foram esgotando os dias; passaram-se dez, quinze e vinte, e afinal passou-se um mez. A esperança foi abandonando o coração do bravo, e felizmente para elle a resignação a-foi substituindo; passaram-se dous mezes, e por ultimo tres. A esperança da patria o abandonou totalmente, e só lhe-restou a esperança da vida, e esta quem sabe si seria por elle verdadeiramente affagada!

E o homem mysterioso? elle havia desaparecido?

O leitor sabe, pela lista dos conjurados, quem elles são; sabe que eram as principaes pessoas de Minas, onde figuravam por seus talentos uns, pelo seu saber outros; e os que não figuravam por isto, figuravam por suas riquezas, e posições.

Não muito distante da Villa-Rica possuia uma pequena situação um homem, que não tinha mais de dez escravos, que lavravam suas terras, cujo producto chegava sufficientemente para sua subsistencia.

Retirado do mundo, vivia quasi uma vida de solitário: mais pae do que senhor de seus escravos, estes não tinham para com elle senão o nome de escravo, e o encargo de trabalharem em commum com seu senhor, para a sustentação de todos.

Xavier, nome porque era conhecido, tinha cursado as aulas com o exito o mais feliz possivel, e tendo adquirido perfeitamente todos os preparatorios, seguiu para Europa onde aprendeu varias lingoas, e formou-se em philosophia, e direito. Tres dias depois que Xavier obteve sua formatura recebeu cartas de seu pai em que lhe noticiava a morte de sua mãe; e por este tempo achava-se elle embarçado em uma intriga amorosa, e contractado para casar-se com uma linda e amavel conimbricense. Elle amava e era amado com amor indomito, solemne, e invencivel! indomito, como amor de um

sultão, solenne, como amor de poeta; e invencível, como o de um pastor! Decorreram-se quatro mezes sobre a morte de sua mãe, e findos elles Xavier se-foi receber com a formosa Leonor.

Os noivos voltaram do templo, e na occasião que tiravam á noiva o vestido nupcial, ella foi acometida de um ataque apopletico; tres dias depois o céo recebeu uma esposa virgem, e Xavier, sem ter gozado os doces encantos do hymenêo, se-lamentava viuvo! Pouco depois o infeliz esposo voltou á patria, onde achou seu pae morto, e quasi todos os seus bens em poder de credores. Uma pequena situação, e dez escravos foi o resto das riquezas de seu pae; e n'esta situação era aonde passava seus dias depois de seus infortunios. Entretanto todos sabiam de sua capacidade, e era geralmente estimado, e reverenciado como um sabio.

Xavier era ainda parente de Tira-dentes, e quando este começou a tramar a conjuração fez-lhe sciente, e até o-levou a uma das sessões dos conjurados: mas adoecendo Xavier, não appareceu mais na casa das reuniões dos conjurados até que estes foram presos. Todavia logo que Xavier ficou bom saiu em uma noute de sua situação, e encaminhou-se para a Villa; logo que chegou a ella, deixou seu cavallo em casa de um amigo, e com tenção de ir a casa dos conjurados foi lentamente dando o andar para as margens do Corrego: porêm muito an-

-tes de lá chegar occultou-se em uma das montas, aonde lhe-foi preciso estar alguns segundos; e como elle alli estava viu vir dous vultos encaminhando-se para o mesmo logar, e vendo-os, occultou-se o mais que pôde, para ver se os-conhecia. Os dous pararam junto da monta em que se-achava Xavier, e continuaram com a sua conversa. Conversaram largo tempo, e despediram-se um do outro. Um d'estes dous vultos era o Snr. dos Reis; e o outro? Apenas despediu-se do Snr. dos Reis, botou-se para a casa do Snr. de Brito, e saindo d'ahi, montou a cavallo, e seguiu para o Rio-de Janeiro aonde veiu denunciar tudo ao vice-rei. Xavier conheceu a ambos perfeitamente; e ouviu perfeitamente tudo quanto disseram.

Xavier, apenas os dous vultos se retiraram, dirijiu-se para casa de Tira-dentes; este tinha partido para o Rio-de Janeiro. Sabendo d'isto, deixou dito em casa de Tira-dentes que logo que elle chegasse lhe-fosse fallar. Parece que Xavier tinha importantes segredos que revelar a Tira-dentes, e só a elle: e então calculou que teria tempo para suas revelações antes que alguma cousa soasse a respeito da conjuração. Xavier enganou-se, que antes da volta de Tira-dentes para Minas, a mór parte dos conjurados foram presos.

Voltemos aos carceres d'estes illustres, e desditosos presos.

É noute, e noute de tempestade. Uma muralha de nuvens rouba o céu ás vistas da terra. Nos ares emmaranham-se relampagos; os raios cruzam-se de uma a outra parte, e o céu parece despedaçar-se aos golpes de temerosos trovões! Chove, e chove muito; venta, e venta desabridamente!

A cadêa de Villa-Rica está atopetada de presos, e presos réos de diferentes delictos, mas a desgraça da prisão confunde a todos; não obstante, alguns presos mais graves estão separados da multidão, e d'estes presos mais graves uns seis estão em separado, cada um no seu carcere; estes são Tira-dentes, o tenente-coronel Freire de Andrade, o Dr. José Alves Maciel, o coronel Dr. Ignacio José de Alvarenga, Gonzaga, e Claudio Manoel da Costa; a posição que tinham na sociedade, a reputação de que gosavam, e sua influencia eram partes para que estivesse cada um em sua enxovia, e incommunicaveis.

E pois é a noute e noute de tempestade! A borrasca é tremenda, e ninguem ousa affrontal-a! São onze horas pouco mais ou menos, e a taes deshoras, e com tal noute, ninguem ousa sair: ninguem? sim, ninguem, pois que todos se-temem, e desconfiam uns dos outros. As ruas estão solitarias, excepto em roda da cadêa, aonde divagam vigilantes sentinellas que guardam os presos. O silencio da noute é medonhamente quebrado pelos espantosos gemidos

da procela; sua obscuridade horrorosa trahida apenas pelo fogo do raio! a não serem os bramidos da tormenta a mudeza da villa seria completa, afora dentro, e em redor da cadêa! Em redor eram os gritos dos sentinellas que mutuamente se-gritavam: “Alerta... Alerta!!!” Dentro, era o retinir das cadêas, e alguns ais abafados, como partidos de corações despedaçados, mas esperançosos ainda!

Ninguém, pois, vagava nas ruas... ninguém? Não, que por entre o manto da tempestade se-escoava furtivo um vulto, que cuidadoso tomava a peito a manutenção do seu mysterioso divagar em hora tão deserta, e em noute tão desolada!

Nem a tempestade apavorava seu coração, nem a hora lhe-causava medo. E como, si elle tinha em si mesmo outra tempestade maior do que aquella que ora bramia nos céos?! E a tempestade do seu coração respondia á tempestade da natureza! Elle acompanhava os trovões do céu com ais de seu coração; aos relampagos com seus suspiros; e á chuva com suas lagrimas. E a borrasca do céu gemia com todos os horrores da irritada natureza, e a borrasca de seu coração bramia com todos os horrores de sua intensa dôr! E o que tem o solitario de uma hora da noute? e o que importa a sua negridão? Seu coração era mais solitario do que essa hora tão solitaria! Seu coração era mais negro do que essa hora tão negra! E elle caminhava sempre,

caminhou até a cadeia: perto o sentinella bradou:

- Quem vem lá?

- É de paz. -

Assim respondeu o vulto, aproximando-se sempre; mas o sentinella bradou com força:

- Passe de largo. -

A dez ou doze passos do sentinella parou o vulto dizendo:

- Senhor camarada, desejo fallar ao carcereiro. -

A voz parecia de mulher. O soldado respondeu então.

- Pois espere. Cabo da guarda (bradou elle para dentro).

- Prompto. -

Disse o cabo da guarda, e appareceu dizendo:

- O que é?

- Aquelle vulto, que alli está (dice o sentinella) quer fallar ao carcereiro. -

O cabo saiu fora, e dice para o vulto:

- Chegue cá. -

O vulto chegou-se, e o cabo fazendo-o entrar para uma sala dice-lhe:

- O carcereiro mora ahi, e dito isto, bradou para dentro:

- Senhor carcereiro, aqui lhe querem fallar.

Dice, e saiu: o vulto ficou a sós. Pouco depois veio o carcereiro, e elle achou-se diante de uma mulher, que, segundo se sabe, tinha cincoenta a sessenta annos, mas robusta. Ella estava decentemente vestida, e sue cabello soffrivelmente arranjado. Em seu semblante estavam desenhados os signaes da mais vida dôr; seus olhos estavam inflammados; não obstante seu rosto era agradável, e ao mesmo tempo magestoso. Logo que ella se viu só com o carcereiro dice-lhe:

- Bom homem, vós não me-conheceis?

- Não; só para vos-servir (dice o carcereiro com máo humor).

- Sou uma mãe bem desgraçada!

- Já vejo que sois mãe de algum preso?

- Sim, de um preso.

- E de qual?

- De Claudio Manoel da Costa...

- É um dos taes republicanos... Oh!..

- Julgais que é grande o seu crime?

- Horrroso, horrroso!...

- Tendes razão... é muito horrroso o seu crime.

- É muito horrroso, muito. Era melhor que não disseses que elle é vosso filho.

- E, si elle fosse vosso filho, ou algum dos presos, réo do crime da conjuração, negarieis que...

- Ei... ei... Isso não se pergunta. Não queria saber de um tal filho. Nem por cousa nem-uma.

- Sois bastante severo...

- Eu cá não dou quartel a revolucionarios. Todos elles merecem a forca.

- Sois filho d'aqui?

- Não; sou de Portugal; e um vassallo muito honrado.

- Mas vosso Portugal pertenceu n'outro tempo á Hespanha, e vossos pais fizeram a sua separação; e foram heroes porque venceram; se fossem vencidos, não passariam de rebeldes e revolucionarios mas em todo o caso vossos paes, segundo dizeis, não foram honrados. Que respondeis?

- Senhora, tenho mais que fazer.

- Tambem não vos-venho tomar o tempo. Só quero de vós um pequeno favor.

- Que quereis então? dizei, dizei.

- Que me deixasseis fallar a meu filho por um instante.

- É impossivel.

- Mas impossivel porque?

- Porque está incommunicavel.

- Bem o sei: mas vós me podeis fazer este favor.

- Não posso, não posso.

- Vós não tendes filhos?
- Tenho, mas meus filhos não são revolucionarios.
- Eu podia obter uma ordem do Snr. visconde para ver meu filho, porêm...
- Pois ide, ide buscar essa ordem.
- Mas vós podeis fazer-me esse favor, independente disso.
- Não posso, já vos dice; não posso.
- É preciso que sejaes muito cruel.
- Sou, sou muito cruel.
- E não vos-compadeceis das lagrimas, e angustias de uma mãe tão attribulada? Pelo amor de Deos deixae-me ver meu filho.
- Já vos-dice que não posso.
- Oh! é muita crueldade!
- São as ordens que tenho.
- Mas ninguem saberá d'isto; eu vol-o juro.
- Sabeis que mais? vosso filho está perdido e eu não quero me-perder com elle, ouviste? Ide-vos embora pois.
- Sem ver meu filho?
- E então? e então?
- Vós tereis compaixão de mim!..
- Se não saies, eu vos-agarro pelo braço, e vos-lanço na rua.
- Vós sereis capaz de tanta crueldade?
- E já neste momento.

- Pois nem os cabellos de uma mulher velha, nem as lagrimas de minha desgraça, nem a dôr de uma mãe tocam o vosso duro coração?

- Mas eu estou aqui para guardar presos e não para compadecer-me, e saí, saí.

- Não saio... Heide ver meu filho!... -

E ao passo que a pobre mulher assim fallou com varonil desembaraço, um punhal brilhou em sua mão!

- Oh!... oh!... -

Exclamou o carcereiro recuando cheio de medo.

- Cio... Nem meia palavra... ou cahes n'este momento ferido por este ferro! Quando as lagrimas de uma mãe não podem abrandar um coração de pedra, o ferro o abranda. Miseravel, vil, mortal desprezivel... não quizeste ceder ás supplicas e lagrimas de uma dôr santa, cede ao temor, e ao medo d'este ferro. Leva-me á prisão de meu filho.

- Mas a prisão de...

- Leva-me ou morres!... -

Disse a respeitavel matrona, erguendo o punhal, e investindo para elle.

- Socegae-vos... Sinão vêde que grito (disse o carcereiro).

- Mas quando te-vierem soccorrer já estarás morto...

- Emfim, eu tenho pena de vós; dizei o que quereis?

- Que me-leves á prisão de meu filho.

- Mas...

- Nem mais uma palavra... Caminha. -

O carcereiro sem dizer palavra tomou uma lanterna, e seguiu por um estreito, e comprido corredor; no fim d'elle havia um salão; ahi, sempre acompanhado da mulher, entrou em um quarto, e tirando d'algibeira uma pequena chave, abriu com ella uma caixa, d'onde tirou uma porção de chaves presas em um cordel; com ellas saiu, e depois de atravessar outro corredor no fim d'elle abriu uma porta, e entraram para uma pequena sala; ahi abrindo ainda uma porta, dice á mulher:

- Alli está vosso filho. -

Dice e saiu, fechando a porta.

O carcereiro ficou fóra pensando no caso; segundo elle dice depois ao visconde de Barbacena, teve impetos de deixar a mãe presa com o filho; lembrou-se de n'aquella mesmo hora ir ter com o capitão-general, mas temendo as achincalhões que soffreria por se-deixar assim ser ludibriado por uma mulher, conteve-se, e dice de fóra:

- Quando acabardes de conversar com vosso filho, batei á porta. -

Dizendo isto o carcereiro saiu, e sentou-se em um banco da sala, um tanto longe da porta do carce de Claudio Manoel da Costa. O illustre preso dormia tão profundamente que nada ouviu do que

se passava em torno d'elle. A velha, á fraca luz de uma negra candeia vendo o filho dormindo sobre uma barra, cruzou os braços, e começou a contemplal-o em silencio. Apenas dous fios de lagrimas corriam de seus olhos; n'esta postura ella conservou-se uns dous minutos. O carcereiro estendido no banco dormia, e dormia a bom dormir. A velha aproximando-se a seu filho, acordou-o brandamente. Claudio levantou a cabeça e vendo sua mãe saltou da barra, e voando a ella com os braços estendidos bradou:

- Minha mãe!!!

- Meu filho!!! -

E apertados entre seus braços durante dous minutos, nem a menor palavra; apenas lagrimas, e apenas soluços!

Nem mais era preciso! não, que as lagrimas de um filho correndo sobre o coração de uma mãe, as lagrimas de uma mãe correndo sobre o coração de um filho, é uma linguagem, que de pura, de santa, de eloquente que é, sem ser profanada pelas miserias da terra, entendida, e explicada por todos, eleva todos os corações dos que testemunham tão terna, e tão dolorosa scena, ás misericordias do Senhor!

- Minha mãe, que vieste fazer?

- Todos estão presos!

- Todos?

- Sim, todos.

- Tira-dentes?  
- Preso.  
- Freire de Andrade, José Maciel e Alvarenga?  
- Presos!  
- E o sargento-mór Toledo Pisa, e Oliveira Lopes, e o tenente-coronel Abreu Vieira?  
- Presos!  
- Oh! e Xavier, o sabio Xavier?  
- Não se sabe d'elle.  
- E o Gurgel, o capitão Costa, seu filho, o Dr. Vidal de Barbosa Lage, Gonzaga, e Vieira da Motta?  
- Presos!  
- E o coronel Ayres Gomes, Costa Rodrigues, Gonsalves Velloso, Fernando José Ribeiro, o capitão Dias da Motta, o conego Luiz Vieira, e o vigario Carlos Corra?  
- Presos!  
- Presos!... todos presos! E o padre Manoel Rodrigues da Costa?  
- Preso!  
- E o padre Lopes de Oliveira?  
- Preso!  
- Preso! Todos presos! A todos ferio o anathema funesto!

- Além d'estes, ainda ha mais presos.

- Quaes? quaes, minha mãe?

- O capitão Manoel Joaquim de Sá Pinto Rego Fortes, Franciso José de Mello, Manoel da Costa Capanema, Faustino Soares de Araujo, João Francisco das Chagas, Manoel José de Miranda ,e Domingos Fernandes.

- Tambem estes?.. e tambem estes!.. E o povo? o povo? que faz o povo?

- Sente vossos infortúnios, e applaudirá vossas mortes.

- Applaudirá nossas mortes?.. o povo!...

- O povo gosta de espectaculos, meu filho! e para elle suma corrida de touro, ou a degolação de um criminoso, réo de alto crime, são espectaculos...

- Oh! povo vil! povo d'escravos!

- O povo grita contra a opressão e a tyrannia; e vendo morrer, ainda um innocente, immolado á satisfação dos tyrannos, solta vivas á tyrannia!

- Oh!.. si os reis governassem por si mesmos.

- Os povos viveriam contentes, é verdade mas aquelles que cercam os reis para manterem suas posições é preciso que sejam oppressores.

- Entretanto o povo os soffre! O povo!...

- Entretanto tens tu pensado no teu crime?

- É um crime de lesa-magestade!

**Erro tipográfico; falta a página n. 88, passa-se da 87 para a 89.**

- É um crime para o qual não ha misericordia!
- Eu o-sei.
- E o cadafalso?
- Oh! o cadafalso! o cadafalso!...
- Uma morte publica?
- Sim, uma morte publica!
- A vergonha da mão do carrasco!
- Oh! meu Deos!
- A infamia sobre o teu nome!
- Minha mãe!..
- A affronta a todos os teus!
- Minha mãe, vós acreditais que eu sou um criminoso?
- Não: acredito que és um nobre martyr de tua patria, e uma illustre victima do teu santo patriotismo!
- Mas a lei chama a isto um crime...
- Sim, chama.
- Logo, eu tenho um crime perante a lei.
- Sim, perante a lei tens um crime.
- E vós, minha mãe, detestais o meu crime?
- Meu filho! (dice ella cerrando-o em seus braços).
- Vós me-perdoaes, minha mãe?
- Não vês minhas lagrimas?
- Vós não amaldiçoareis minha memoria?
- Oh! meu Deus, salvae meu filho!

- Minha mãe, minha mãe, eu saberei morrer, e morrer digno de vós, sim, minha mãe...

- E porque não morrer digno de ti mesmo?

- Sim, sem tremer subirei ao cadafalso...

- Ao cadafalso?

- E quem me livrará d'elle?

- E é d'esta sorte que saberás morrer digno de mim?

- Já vos-compreendo, minha mãe, já vos-compreendo...

- Oh, meu Deos, salvae meu filho!

- Sim, Deos o quer e vós me-salvareis.

- Tu morrerás digno de mim... e digno de ti: não é verdade?

- Minha mãe, que me-trouxeste vós?

- Este pequeno vidro (dice a velha tirando de sue seio um pequeno vidro).

- É um veno (*sic*), não é assim?

- Sim, um veneno, mas que não faz mal.

- Sim, não faz mal! Agora, ó tyrannia, eu affronto todos os teus horrores! Agora já não subirei ao cadafalso! minha mãe, já que tendes tido tanta bondade para com vosso infeliz filho, soffrei por um instante, que por uma supplica christã, minha alma se eleve até Deos! Minha mãe, orae comigo. -

E dizendo isto ajoelhou-se, e sua mãe ajoelhou-se a seu lado, e Claudio começou a orar assim:

“- Meu Deos, tu em tua santa doutrina não fallaste na condemnação do suicidio, mas tua igreja o-condemna, e eu sou filho de tua igreja! A tua igreja lançará sobre mim o seu anathema; mas tu és misericordioso, porque tu és bom por essencia!

“Aquelles que acreditam em tua misericordia não morrerão no dia de tua ira! A tua ira é a tua tremenda justiça, ó, meu Deos! mas tu és misericordioso para aquelles que invocam o teu santo nome! A tua bondade é infinita.

“Meu Deos, d’aqui a um instante minha alma apparecerá diante de tua face, e não me-julgaes segundo a tua justiça, mas segundo a tua grande misericordia! -”

- Amem!!! (dice sua mãe).

- Minha mãe, dae-me esse veneno.

- Aqui o-tens (dice ella dando-lhe o vidro do veneno).

- Agora, minha mãe, apertae-me em vossos braços, e lança-me a vossa benção. -

Durante toda esta dolorosa scena a tempestade batia os céos com suas azas de fogo, e açoutava a terra com seu respirar impetuoso: mas quando Claudio tomou o vidro do veneno das mãos de sua mãe já ella declinava.

O filho, e a mãe se abraçaram ternamente; e ella lançando aos céos seus olhos affogados em lagrimas abençoou seu filho dizendo:

- Oh! meu Deos, recebe sua alma em tua santa gloria! -

Claudio levou o veneno á boca, e sua mãe exclamou:

- Oh! meu Deos, salvae meu filho!

De um só trago Claudio tinha bebido todo o veneno.

O veneno era violento; pouco depois o paciente entrou em agonias. Cinco minutos depois Claudio expirou. Sua mãe vendo-o expirar exclamou:

- Salvo! está salvo meu filho! -

Ella soltou apenas um surdo gemido ultimo esforço de sua dor de mãe; e a tempestade n'este transe soltou tambem seu derradeiro soluço! Eram duas borrascas que bramiam ao mesmo tempo, e que ao mesmo tempo se-dissipavam!

A grave matrona apertou junto ao coração os preciosos restos de seu filho, beijou a face livida d'aquelle cadáver, e sem soltar uma lagrima bateu à porta. Á terceira pancada o carcereiro abriu a porta, dizendo:

- Fallastes a vosso filho?

- Sim.

- Estaes contente?

- Sim.

- E elle?

- Dorme.

- Então saí.

- Vamos.

E ambos saíram. Ella tinha deixado o cadaver sobre sua barra, e coberto com um lençol.

No outro dia dous enterramentos atravessavam as ruas da villa; dous cadaveres se-iam sepultar, um o da mãe de Claudio Manoel da Costa! o outro o d'elle!

## VIII.

### ALMA DIGNA DE MIL AVÓS AUGUSTOS!

Estamos no mez de julho do anno de 1790. Deixou o illustre Vasconcellos de ser vice-rei do Brasil; de suas mãos recebeu o governo o conde de Resende.

O character cruel, despotico, e insolente d'este fidalgo audacioso com razão é, e deve ser de todos temido. Não ha quem não receie, não ha quem não tema esse homem grosseiro e deshumano.

Diante d'este perverso bachá não ha lei, e muito menos humanidade. Elle não sabe o que é misericordia.

Bem depressa espalhou-se pelo Brasil o nome do conde de Resende, e a par d'elle as noticias de suas façanhosas proezas, isto é, seus despotismos.

Não foi sem grande consternação que a Minas chegaram taes noticias, e os infelizes presos, réos de lesa-magestade, desacoroçoaram completamente ouvindo uma tal noticia.

Logo que Marilia soube que o seu Gonzaga estava preso, e o pelo que, apaixonou-se a tal ponto, que encerrada em seu quarto, durante tres dias,

não comeu, não fallou a pessoa alguma, e sempre chorando.

Muitas vezes a triste, e saudosa amante sentava-se áquella janella, onde estava todas as tardes, e da qual via despontar ao longo o mais ardente, o mais apaixonado de todos os amantes, comvêm saber, o seu tão querido Gonzaga! E então, sentada a essa janella, a belleza que tão cantada foi, regava com suas saudosas e amantes lagrimas aquelle peitoril, que tantas vezes supportára o doce peso do tão amante cantor, quando a elle se-recostava!

Oh! e doce lhe-era essa postura, e consoladoras essas lagrimas e de tão doces que lhe-era aquella, e de tão consoladoras que lhe-eram estas, ella ahi estaria, ella as-choraria sempre até que a mão da mirrada morte lhe-viesse cerrar esses olhos tão felizes outr'ora de verem seu amante, esses olhos tão desditosos hoje de chorarem sem remedio por aquelle que tão venturosa a-fizera e tão desventurada a-fazia!

Si lagrimas de sangue ella pudesse chorar; e si a troco de lagrimas de sangue pudesse obter seu vate, seu bem, seu nume, ella choraria lagrimas de sangue, ou antes em sangue se desfaria para obter aquelle que tinha perdido e talvez sem remedio! Infeliz Marilia, tu não podes ser feliz porque tu amas o genio! A patria do genio não é a terra, é o céo, e só no céo é que o genio pode ser feliz! Teu

nome será eterno! e tua vida de além-tumulo tão gloriosa, como o brilhantismo da estrella da tarde!

A harpa do infortunio, que entre as paredes estreitas do sombrio carcere gemeu tão apaixonada divinas canções inspiradas por celestes amores, jámais emmudecerá! E esse nome, que em muitas sentidas saudades, em muitos saudosos gemidos e em muitos maviosos suspiros tantas vezes das melodiosas cordas da harpa do amor cahio sobre os ouvidos de uma geração, que ora acaba de passar, como cahiam as palavras propheticas dos labios dos justos de Israel sobre seu povo; esse nome, cahindo dos ouvidos nos corações, identificou-se com a geração presente, e pasmando de familia em familia, e de geração em geração, irá até a geração derradeira, essa, que testemunhará a grande catastrophe do ultimo gemido da natureza inteira! E n'esses extremos dias ainda o mundo saberá os nomes de *Marilia* e de *Dircêo*!

Infeliz Marilia, triste, desventurosa amante, paga-te ao menos dessa gloria, paga-te, já que te não cabe outra! ella não vale tuas lagrimas! O amor de poeta, que amam tão puro como se-ama no céo, não indemnisa as lagrimas da belleza? A belleza nasceu para amar, e ser cantada, nem outra é sobre a terra sua missão solemne. Si amasseis a quem te não soubesse cantar, tua missão não era completa; amas a quem o céo deu uma harpa de

amor para cantar-te, enchestes tua missão. Mas o genio dando glorias a sua amada, não a-dá sem penas, dá glorias, e recebe lagrimas. É missão de cada um, o genio dá glorias, e a belleza lagrimas; e ninguem é mais proprio para receber a gloria do genio do que a belleza, e ninguem para receber as lagrimas da belleza do que o genio! Triste permutação na vida, mas brilhante depois da morte! Mas é tão pouco isto!... quem ama quer mais, mais, muito mais, porque amor exacerba-se com as lagrimas, não se contenta com a gloria, quer mais, quer muito, quer tudo!

E pois n'esse peitoril dessa janella, tão cara n'outro tempo, passava a saudosa belleza horas inteiras derramando lagrimas; e n'essa postura ficava até que seu pae a vinha tirar d'ella, sem todavia reprehender suas lagrimas, ou uma visinha sua terna amiga.

Voltemos a Gonzaga. Não se-sabe por intermedio de quem, mas o que é certo é, que elle no seu carcere sabia de tudo quanto se-passava. O visconde de Barbacena, bem que não pudesse valel-o, todavia tinha dó de seus males; e quando este illustre magistrado soube que o conde de Rezende tinha tomado posse de vice-reinado do Brasil, tremeu pela sorte dos réos de lesa-magestade. Gonzaga de tudo isto soube, e desconfiou de sua causa. Então, sem mostrar que temia, e até sem demons-

-trar desesperação, elle quiz dar a entender em uma de suas lyras, que tudo para elle estava acabado.

Eis, pois, o como elle se explica na ultima estrophe d'essa lyra:

Assim vivia:  
Hoje em suspiros  
O canto mudo:  
Assim, Marília,  
Se acaba tudo!

Ao lado d'esta notava-se, talvez, a mais sentimental de suas amorosas lyras, essa que n'um sacro delirio de amor parece que foi escripta com lagrimas de sangue do coração! Eil-a:

Se me viras com teus olhos  
N'esta marmorra mettido,  
De mil idéas funestas,  
E cuidados combatido:  
Qual seria, ó minha bella,  
Qual seria o teu pezar?

Á força da dôr cedêra,  
E nem estaria vivo  
Se o menino Deos vendado,  
Extremoso e compassivo,  
Com o nome de Marília  
Não me-viesse animar!

Deixo a cama ao romper d'alva;  
O meio-dia tem dado,  
E o cabello ainda fluctua  
Pelas costas desgrenhado.  
Não tenho valor, não tenho,  
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: *E Marilia*  
*Não estima estes cabellos?*  
*si o-deixas perder de todo,*  
*Não se-há de enfadar ao vel-o?*  
Suspiro, pego no pente,  
Vou logo o cabelo atar.

Vem o taboleiro entrando  
De varios manjares cheio;  
Põe-se na mesa a toalha,  
E eu pensativo passeio;  
De todo o comer esfria,  
Sem n'elle poder tocar.

*Eu entendo que a matar-te,*  
*Diz Amor, te-tens proposto;*  
*Fazes bem: terá Marilia*  
*Desgosto sobre desgosto!*  
Qual enfermo c'o remedio,  
Me-afflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marilia,  
Em que o sol já se tem posto;  
Vem-me á memoria que n'ellas  
Via á janella teu rosto:  
Reclino na mão a face,  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: *já basta,*  
*Já basta, Dirceo, de pranto,*  
*Em obsequio de Marilia*  
*Vai tecer teu doce canto.*  
Pendem as fontes dos olhos,  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me  
A velha suja candêa;  
Fica, Marilia, a masmorra  
Inda mais triste, e mais fêa.

Nem mais canto, nem mais posso  
Uma só palavra dar,

Diz-me Cupido: *são horas*  
*De escrever-se o que está feito;*  
Do azeite e da fumaça  
Uma nova tinta ageito,  
Tomo o páo, que penna finge,  
Vou as lyras copiar.

Sem que chegue oleve somno  
Canta o gallo a vez terceira;  
Eu digo a Amor que fico  
Sem deitar-me a noite inteira:  
Faço mimos e promessas  
P'ra elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide  
Que hei de ver Marilia em sonho,  
Não respondo uma palavra,  
A dura cama componho,  
Apago a triste candêa,  
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados  
Resistir, ó minha bella  
Quem não tem de Amor a graça,  
Si eu, que vivo á sombra d'ella,  
Inda vivo d'esta sorte  
Sempre triste a suspirar?

Não tardou muitos dias sem que á Minas chegasse a ordem para que o visconde mandasse para o Rio de Janeiro os réos de lesa-magestade, que nas cadêas de Villa-Rica se-achavam. Gonzaga immediatamente o soube, e esta noticia produzio a seguinte lyra:

Ah! Marília, que tormento  
Não tens de sentir saudosa!  
Não póde ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma aldêa,  
Que tyrannos não propunham  
Á minha inquieta idéa  
Uma imagem de afflicção.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão:

Quando lewares, Marília,  
Teu lédo rebanho ao prado,  
Tu dirás: - *aqui trazia*  
*Dirceo tambem o seu gado.*  
Verás os sitios ditosos  
Onde, Marília, te-dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,  
Sem querereres, descuidada  
Tu verás, Marília, a minha,  
A minha pobre morada.  
Tu dirás então comtigo:  
*Alli Dirceo esperava*  
*Para me-levar comsigo:*  
*Alli soffreu a prisão!*  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
Do claro Glauceste o choça,  
Onde alegres se juntavam  
Os poucos da escolha nossa,  
Pondo os olhos na varanda

Tu dirás de magoa cheia:  
- *Todo o congresso alli anda*  
*So o meu amado não!*  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro hornado,  
Sem que me-vejas com elle  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás: *não foi tyranna*  
*Sómente comigo a sorte;*  
*Tambem cortou deshumana*  
*A mais fiel união!*  
Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,  
Eu não vejo imagens d'estas,  
Imagens que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados, rôxos olhos,  
Estão, que é mais retratadas  
No fundo do coração.  
Também mando aos surdos Deuses  
Tristes suspiros em vão.

É sem duvida este o logar mais proprio em que devo revelar um mysterio. Lembrar se-ha o leitor de que o visconde de Barbacena, para resalvar-se, havia escripto para Lisboa pela Bahia, participando á côrte os acontecimentos respeito (*sic*) á conjuração, e que com antidacta organisou ácerca d'ella um processo. Nem eram sem fundamentos os receios do visconde.

Gonzaga era amigo delle e elle de Gonzaga; e sendo voz publica que Gonzaga era um dos conjurados, temia o visconde que se-dicesse que tambem tinha elle parte na conjuração, visto a amizade que a Gonzaga o-ligava. O visconde acreditou sim na conjuração, mas não que Gonzaga entrasse n'ella.

Ora, Gonzaga sempre negou complicitade na conjuração, e por isto Barbacena seu amigo acreditava-o innocente.

O visconde logo que recebeu a ordem de fazer partir os presos, com o maior segredo possivel fez dispor tudo, e uma escolta, sem declarar para que, prompta para partir logo que elle désse ordem. Tudo estava, pois, preparado sem que ninguem soubesse para que; faltava unicamente a ordem.

Uma noute, eram onze horas, acompanhado de um ajudante de ordens, e de um sargento, apresentou-se o visconde defronte da cadêa, e pelo ajudante de ordens mandou chamar o commandante da guarda, e o carcereiro; áquelle ordenou o maior silencio, e socego; declarou-lhe que ia entrar na prisão, para conhecer por si mesmo certas cousas, e que não queria que pessoa alguma o soubesse: e a este pediu todas as chaves das prisões. O visconde entrou para as cadêas, e recebendo as chaves, deixou ficar a todos na sala do carcereiro, e só se-partiu para os cárceres: demorou-se quasi uma hora, voltou depois, e retirou-se

para seu palacio. Ao que lá foi o Visconde não se-sabe, com quem esteve, ou com quem falou: mas muitos annos depois se dizia que fôra despedir-se e abraçar Gonzaga pela ultima vez; e que a respeito d'esta visita era esta bellissima lyra do poeta:

Alma digna de mil avós augustos!  
Tu sentes, tu soluças,  
Ao ver cahir os justos;  
Honras as santas leis da humanidade,  
E os teus exemplos deve  
Gravar com letras de ouro no seu templo  
A candida amizade.

Não é, não é de heroe uma alma forte,  
Que vê com rosto enxuto  
No seu igual á morte.  
Não é tambem de heroe um peito duro,  
Que sua gloria firma  
Em que lhe não resiste ao ferro e fogo,  
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado chefe me namora,  
Quando vê a cabeça  
Do bom Pompêo, e chora!  
É grande para mim quem move os passos  
E de Dario aos filhos,  
Que como escravos seus tratar pudera  
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, capitão piedoso,  
Entre os heroes do mundo  
Um nome glorioso,  
Não é porque levanta uma cidade;  
É sim, porque nos hombros

Salvou do incendio ao pae, a quem detinha  
A mão da longa idade.

Ah! si ao meu contrario entre as chammas vira  
Eu mesmo, sim da morte  
Aos hombros o remira:  
Inda por elle muito mais obrara:  
E si nada servisse,  
Fizera então, amigo, o que fizeste,  
Gemera, e suspirara.

Oh! quanto são duravies as cadêas  
De uma amizade, quando  
Se-dão iguaes idéas!  
Si apezar dos estorvos se-sutinha  
Nossa união sincera  
Foi por ser a minh'alma igual á tua  
E a tua igual á minha.

Si o caro amigo te-merece tanto,  
Lá lhe-fica a sua alma,  
Limpa-lhe o terno pranto.  
De quem eu fallo és tu, Marilia bella,  
Ah! sim, honrado amigo,  
Si enxugar não poderes os seus olhos,  
Prantea então com ella.

O poeta parece que não quiz que se-ignorasse o nome da  
pessoa a cujo respeito fallava, porque elle o-poz claro em uma  
estrophe de uma de suas lyras:

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos,  
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:  
Não honras tão sómente a quem premias,  
Honras a quem castigas.

Na madrugada seguinte os presos seguiram para o Rio de  
Janeiro.

## **IX.**

### **CAHIU SEM SENTIDOS!**

Talvez por ser mais distante de Minas, longe d'esses logares tão cheios de encantos de sua bella, tão encantados de seus amores; logares onde as brandas cordas de sua divina lyra tinha tão doce gemido, tão celestes canções em honra de seus supremos amores; logares que os olhos de sua amada tinham abrilhantado com estas luzes angelicas que nem-um astro tem, que nem-um astro diffunde, e nem o mesmo sol; luzes que só possue, luzes que só derrama o sacro fogo de amor, talvez que por tão distante d'esses logares bemaventurados, tão prenhes de tão doces lembranças, cheios de tão gratas recordações, pejados de tão saudosas reminiscencias; talvez que fosse por isso que o desconsolado vate tornou-se mais triste na prisão do Rio-de Janeiro, e n'ella se incommodava mais do que na de Villa-Rica!

Aqui então os suspiros que lançou sua alma eram mais vehementes, porque eram com mais força lançados. Sua alma media bem a distancia, que o-separava de sua amada, e lançava suspiros, que de fortes que eram, podiam, sobre as azas dos ventos,

vencer de um só jacto esse trajecto immenso, que se estendia entre o tão amante cantor, e a tão amada belleza! Eram suspiros tão vehementes, que mais vehementes era impossivel sel-o! Eram suspiros de poeta, que tão desgraçado de tão longe ama!

Aqui, no meio das mais agudas dôres, intercortadas d'estes suspiros, e interrompida pelos mais saudosos gemidos, foi que elle cantou em sua harpa esta dolorosa e sentida lyra:

Se acaso não estou no fundo averno,  
Padece, ó minha bella, sim padece  
O peito amante e terno,  
As afflicções tyrannas, que aos Precitos  
Arbitra Radamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As furias infernaes rangendo os dentes,  
Com a mão escarnada não me-applicam  
As raivosas serpentes.  
Mas cercam-me outros montes mais irados  
Mordem-me sem cessar as bravas sepres  
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha;  
Ou em mover a roda:  
Mas tenho ainda mais cruel tormento:  
Por causas que me affligem roda, e gyra  
Cansado o pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
Ás tépidas entranhas não me-come  
Um abutre esfaimado

Mas sinto de oturo monstro a crueldade:  
Devora o coração, que mal palpita,  
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,  
Que de mim se-retiram quando busco  
Fartar o meu desejo;  
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato  
Que lograr-te não possa, estando vendo  
Nest' alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marilia bella;  
E n'uma cousa só é mais humana  
A minha dura estrella:  
Uns não podem mover do inferno os passos,  
Eu pretendo voar, e voar cedo  
Á gloria dos teus braços!

Com effeito a dôr que inspirou aquella lyra pareceu tambem inspirar a outra do mesmo genero com a differença porêem que n'esta elle pronuncia mais abertamente a sua esperança, a esperança que nutria de se-vêr em liberdade, e passar brevemente aos braços de sua Marilia.

Eis como elle se exprime no fim d'ella:  
Aqui... porêem aonde  
Me leva a dôr activa?  
É illusão dest'alma,  
Jove inda quer que eu viva.  
Eu devo, sim, gozar teus doces laços;  
E em paga de meus males,  
Devo morrer, Marilia, nos teus braços,  
Então eu passarei ao reino amigo,  
E tu irás depois lá ter comigo.

Pareceu que tudo quanto ha em a natureza cons-

-pira-se para atormentar um coração, que ama ausente, que ama muito, e que de tanto que ama só se-sustenta de seu amor. E o canto de um passarinho será também um tormento para o coração de amante? Talvez, e então, ai de quem ama! Oh! e essas innocentes notas tão bem trinadas pelo amante cantor das selvas, que mais são que esses melindrosos, puros, e apaixonados accents, em que elle tão docemente exprime em seus affectos a amorosa effusão de seu pequenino, mas tão amoroso coração?

E que scenas mais tocantes, ácerca do amor, que essas que todos os dias, e a todos os instantes nos revela a natureza campestre?

Ouvi o canto de uma ave, é um hymno de amor! vêde o insecto que suavemente poisa sobre uma flor que desabrocha seu seio, é um beijo de amor! vêde uma liana, que meigamente se-enleia e trepa pelo tronco de uma arvore, é um abraço de amor! vêde o regato, que brandamete se-desprega por flóridas margens, cujas flôres mimosas tão apaixonadamente affaga, são affagos de amor! vêde o zephyro, que tão enamorado suspira no regaço da flor, são suspiros de amor! Amor, e tudo é amor no campo!

E um hymno de um passaro não inspiraria um hymno ao poeta? Sim; eil-o:

Meu sonoro passarinho,  
Se sabes do meu tormento,  
E buscas dar-me cantando,  
Um doce contentamento,

Ah! não cantes, mais não cantes,  
Se me-queres ser propicio;  
Eu te dou em que me-faças  
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,  
Procura o Porto da Estrella,  
Sobe á serra, e si cansares,  
Descança n'um tronco d'ella.

Toma de Minas a estrada,  
Na igreja nova, que fica  
Ao direito lado, e segue  
Sempre firme á Villa-Rica.

Entra n'esta grande terra,  
Passa uma formosa ponte,  
Passa a segunda, a terceira  
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta  
Uma rasgada janella,  
É da sala onde assiste  
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,  
Eu te dou os signaes todos  
Do seu gesto, do seu talhe,  
Das feições e modos.

O seu semblante é redondo,  
Sombrancelhas arqueadas,  
Negros e finos cabellos,  
Carnes de neve formadas;

A boa risonha, e breve,  
Suas faces côr de rosa,

N'uma palavra, a que vires  
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,  
Dize, que sou quem te-mando,  
Que vivo n'esta masmorra  
Mas sem allivio penando!

Voltemos a Marilia, e vejamos o que tem ella feito.

Derramar lagrimas de sangue, suspirar suspiros de fogo,  
gemer gemidos do coração, tudo isto por um bem que se crê perdido,  
é uma fineza, mas tão trivial entre amantes, que amor nem as  
commemora!

Amor paga-se, é verdade d'essas finezas, mas não se contenta  
com ellas; é avaro de sacrificios, só grandes meios lhe-agradam, só  
delles se-contenta, e nem-um sacrificio regeita.

Em uma d'essas tardes, em que a infeliz amante chorava  
muito recostada a sua cara janella, perguntou-lhe sua visinha amiga:

- Vós o-julgaes inteiramente perdido?
- Sim, inteiramente perdido.
- Então porque não faremos alguma cousa por elle?
- Dizeis bem; eu devo fazer alguma cousa por elle.
- Podemos tentar alguma.
- Si o carcereiro consentisse em eu vel-o...
- Hade consentir.

- Vós o-acreditais?
- E eu vol-o affirmo.
- E vós me acompanhaes até a prisão d'elle?
- E porque não?
- Esta noute?
- Ás horas em que quizerdes.
- Á meia noite?
- Aqui estarei. Mas que fareis então?
- Quando chegar a hora, eu vol-o direi.
- Pois eu virei a essa hora.
- E eu conto comvosco.

A amiga sahio, e á hora contractada não faltou. As duas amigas sahiram, embuçada cada uma em um capote, e dirigiram-se para a cadêa. Tudo ahi estava mudado. Essa vida tão activa que se agitava tanto dentro, como fóra dos carceres, esses movimentos tão rapidos, essa vigilancia tão altiva, e tão desconfiada de tudo, e até de si mesma, esse amiudados gritos de “alerta!” soltados com tanta força, todo esse movimento, toda essa agitação, todo esse estrepido haviam desaparecido, e apenas ahi havia uma morna vigilancia, um ligeiro cuidado, como si os presos dos carceres nenhuma attenção merecessem!

As duas, quando chegaram junto á cadêa, notaram, e se admiraram desta falta de vigilancia. Quando ellas se approximaram, o sentinella perguntou: “Quem vem lá?” e depois de ouvir a

resposta, dizendo uma que queria fallar ao carcereiro, o sentinella mandou-a entrar. Entraram, e o carcereiro appareceu logo; este vendo a amiga de Marilia, dice-lhe sobresaltado:

- Menina, que fazes aqui?

- Meu tio, (respondeu ella) guardae-nos segredo. Esta minha amiga (apontando para Marilia, que tinha o rosto coberto) é filha de um dos presos, réos do delicto de conjuração; e queria abraçar seu pai. Vós...

- Filha, os presos partiram para o Rio-de-Janeiro esta madrugada... -

Marilia murmurou um ai, e cahiu sem sentidos!

**X.**

**LEU-SE-ME EM FIM A SENTENÇA  
PELA DESGRAÇA FIRMADA.**

Ha cerca de um anno que o conde de Rezende rege como vice-rei o estado do Brasil. Os presos de Minas, réos de lesa-magestade, foram transportados das cadêas de Villa-Rica para as do Rio-de-Janeiro. Em numero de trinta e tantos, elles, que eram os principaes de Minas, ahi, chegaram, opprimidos de cadêas, de miserias, de fadigas, e de insultos, depois do longo caminho feito em quasi quarenta dias!

O poder os-fulmina, é verdade, mas ninguem os-amaldiçoa, e todos oraram por elles, por toda parte da estrada por onde passaram.

Nada occupa as attenções dos fluminenses, nada, senão os presos de Minas. Seus nomes, suas posições, seus talentos, suas luzes, suas tentativas, &c., são o thema de todas as conversações, tanto nos circulos mais graves, como ainda entre a mais estúpida plebe. Todos teem os olhos no governo e nos presos: todos anciavam ver o desfecho d'este terrivel drama, mas o não desejavam como desfecho de tragedia!

Tal era a geral espectação, quando á barra do Rio de Janeiro entrou empavesada uma bella fragata portugueza chamada *Golphinho*, trazendo a seu bordo Antonio Diniz da Cruz e Silva, tão conhecido por suas odes pyndaricas aos heroes portugueses, e Antonio Gomes Ribeiro, desembargadores nomeados pela Rainha D. Maria I, para que unidos a Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho, chanceller da Relação, e a outros magistrados escolhidos pelo vice-rei, julgassem em alçada extraordinaria, e summariamente os presos de Minas Geraes, réos do crime de rebellião.

O processo seguiu todos os seus tramites, houve interrogatorios, e contra todos os presos appareceram indicios de seu crime. Gonzaga negou sempre complicitade no delicto; tambem seus companheiros negaram sempre que elle tivesse parte na conjuração.

Arguido de haver aconselhado ao capitão-general para pôr em execução a lei da derrama, para por este meio exasperar o povo, e leval-o ao rompimento, dice que aconselhou sim para mostrar que tal lei era exequivel, e para provar tal asserção era preciso que a lei fosse posta em execução; para que o governo, conhecendo por experiencia propria a impossibilidade de tal cobrança, suspendesse semelhante lei. Os juizes acreditaram que isto não passava de um sophisma muito subtil. Tira-dentes

além de negar a complicitade de Gonzaga declarou que elle era inimigo do ouvidor, mas que nem por isso o-calumniaria.

A principio todos os presos negaram o crime, imputando-o aos seus delatores, mas quando tal alvitre lhes não pôde mais aproveitar, confessaram seu crime.

Tira-dentes, temendo comprometter os amigos, negou tambem com elles a existencia da conjuração, mas logo que, a exemplo d'elles confessou, suas respostas foram sempre as mesmas, e com toda a nobreza de uma alma verdadeiramente grande. Accusaram-o de haver em seu plano premeditado a morte do capitão-general. Negou absolutamente dizendo que tal acção era indigna de um nobre republicano; que sua tenção era prendel-o, e leval-o á fronteira com sua familia, e ahi soltal-o, sem offendel-o. Accusaram-o de intelligencia com os salteadores da Mantiqueira. Indignou-se nobremente, e respondeu que um brasileiro, um republicano de uma alma tão nobre, como a sua, não se-abaixava a responder a uma tão vil e tão ignominiosa accusação. Accusaram-o de que sua intenção era, mais tarde, aproveitar-se dos serviços dos seus collegas, fazer-se rei do novo estado. Respondeu a isto que tudo perdoaria a seus juizes, fosse qual fosse a sentença; excepto uma tal affronta a seu patriotismo e ás suas crenças politicas.

Tira-dentes não se mostrou, nem-um só instante arrependido de seu (*sic*) intentos. Emfim, no dia 18 de Abril de 1792, foi á cadêa o official de justiça intimar aos presos o acordão da relação, pelo qual Tira-dentes era condemnado á morte, como cabeça da conjuração: segundo a sentença, devia ser enforcado, e depois esquartejado! sua cabeça levada a Villa-Rica, e exposta em um alto poste no lugar mais publico da villa; e seus quartos tambem elevados nos logares em que os conjurados se-reuniam para seus trabalhos clandestinos: a casa em que assistio em Villa-Rica deveria ser arrasada e salgada, e que nunca mais em tal lugar se edificasse; e que n'elle se-levantasse um padrão com uma inscripção que perpetuasse o crime, e o castigo: si a casa não fosse propria, nem por isso a sentença deixaria de ter execução; sendo o proprietario indemnizado pelos bens confiscados. Seus filhos, e netos, si os-tivesse, seriam despojados de todas as honras civicas, e esbulhados de todos os seus bens!

Tal era a sentença que condemanava a Tira-dentes. Sem entrar na questão de justiça ou injustiça d'ella, notarei de passagem que a principal causa porque Tira-dentes foi condemnado, não era por ser conjurado, ou cabeça da conjuração, mas sim por não mostrar arrependimento! Os satelites da magestade da terra gostam de a-fazer imitar á do céo, que só condemna aos que se não arrependem:

uma só differença convêm aqui notar, e é que a magestade do céo conhece bem quando o arrependimento é sincero, o que escapa á da terra! fraquezas humanas! Emquanto á parte da sentença que punha um cadaver á disposição do ferro do carrasco; e á que condemnava os innocentes filhos pelos crimes de seu pae, nem-um commento é preciso; estas duas partes revelam bem, ou a barbaridade dos tempos, ou a perversidade dos homens!

O tenente-coronel Freire de Andrade, o Dr. José Alves Maciel, o coronel Dr. Alvarenga, o sargento-mór Toledo Pisa, o *coronel* Oliveira Lopes, o tenente-coronel Abreu Vieira; foram condemnados a ser enforcados, degolados, suas cabeças expostas defronte de suas habitações, seus filhos, e netos declarados infames, segundo o espirito da legislação do tempo! Sua sentença deferio da de Tira-dentes sómente em não serem esartejados!

Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, o capitão José de Resende Costa (o pae), seu filho do mesmo nome, o Dr. Domingos Vidal de Barbosa Lage, sua sentença era de morrerem na forca sómente! mas seus bens tambem confiscados, e seus filhos até a segunda geração declarados infames! Os bens, e os filhos de Claudio Manoel da Costa, foram tambem do mesmo modo fulminados e elle declarado infame, e sua memoria!

Gonzaga foi condemnado a degredo perpetuo, e outros; outros porêm a degredo temporario, e para diversos presidios d’Africa!

Por toda vida foram os seguintes:

Gonzaga, para Pedras; Vicente Vieira, Angoche; Ayres, Ambaia; Costa Rodrigues, Novo Redondo; Oliveira Lopes, Caconde; e si voltassem ao Brasil, seriam executados na forca com morte natural para sempre; seus bens tambem foram confiscados.

Degredados temporarios, os seguintes:

Dias da Motta, dez annos para Benguella: voltando ao Brasil, a mesma pena dos outros; a terça parte de seus bens foram confiscados. Victorino Gonsalves Velloso foi condemnado a açoutes pelas ruas publicas, a dar tres voltas em roda da forca, e degradado por toda vida para a cidade de Angola; voltando ao Brasil teria a pena dos outros: metade de seus foram confiscados.

Francisco José de Mello, que morreu na prisão, foi declarado sem culpa, e mando-se (*sic*) conservar sua memoria. Manoel da Costa Capanema, e Faustino Soares de Araujo, absolvidos, julgando-se, pelo tempoda prisão, purgada qualquer presumpção que das devassas resultasse contra elles.

Igualmente foram absolvidos Chagas, Alexandre, escravo do padre Rolim, Miranda, Domindos (*sic*) Fernandes, e Rego Fortes, fallecido no carcere.

Fernando José Ribeiro foi condemnado por toda

a vida para Angola, e em 200\$000 para as despesas da relação; este não era conjurado, mas durante a devassa, denunciou, como conjurado ao seu inimigo João d'Almeida Sousa, que o não era, e d'isto se justificou: a pena de calumniador foi commutada em dez annos para Benguella: e José Martins Borges, a quem este seduziu para jurar contra Sousa, foi condemnado em açoutes pelas ruas publicas, e em dez annos de galés; unico que soffreu esta pena, e nem-um dos conjurados, porque a de Victorino foi commutada. Tal foi a celebre sentença firmada por oito desembargadores e com a rubrica do vice-rei.

Notemos que esta sentença condemnava as memorias dos réos!

Que estúpido rasgo de justiça! E condemnou o povo á memoria dos presos de Minas? Não. E quem sabe o nome de seus juizes? bem pouca gente. O povo é o unico juiz que confirma as justas sentenças, ou repelle com indignação as injustas. O povo pois é o unico justiceiro de Deos!

Os réos embargaram esta sentença, mas os juizes não receberam os embargos. Ainda novo embargo, e mesmo. Todavia a sentença foi commutada em consequencia da carta regia de 15 de Outubro de 1790: Notemos isto da carta regia:

“Quanto aos réos ecclesiasticos, que sejam remettidos a esta côrte, debaixo de segura prisão, com as sentenças contra elles proferidas; para á vista

d'ella eu determinar o que melhor me-parecer. Quanto aos outros réos, e entre elles os reputados por chefes e cabeças da conspiração, havendo algum ou alguns que não só concorressem com os mais chefes nas assembléas, e conventiculos, convindo de commum accordo nos perfidos ajustes que alli se-tratavam, mas que além d'isto com discursos, praticas, e declarações sediciosas, assim em publico como em particular, procurassem, em differentes partes, fóra das ditas assembléas, introduzir no animo de quem os-ouvia o veneno da sua perfidia, e dispôr, e induzir os povos por estes, e outros criminosos meios, a se-apartarem da fidelidade que me devem; não sendo esta qualidade de réo ou de réos, pela atrocidade, e escandalosa publicidade do seu crime, revestido de taes, e tão aggravantes circumstancias, dignos de alguma commiseração, ordeno que á sentença, que contra elle ou contra elles fôr proferida segundo a disposição das leis, se-dê logo a sua devida execução.

“Quanto porem aos outros réos tambem chefes da mesma conjuração, que se não acharem em eguaes circumstancias, querendo usar com elles da minha real clemencia, e benignidade, ordeno pelo que respeita tão sómente á pena capital em que tiverem incorrido, que esta lhes-seja commutada na immediata de degredo por toda a vida para os presidios de Angola, e Benguela, com pena

de morte se voltarem para os dominios da America.

“Quanto aos mais réos que nem foram chefes da referida conjuração, nem entraram ou consentiram n’ella, nem se-acharam nas assembléas, e conventiculos dos referidos conjurados, mas que tendo sómente noticia ou conhecimento da mesma conjuração, não o-declararam, nem denunciaram em tempo competente, hei por bem perdoar-lhes egualmente a pena capital em que tiverem incorrido, e que esta se-lhes-commute na de degredo para outros dominios da Africa, comprehendidos os de Moçambique, e Rio de Senna, pelos annos que parecerem convenientes, debaixo da mesma pena de morte si em tempo algum voltarem aos dominios da America, o que assim executareis, ficando tudo o mais na sobredita carta regia de 16 de julho em seu inteiro vigor. Escripta no palacio de Queluz, &c., &c. E logo depois de apresentada pelo chanceller juiz da alçada esta referida carta regia, pelo mesmo, e mais ministros adjuntos, presentes o Illm. e Exm. vice-Rei como corregedor, foi proferido o accordão do theor e fórma seguinte:

Accordão em relação os da alçada, &c. Em observancia da carta regia da dita senhora, novamente junta, mandam que se-execute inteiramente a pena de sentença no infame réo José Joaquim da Silva Xavier, por ser o unico que na forma da dita carta

se faz indigno da real piedade da dita senhora. Quanto aos mais réos a que deve aproveitar a clemencia real, hão por commutada a pena de morte na de degredo perpetuo. O réo Francisco de Paula Freire de Andrade para as pedras de Augoche. O réo José Alves Maciel para Massango. O réo Ignacio José de Alvarenga para Dande. Luiz Vaz de Toledo para Cambamba. O réo Francisco Antonio de Oliveira Lopes para Bibé. O réo Domingos de Abreu Vieira para os presidios de Machimba. O réo Salvador Carvalho do Amaral Gurgel para Catalá. O réo José de Resende Costa, pae, para Bissáo. O réo José de Resende Costa, filho, para Cabo-Verde. O réo Domingos Vidal Barbosa para a Ilha de S. Thiago. Ficando em tudo o mais a sentença em seu inteiro vigôr, e si voltarem a este dominio da America, se-executará em qualquer, que transgredir a ordem da dita senhora, a pena de morte que lhe tinha sido imposta. Declaram que o degredo dos tres réos José de Resende Costa, pae, José de Resende, filho, e Domingos Vidal Barbosa, serão sómente por tempo de dez annos, ficando tudo o mais que se contém n'este accordão a respeito d'estes tres réos, em observancia. Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1792. Com a rubrica do Illm. e Exm. vice-Rei. Vasconcellos. – Gomes Ribeiro. – Cruz Silva. – Veiga. – Dr. Figueiredo. – Guerreiro. – Monteiro. – Gayoso. – Embargando os

outros réos, que não foram contemplados n'este accordão, sobre os mesmos embargos se-proferiu o accordão do theor seguinte:

Accordão em relação os da alçada, etc. Antes de referir aos embargos declararam nullo o accordão fl. 91 na parte sómente que declarou Dande para logar do degredo do réo Ignacio José de Alvarenga, cujo logar agora declaram dever ser o presidio de Ambaca, não só porque não houve exacta informação do que era o logar de Dande, que agora consta ser um porto de mar aberto aonde entram navios de todas as nações a fazer suas aguadas, e não ser este logar proprio para degredo de semelhante réo; mas tambem por haver equivocação ao escrever a sentença, não sendo vencido que o dito réo fosse para o sobredito logar de Dande, cuja equivocação era facil entre a condemnação de tantos réos: e deferindo os embargos, e sem embargo dos embargos, que não querem, cumpra-se o accordão embargado com declaração que reduzem os degredos perpetuos ao réo Thomaz Antonio Gonzaga á 10 annos para a praça de Moçambique: ao réo Vicente Vieira da Motta a 10 annos para o Rio de Senna: ao réo José Ayres Gomes á 8 annos para Inhambano: ao réo João da Costa Rodrigues á 10 annos para Mossovil: ao réo Antonio de Oliveira Lopes á 10 annos para Macua: ao réo victoriano Gonsalves Velloso á 10 annos para a Cabeceira

grande: ao réo Fernando José Ribeiro a 10 annos para Benguella; ao réo João Dias da Motta mudam o logar do degredo para Cacheu. Ficando em tudo o mais o accordão fl. 91 v. em seu inteiro vigôr, e paguem as custas. Rio de Janeiro, 2 de Maio de 1792. Com a rubrica do Illm. e Exm. vice-Rei. – Vasconcellos. – Gomes Ribeiro. – Cruz Silva. – Veiga. – Dr. Figueiredo. – Guerreiro. – Monteiro. – Gayoso. – E vindo os réos com segundos embargos, se-proferiu contra elles o ultimo accordão do theor seguinte: - Accordão em relação os da alçada, &c. Sem embargos dos embargos, que não querem por sua materia, e o mais dos autos, subsista o accordão embargado, e paguem os embargantes as custas. Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1792. Com a rubrica do Illm. e Exm. vice-Rei – Vasconcellos. – Cruz Silva. – Dr. Figueiredo. – Guerreiro. – Monteiro. – Gayoso.”

Eis aqui a tremenda sentença que privou a alguns homens notaveis de sua patria, e bens e direitos, e a um da vida.

Em face da soberana carta regia da piedosa rainha, não avançarei si a condemnação de Tira-dentes foi ou não injusta; mas o que me-atrevo a avançar é que Tira-dentes despertou a idéa, que em quasi todos dormitava apenas, que Tira-dentes era, de todos os conspiradores, o mais pobre e menos intruido (*sic*), e que nada representava, e que a ser con-

-demnado Tira-dentes o-deveriam ser os principaes homens de Minas, que para a revolução concorriam com seu dinheiro, gente, além de suas pessoas, unico contingente com que Tira-dentes entrava! Mas Tira-dentes devia morrer, devia, que sua missão estava completa; sua missão era despertar essa grande idéa, que ao som do primeiro grito de Liberdade soltado em Boston, e firmando em Gante, entranhou-se no animo do povo brasileiro! e essa idéa morreria á falta de um sangue que a-fecundasse, como a planta que morre á falta das chuvas do céu! Como o lavrador dos campos que muitas vezes lavra a terra e semêa para seus descendentes, porque a morte o-privava do gosto de ver lourejar suas sementeiras, elle devia ser o autor d'esta grande idéa, devia até preparal-a, e morrer, porque sem seu sangue, outro qualquer sangue illustre, essa nobre idéa morreria, e morreria para sempre, porque a liberdade é uma planta de tal maneira custosa, que não póde florescer, e menos fructificar senão regada pelo sangue de seus cultivadores, até que o-seja de seus verdugos, para então com mais gloria, e mais viço vegetar!

Confirmada ultimamente a fatal sentença, pouco faltou ao desditoso Gonzaga para que morresse; não por falta de animo para soffrer seus revezes, que coragem lhe não faltava em suas adversidades; mas lembrando-se que deixava a sua querida Marilia!

A dôr de a perder despedaçou-lhe a lyra, e aquella alma que havia até alli exhalado tão maviosas melodias, não soube mais que exhalar enternecidos e saudosos suspiros.

Quanto porêm á lyra que principia:

Leu-se-me emfim a sentença, &c.

talvez me engane, mas não a-tenho como sua.

## **XI.**

### **VAE. E DEUS TE-PERDÔE!**

Divulgou-se bem depressa a confirmação da sentença, e o povo do Rio de Janeiro não ouviu esta noticia sem estremecer de horror, e chorar de pena!

Apressou-se o dia da execução, e sem a menor demora levantou-se o patíbulo ao campo dos Siganos, ao depois largo do Rocio, e hoje praça da Constituição.

Tira-dentes passou para o oratorio, aonde a irmandade da Misericordia começou de cumprir com seus deveres de caridade christã.

No segundo dia de sua estada no oratorio, um homem se apresentou para fallar-lhe com primitiva permissão do vice-rei, e foi introduzido. Este homem, logo que se achou em frente de Tira-dentes, cruzou os braços e depois de contemplal-o dice:

- Conheces-me?

- Sim (respondeu Tira-dentes).

- E quem sou eu?

- Um homem com quem tive uma desavença.

- Alembra-te que em uma noute, quando preparavas os animos para a tua republica, que entraste

na igreja, em que jaz tua irmã, e que sobre a sua sepultura oraste?

- Alembro-me.

- Alembra-te que sobre esta mesma sepultura juraste vingar tua irmã, ou que teus membros seriam dispersos sobre um campo de batalha, ou que teu sangue tingiria os degrãos do cadafalso?

- Alembro-me.

- E cumpriste o teu juramento, que o cadafalso te-espera!...

- Não-me arrependo, nem tenho remorsos.

- Alembra-te do guincho da coruja?

- Alembro-me.

- Alembra-te do vulto que fugiu por entre as sombras, e o qual seguiste debalde?

- Alembro-me.

- Alembra-te do duello que tiveste nas margens do Córrego do Funil, junto á casa em que vós, os conjurados, celebraveis vossas sessões?

- Alembro-me.

- Alembra-te o que te- dice o teu contendor?

- Alembro-me.

- Alembra-te que te-dice que quando estivesse no oratorio, um homem ahi appareceria, e te-diria: “Revolucionario, cumpra a minha palavra?”

- Alembro-me.

- Cumpra a minha palavra... -

O sujeito dice, e quiz sair. Tira-dentes o-chamou:

- Ouve.

O homem com effeito voltou dizendo:

- Falla.

- Minha alma está prestes a apparecer diante de Deus... e é preciso que eu perdôe a tua alma para que Deus perdôe a minha... -

Aqui elle suspendeu-se, e ficou como pensativo. Pareceu lembrar-se de alguma cousa, e dice consigo mesmo meio baixo: “Entrega-te, tu serás vingado” e accrescentou elle “isto me dice! Era Xavier, e Xavier não foi preso!”

Fallando assim, encarou com o seu inimigo, e dice:

- Perdoe a tua alma, para que Deus perdoe a minha!... Ao teu corpo não, porque esse pertence ao punhal da vingança!... Vae; tu morrerás talvez primeiro do que eu... vae, e quando expirares lembra-te de mim, e pede perdão a Deus... Vae... e Deus te-perdoe!-

O homem soltou um sorriso mofador, e saiu. Era noute quando saiu da cadêa, e sem que elle o-percebesse um vulto o-seguiu.

O inimigo de Tira-dentes encaminhou-se ao Caes de Braz de Pina, e apenas foi desembocando n'elle, descendo pela rua do Sabão, o vulto que o-seguia enfiando-lhe o braço esquerdo no seu braço direito, com a mão direita apresentou-lhe uma pistola á cara, dizendo-lhe:

- É preciso calar.
- Que me-quereis? (dice o outro).
- É preciso que me-acompanheis em silencio.

Os dous continuaram seu caminho. Chegando ao caes, um bote os-recebeu, que para isto já prompto estava; apenas os dous embarcaram, o bote fez-se ao largo. Os remadores parece que de tudo sabiam; pois que sem indicação alguma remaram para a ilha dos ratos aonde aportaram. Ahi saltaram todos. O homem da pistola perguntou então ao delator:

- Conheces-me?
- Não.
- Sou um dos conjurados de Minas.
- E o que me-quereis?
- Pouca cousa. Alembras-te do snr. dos Reis?
- Sim.

- E alembras-te da conversação que com elle tiveste junto do Corrego do Funil, na mesma noute em que viestes para o Rio-de-Janeiro delatar a Conjuração?

- Alembro-me
- E na verdade cumpriste, eu o-sei, o que prometteste ao snr. dos Reis; não é assim?
- É.

- Alembras-te do vulto que entrou em casa de Fernandes, quando foste prender a Tira-dentes?

- Alembro-me.

- Lembras-te que prometteste a Tira-dentes que no dia em que cumprisses tua palavra lho-mostrarias que eras capaz de te-bater com elle?

- Alembro-me.

- Sabes o que prometeu a Tira-dentes o vulto que entrou em casa de Fernandes, quando foste prender a Tira-dentes?

- Não.

- Quando tu sahiste, levando a tua presa, disse o vulto: “No dia em que elle cumprir a palavra que te deu, Tira-dentes, tu serás vingado!...” Pois bem: este vulto está agora diante de ti... Cumpriste a tua palavra... Resta-me cumprir a minha. Tira-dentes, quanto tu voares á presença de Deus, já elle terá baqueado no inferno.

- Queres assassinar-me?

- Sim, quero vingar em ti tantas desgraças, que causaste.

- Pois bem: batamo-nos.

- Eu não me bato com um vil delator... Não sou um vil assassino, sou o grande vingador da patria!

E voltando-se para os remadores, que certamente não eram pretos e que pareciam companheiros do homem mysterioso, disse:

- Chegae-vos... -

A lua cheia, brilhante e magestosa no meio de seus fulgores, envergando seus saudosos raios por

cima do feiticeiro, e recortado horizonte, que desenhavam no céu os montes desiguais, que cingem a Bahia de Nictheroy, vinha, quebrando-os melancolisar sua mágica luz sobre as ondas que suavemente rolavam aos derradeiros halitos da viração da tarde! E o luar era bello! Era o luar do céu intertropical!

Quando o homem mysterioso disse aos companheiros: “Chegae-vos” levado de um movimento tão rapido que causaria inveja a um dos nossos mais ageis capoeiras, o delator saltou sobre elle, empunhando em sua robusta dextra uma larga faca, cuja polida, e brilhante lamina reflectiu aos raios da lua cheia!

Parece que o homem mysterioso esperava pelo bote do delator, porque com tanta destreza, e felicidade furtou o corpo ao golpe, que dando um grande murro sobre a nuca do delator o-lançou de bruços fazendo-o morder a areia da praia! Então pondo o vencedor um vingativo pé sobre o altivo collo do vencido, dice a seus companheiros:

- Amarrae-o. -

Foi dito e feito! No mesmo instante o homem foi amarrado, depois de lhe-tirarem a faca; e tendo-se-lhe vendado os olhos, ataram-lhe uma extremidade de uma corda ao pescoço, e a outra a uma grande pedra: assim pois maneatado, foi mettido dentro do bote, com sua pedra juntamente. Os remadores começaram de vogar direito ao Poço e pouco depois

ahi foram chegados. Quando o bote se-ia avizinando do Poço o homem mysterioso dice:

- Homem sem fé, homem que vendeste os teus patricios ás iras da realza, Deus não quer que gozes o fructo de teus crimes!... Os momentos de que tens de dispor são poucos, aproveita-os pois em bem de tua alma...

- Estou eu pois em vespas de morrer?

- Vás morrer e n'este mesmo instante. -

A este tempo os remadores tinha deixado de remar, e os tres tomaram em braços o delator: este que ignorava totalmente a sua situação, e o genero de morte que o-esperava, entendeu que ainda era tempo de enternecer seu juiz por meio das supplicas; e firme n'isto começou a dizer:

- Oh homem duro, e mais duro que as pedras... -

Elle não pôde continuar, porque os tres, que já tinham seu corpo entre seus braços o-jogaram ao mar. O delator soltou um grito indecifrável, mas que se-conhecia ser de susto. A agua cedeu ao peso d'este corpo, deslucou-se com rouco murmurio, e enguliu em seu seio um homem tão funesto! A sepultura fechou-se sobre si mesma, lançando um murmurinho surdo, como que alli a eternidade murmurasse: "Para sempre!" A este murmurinho succedeu um montão de espuma, que ferveu n'um rapido cachão e a tudo isto seguiu-se um silencio que symbolisava o tumulo, e a lisa superficie do mar,

fria, e silenciosa, o marmore da sepultura! Os tres voltaram; para onde ninguem sabe: quem elles eram ainda hoje se-ignora!

Sabe-se que de todos os conjurados só Xavier escapou ás garras da justiça, e depois d'este acontecimentos (*sic*), este homem nunca mais foi visto em parte alguma do Brasil; tambem não consta que do Brasil saisse! Xavier, no tempo da conjuração tinha os seus 60 annos. Diz a fama que em um medonho bosque, no caminho que do Rio-de-Janeiro vae a Minas, vivia um solitario; conta-se que este solitario fôra um dos conjurados de Minas, e que vivia ainda quando o primeiro imperador do Brasil foi pela primeira vez á patria de Tira-dentes!

O homem que jurou vingar Tira-dentes era Xavier!

Findos os tenebrosos tres dias, durante os quaes a justiça, depondo as suas iras, entrega aquelles, que ella condemnara, á commiserção publica, e ás dolorosas reflexões da humanidade; a justiça veio reclamar a sua victima. Tira-dentes deixou o logar da propiciação para o logar da expiação. O préstito começou de desfilar do pretorio para o calvario. Na frente um esquadrão de cavallaria, tendo suas pistolas e clavinas carregadas, rompia o funebre festejo; estes soldados levaram suas espadas nuas em suas mãos; a este esquadrão seguia um tranço de infantaria com armas carregadas, e bayonetas ar-

-madas nas bocas de suas espingardas. Atras destendida em duas alas seguia-se a irmandade da Misericordia a cuja frente se esteava a bandeira do perdão tantas vezes profanada, e para Tira-dentes, sem significação, pois não passava de um objecto de aparato, ou insignia da devota irmandade, quando muito! Esta bandeira é um painel representando a Santa Virgem, tendo em seus braços o divino corpo de Christo do Senhor, immolado pelos homens! Guardando estas duas alas de irmãos da Misericordia disfilavam-se grossos troços de soldados infantes, e por fóra d'estes a cavallaria, tantos uns, como outros, armados como os da frente.

Quasi no fim da irmandade, mal arranjados, como homens os mais despreziveis da sociedade, e todos cobertos de ridiculo, e dignos de desprezo pelos audaciosos, e mal encarados rostos que ostentavam, arranjados em um largo circulo, marchavam os beleguios, mostrando ao mesmo tempo, para mais cabal contradicção, um certo prazer, que se-traduzia no volver de seus olhos! Dentro d'este funesto, e desprezivel circulo, um irmão da Misericordia sustentava, tomado de respeito e pavor, um grande crucifixo, cuja face estava voltada para traz, isto é, para aonde o paciente marchava com passo firme e sobremaneira intrepido. Este, vestido de uma alva branca, que lhe não podia servir de sudario, porque a tyrannia, receiando que de suas cinzas em

sua sepultura amontoadas se-levantassem viboras para envenenar-lhe as plantas, havia prohibido que a terra recolhesse seus restos! marchava entre dous graves sacerdotes, que o exhortava (*sic*) a morrer santa, e christamente!

A seu lado um escrivão, com voz forte, e pausada lia, quando o prestito chegava a algum canto das ruas por onde passava, a funesta sentença! O juiz do crime, que devia presidir a execução da sentença, rodeado de seus officiaes, montando em um magro cavallo marchava no couce do prestito, cuja recta-guarda era coberta de tropa, tanto de infantaria, como de cavalleria, armada, como si a força desconfiasse de sua justiça.

Apezar de se-exigir que todos se mostrassem alegre (*sic*) na execução do inconfidente, todavia excepto os officiaes das justiçaes, semblante alegre, riso mofador, nem ainda sinistro, insultava o sacrificio do brasileiro que primeiro era immolado sobre o altar da patria! Era sim um auto de fé, mas os fanaticos, mas os hypocritas o não applaudiam! O silencio d'esta fúnebre procissão era só quebrado pelo que deveria ser, isto é, pelo tinir das férreas patas dos cavallos sobre os lagedos das ruas, pelos passos dos soldados, pelos roucos sons dos tambores, pela voz do leitor da sentença, e uma vez por outra pelo lúgubre som da fúnebre campainha, que á frente do préstito, impunha um doloroso silencio!

Logo que o prestito chegou ao logar da execução, a tropa desfilando guarneceu a praça, formando um grande circulo em roda do patibulo; no centro, junto d'elle ficou o condemnado com todo o aparato da justiça, e a irmandade da Misericordia, que n'esta execução não passava de mera espectadora! Fóra do circulo, o povo era em tão grande numero, que de tão grande que era se-apertava visivelmente! O povo acreditava que Tira-dentes não seria executado, apesar da sentença; acreditava que em mãos do vice-rei existia o seu perdão, que seria publicado quando o republicano estivesse no cume do patibulo, e por isso concorreu a gozar de uma tão grata sensação. O povo que não teve lugar na praça cobriu o cume da collina de Santo Antonio, a mais visinha do logar do padecimento do condemnado!

Tira-dentes contou impavidamente debaixo de seus pés os degrãos do patibulo, e chegando em cima correu seus olhos sobre a multidão, e com voz clara e robusta, bradou:

- Brasileiro! é este o grande...

Repentinamente o rouco som de mais de cincoenta tambores rompeu os ares, e a voz do condemnado emmudeceu debaixo d'este som atroador! O sacerdote do Senhor que velava sobre seus derradeiros momentos dice-lhe com voz doce:

- Não importa, filho! Christo também morreu innocente!...

- Sim, meu padre! (dice o condemnado) e voltando-se para o algoz dice-lhe;

- Fazei o vosso dever.

O carrasco passou-lhe o braço; e depois olhou para o padecente um com (*sic*) receioso! Elle quiz com seu gesto indicar que em sua alma havia compaixão! quiz, mas não soube!

Tira-dentes lançando pela ultima vez os olhos sobre a multidão, exclamou:

- Ó Patria, recebe o meu sacrificio! -

E voltando-se para o ministro de Deus, dice:

- Meu padre, posso morrer. -

Um instante depois a liberdade contava um martyr de mais, e a realza mil inimigos de mais quando immolava um! E a realza ganhou, ou perdeu com este sangue? A liberdade ganhou.

A sentença foi plenamente executada!

Com a morte de Tira-dentes expirou a segunda epocha philosophica do Brasil, e começou a terceira epocha, e talvez a mais interessante de todas! O historiador que escreve a historia do Brasil, impondo-se o dever de contar os factos, sem critica sua, dividirá a existencia d'este imperio talvez que só em tres epochas, a saber: 1<sup>a</sup>. epocha colonial, des da descoberta do Brasil até a cathegoria de reino: 2<sup>a</sup>. des d'esse tempo até a independencia: 3<sup>a</sup>. a que

se-segue d'ahi por diante: mas o philosopho, o politico, que com mais attenção estudar, e aprofundar a nossa historia, nossa politica, nossas virtudes e nosso vicios, este fará da existencia do Brasil uma mais detalhada, mais philosophica, e mais justa divisão. Então temos que encarar no Brasil não menos que sete epochas, das quaes sendo as duas primeiras de mais de cem annos cada uma, as seguintes diminuiram sem proporção alguma, diminuindo na razão do amontoado dos factos! Eu daria a estas epochas nomes mais philosophicos que historicos, fazendo que estes nomes representassem o mais que pudessem o character mais dominante de taes epochas:

1<sup>a</sup>. epocha. – Epocha das conquistas – des de 1500 até 1645, em que o Brasil foi elevado a principado: ella durou 145 annos.

2<sup>a</sup>. epocha – Epocha extremamente colonial – des de 1645, até a morte de Tira-dentes em 1793; esta durou 148 annos.

3<sup>a</sup>. epocha – Epocha de preparação – des de 1793 até 1808, em que veio o rei para o Brasil, e esfriaram os republicanos d'elle, e deram de mão a seus planos; durou 15 annos.

4<sup>a</sup>. epocha – Epocha de tranqüillidade, ou até de felicidade – dês de 1808 até a ida do rei para Portugal em 1821: durou esta 13 annos.

5<sup>a</sup>. epocha. – Epocha mixta, de heroismo e in-

-fâmias – des de 1821 até a abdicação do Sr. D. Pedro I em 1831: durou 10 annos.

6<sup>a</sup>. epocha – Epocha pura, epocha dos males – des de 1831 até a maioridade em 1840: esta durou 9 annos.

O tempo que d’ahi segue-se até o presente, fórma uma nova epocha, inqualificavel, e anonyma. O historiador não sabe que nome dar-lhe, o philosopho menos, o politico não sei.

Aquelles que assistiram a execução de tão barbara sentença, abandonaram a praça lançando sobre o cadafalso olhos vingativos, e dizendo:

- Tira-dentes, tua memoria será um dia venerada... e o grande tronco da arvore sagrada da verdadeira liberdade será plantada no mesmo logar em que hoje se-ergueu o teu cadafalso! -

Isto succedeu no seculo passado, no anno de 1793, e no presente seculo em 1822, trinta annos depois, ahi, na mesma praça em que Tira-dentes foi immolado, foi tambem proclamada a Constituição do Imperio do Brasil!



## **EPILOGO.**

Pouco tempo depois a fragata Golphinho regressou á Lisboa, levando a seu bordo os réos da conjuração de Minas, que eram sacerdotes, e mais alguns, poucos; e um brigue tomando a seu bordo os outros condemnados os-levou ao seu destino nos presidios d'África.

Passavam-se estas cousas no Brasil quando outras bem notaveis se-passavam em França; por ultimo, como bem lembra o auctor do Plutarco brasileiro, em 1793 quando os republicanos de França julgavam a Luiz XVI, os realistas de Portugal julgavam a Tira-dentes! Além da differença do crime ha outra que é bem para notar-se, e é que em França era a revolução (e o povo) quem julgava a realeza, e no Brasil era a realeza quem julgava a revolução (ao povo)!

Entre os condemnados que levou a seu bordo o

brigue que deu a vela para Africa, ia Gonzaga. Quando-se-lhe intimou a sentença final, quando comprehendeu que sua innocencia, em que tanto confiára, havia baqueado, sua dôr foi tão excessiva que sua propria musa, essa companheira d'elle inseparavel o-abandonou completamente. Á poesia de dôr succedeu o signal da dôr com todos os extremos de uma viva afflicção, isto é, só lagrimas, e nem-um cantico! Emfim, o poeta partio para Moçambique com seus companheiros de infortunio.

E que faria a terna, e desconsolada Marilia? Entregou-se ás mais violentas dôres a que se-póde entregar um coração amante que perde para sempre um coração que ama, e de quem é amado! Durante alguns tempos taes eram seus padecimentos, quando teve a noticia que o seu Gonzaga, sem jámais esquecer-se d'ella, victima de dolorosa saudade que o-devorava, sem lamentar a perda de uma vida que lhe-pesava, estava á beira da sepultura! E era verdade: mas um anno depois ella soube do restabelecimento do poeta, e que elle se havia casado em Moçambique! Grande foi a sua dôr, mas esta dôr foi uma dôr sublime, como a dôr de um heroe! Marilia gelou-se ao ouvir a noticia, cruzou os braços, e por dous, ou tres minutos esteve muda, e pallida como uma estatua de marfim: depois as rosas do pondunor brilharam em suas faces; um ligeiro sorriso que correu sobre seus labios mesclou-se do-

-lorosamente com duas unicas lagrimas, que medrosas enxovalharam sua augusta dôr!

D'alli por diante (crê-se que por um timbre particular, o que não podia produzir effeito sem sacrificio) Marilia se-mostrou alegre, e ainda jovial! Ninguem a-ouviu mais pronunciar o nome de Gonzaga!

Muitos annos depois, na derradeira quadra de seus annos, muito depois da morte do poeta, quando alguém da actual geração, (isto é, da que succedia á geração contemporanea da conjuração) lhe-pedia noticias de Gonzaga, ella respondia (e parecia ingenua) “que nunca tivera a menor relação com tal homem; que é verdade que quando era elle ouvidor de Minas ouvira dizer que lhe-era affeioado, mas que ella nunca com isso se-importára!”

É preciso fazer justiça: este ficticio esquecimento é uma nobre vingança de um coração de mulher, cujo orgulho se-crê tão intimamente offendido!

Um coração de mulher não perdoa um esquecimento do amante.

Não se-sabe si quando chegou a noticia da morte de Gonzaga Marilia a-sentiu: é de suppor que sim, mas esse segredo só ella revelou ao seu travesseiro.

Quanto Gonzaga, esteve com effeito desenganado, mas escapando ao furor da morte, restabele-

-ceu-se, e casou-e, e pouco tempo depois endoudeceu. Causava lastima vel-o! Gritava, rasgava seus vestidos, feria-se, e isto quasi sem descanço! e sendo que, durante todo o tempo em que esteve em Moçambique antes de sua enfermidade, e durante ella nunca se esqueceu do Brasil, de Marilia, de seus amores, e da poesia, objectos que pareciam gravados em sua alma tão profundamente pela mão do infortunio; durante sua loucura parecia que nunca no Brasil tinha estado, que nunca havia conhecido Marilia, nem que tanto a-tivesse amado, nem ainda de seus versos! Por ultimo, em um certo dia, tendo passado a noute um tanto tranquillo, amanheceu melhor; parecia até que nada soffria. Pela volta das dez horas da manhã mostrou alguma agitação, e no meio d'ella fallou em Marilia, e no Brasil; mas como idéas vagas, que por ventura passassem por sua cabeça: a esta agitação seguiu-se uma prostração mortal; as forças o-abandonaram totalmente, mas o espirito pareceu reganhar quasi toda sua actividade: n'esta languidez (*sic*) de forças, e actividade de espirito lembrou-se então do Brasil, tendo d'elle as mais distinctas notas que em tal estado ter podia! O mesmo foi de Marilia! Então recordou-se de tudo; dos seus amigos, dos seus amores, e da conjuração. Depois de todas estas recordações calou-se, e assim esteve meia hora segura, e no fim d'ella repetiu este soneto:

MOTTE.

*Recebe os cultos d'este peito amante.*

GLOSA.

Ó Marília gentil, ao templo vamos  
Onde amor tem na pyra fogo ardente;  
Quero-te alli; desejo-te presente;  
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande portal; já que chegamos  
Repara n'esta massa reluzente;  
Impuro coração não se-consente  
Em torno ás aras, onde a vista alçamos.

Aqui de amor a chamma s'accrescenta  
Em todo peito fido, alma constante;  
Aqui se-morde a intriga turbulenta.

Mas, Marília! meu bem! um breve instante;  
Ao altar sobe, junto ao Deos t'assenta,  
*Recebe os cultos d'este peito amante.*

Tendo repetido este soneto calou-se. Debalde lhe-fizeram muitas questões, debalde buscaram meios para que elle fallasse, tudo foi debalde, porque ou não quiz mais fallar, ou não pôde. Por fim ás tres horas da tarde, tendo soltado um suspiro e murmurado a palavra – Marília – expirou. Isto foi no anno de 1809.

Seu corpo foi sepultado na Sé de Moçambique. E assim acabou este insigne poeta lyrico, talvez o primeiro poeta d'este genero da nação portugueza!

**FIM.**

Typ. Fluminense de C. M. Lopes.

### Créditos.

*Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* foi digitado por Hebe Cristina da Silva como parte das atividades executadas para a realização do projeto de doutorado “Teixeira e Sousa e o Romance no Brasil”, desenvolvido junto ao IEL/UNICAMP, contando com o financiamento da FAPESP e a orientação da Profa. Dra. Márcia Abreu. A obra foi digitada a partir do original conservado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mantendo-se a grafia e a diagramação da primeira (e única) edição.